

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A SAGRADA FAMÍLIA

A questão do gênero em famílias católicas

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais - opção Antropologia.

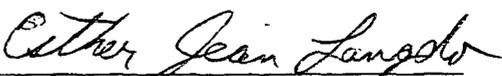
MARIA REGINA AZEVEDO LISBOA

- Florianópolis, Junho de 1987 -

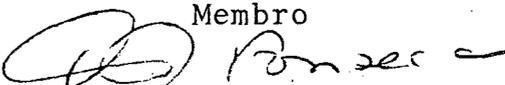
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A SAGRADA FAMÍLIA.  
A QUESTÃO DO GÊNERO EM FAMÍLIAS CATÓLICAS

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores Doutores:

  
Esther Jean Langdon Dra.  
Orientadora

  
Ilka Boaventura Leite Dra.  
Membro

  
Claudia Fonseca Dra.  
Membro

FLORIANÓPOLIS, JULHO DE 1987.

## RESUMO

Este trabalho versa sobre as relações entre os gêneros e as gerações em famílias católicas de "camada média".

O objetivo é verificar qual o princípio dominante nestas relações: a hierarquia ou a igualdade. No primeiro, os gêneros se definem como diferentes e complementares, sendo esta diferença calcada no sexo. Isto estabelece fronteiras rigidamente demarcadas e naturalizadas entre masculino e feminino. No segundo, estas fronteiras se diluem e os gêneros se definem como iguais, sendo as diferenças pessoais.

Assim, é a existência ou não de fronteiras entre os gêneros e os valores a isto relacionados que tomo como eixo para caracterizar os paradigmas "tradicional" e "moderno" de família. A partir daí, vejo como eles aparecem e são vivenciados, na relação entre casais que pertencem a uma associação católica ligada à pastoral da família e na relação com os filhos de ambos os sexos. Neste caso, a existência ou não de fronteira baseada na idade é mais um dado na definição dos paradigmas.

Na relação dos casais, este eixo é verificado através dos valores que orientam a divisão sexual do trabalho, a definição das categorias esposa, marido e da relação entre eles.

Na relação pais e filhos, a questão das fronteiras de gênero é examinada pelos valores que definem as categorias mãe, pai, filho, filha; as expectativas e preocupações dos pais com filhos e filhas, os mecanismos de controle e os valores atribuídos à relação entre eles.

## ABSTRACT

This work deals with the relationships between the genders and generations in "middle class" Roman Catholic Families.

The main objective is to verify the dominating principle in these relationships: hierarchy or equality. In the first type the sexes are defined as different and complementary, the differences being based on sex. This establishes rigid and "naturalized" boundaries between masculine and feminine. In the second type these boundaries are diluted, and the sexes are defined as equal, the differences being considered personal.

Thus, it is the existence or not of boundaries between the genders and the values related to these that I take as the basis for characterizing "traditional" and "modern" paradigms of the family. I examine how these boundaries appear and are experienced in the relationship between couples who belong to a catholic association tied to the family pastoral and in their relationship with their male and female children. In this case, the existence or not of a boundary based on age constitutes another datum in the definition of paradigms.

In the relation between husband and wife, this basis is verified through the values that guide the sexual division of labor, the definition of the categories "wife", and "husband", and the relationship between these values and definitions.

In the relation between parents and children, the question of the boundaries of gender is examined through the values that define the categories mother, father, son and daughter; the expectations and concerns of parents with their sons and daughters, the control mechanisms, and values attributed to the relationship between them.

A colaboração de muitas pessoas foi imprescindível para que este trabalho chegasse ao seu final. Quero expressar minha gratidão:

A Jean Langdon, pela orientação e confiança que sempre teve em mim.

Aos colegas do Departamento de Ciências Sociais da UFSC, por sua compreensão, liberando-me das atividades didáticas durante um período letivo; especialmente:

A Maria José Reis e Neusa Bloemer, pela solidariedade amiga.

A Julia Sílvia Guivant e Maria Amélia Schmidt Dickie, amigas e interlocutoras em vários momentos, pelas valiosas sugestões.

Também quero agradecer ao Mário Teixeira e companheiros, pelo apoio terapêutico, fundamental durante a trajetória do meu trabalho. Assim como aos amigos que, morando longe ou perto, estiveram presentes com seu afeto.

A Ivanilde Herondina Bastos, que como datilógrafa em muito ultrapassou o sentido profissional.

Sou particularmente grata ao Renato pelo carinho e paciência, compartilhando cotidianamente minhas ansiedades, dúvidas e sempre pronto a um gesto, uma palavra de incentivo. Ao Bruno, pelo esforço em entender o distanciamento da mãe.

Finalmente, agradeço a todas as famílias que, expondo suas idéias, me permitiram elaborar este trabalho, o que seria impossível sem a ajuda que me proporcionaram. A todos, meu profundo respeito e consideração.

Ao Renato, Merê e Bruno

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

#### CAPÍTULO I Família: relações de gênero e idade

1. O paradigma "tradicional"
2. O paradigma "moderno"
3. O discurso católico: as relações entre "tradicional" e "moderno"

#### CAPÍTULO II As Famílias

1. A pesquisa de campo
2. Caracterização do universo
  - 2.1 - Composição familiar
  - 2.2 - Situação sócio-econômica
  - 2.3 - A inserção no catolicismo

#### CAPÍTULO III As fronteiras de gênero no casal

1. A divisão sexual do trabalho
  - 1.1 - A mulher no espaço extradoméstico
  - 1.2 - O homem no espaço doméstico
2. O significado de esposa e marido
  - 2.1 - O discurso masculino
  - 2.2 - O discurso feminino
3. Considerações finais

#### CAPÍTULO IV As Fronteiras de gênero nas gerações

1. A visão dos pais
  - 1.1 - Sobre a relação
  - 1.2 - Sobre os alvos de controle
2. A visão dos filhos
  - 2.1 - Sobre a relação
  - 2.2 - Sobre os alvos de controle dos pais
3. Considerações finais

Anexo I - Roteiro da entrevista com os casais

Anexo II - Roteiro da entrevista com filhos e filhas

Bibliografia

"A mulher foi criada para fazer o homem feliz e o homem existe para fazer a mulher feliz. E um existe para completar o outro e os dois existem para, na unidade, multiplicar, procriar, seguindo as palavras de Deus: "crescei e multiplicai-vos". Nesta unidade, um vivendo para o outro, um completando o outro, é que é a razão da família" (Carlos em entrevista).

"... o que podemos captar, dentro da precariedade de nosso conhecimento, sempre é ... uma versão de um todo muito mais complexo, cujos mistérios se sucedem ininterruptamente, à medida que temos a ilusão de tê-los desvendado".

(Gilberto Velho).

## INTRODUÇÃO

O objetivo mais geral deste trabalho é definir qual o ethos<sup>(1)</sup> dominante nas relações entre os gêneros e as gerações num grupo de famílias de "camadas médias", moradoras em Florianópolis e cujos casais pertencem a uma associação vinculada à Igreja Católica, denominada "Equipes de Nossa Senhora".

Na medida em que me refiro a estas famílias como pertencendo às "camadas médias", torna-se importante precisar inicialmente os pressupostos em que me baseio para afirmar isto.

O termo "camada" (ou "estrato") introduz a idéia de uma diferenciação interna na "classe média"<sup>(2)</sup>. Esta diferenciação é comumente calcada na relação entre nível de escolaridade, ocupação e renda<sup>(3)</sup>. Embora estes critérios forneçam uma base na demarcação das famílias (via os casais) que pesquisei como sendo de "camadas médias", não os coloca dentro da mesma posição na estrutura social. Entretanto, ao recorrer ao critério oferecido por Bourdieu, que leva em conta o "sentido do trajeto social"<sup>(4)</sup>, os casais em estudo partilham de uma percepção de sua trajetória como sendo de ascensão social. Isto permite falar destas famílias como pertencendo a uma mesma "camada" social, que aqui defino como "média".

---

(1) Entendo-o segundo a definição de Clifford Geertz. Para o autor, o ethos se refere aos "... aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos ..." (Geertz, 1978:143).

(2) Utilizo este conceito tal como o formulou Giddens: "trabalhadores white-collar não manuais, não proprietários" (Giddens, 1975:215).

(3) Segundo Giddens (1975), os critérios dessa divisão se devem a duas fontes: "diferenças nas possibilidades de mercado" e "variações na divisão do trabalho" (esta referida à divisão no interior da empresa). Ambas têm por base diferenças de nível educacional e técnico, isto é, se a ocupação exige especialização ou não, gerando uma divisão quanto ao nível de renda (Giddens, 1975:227).

(4) Como sugere Bourdieu (1974), "A posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estático ... O ponto da trajetória, que um corte sincrônico apreende, contém sempre o sentido de trajeto social. Logo, sob pena de deixar escapar tudo o que define concretamente a experiência da posição, como etapa de uma ascensão ou de um descenso como promoção ou regressão, é necessário caracterizar cada ponto pela diferencial da função que exprime a curva, isto é, por toda a curva". (Bourdieu, 1974:7).

Por outro lado, alguns autores<sup>(5)</sup> têm apontado para a impossibilidade que critérios de estratificação social e classe têm, de dar conta das diferenças em termos simbólicos, não se podendo deduzir da mesma posição dos agentes na estrutura social, uma identificação simbólica. Quando este aspecto é levado em conta nas pesquisas, "as fronteiras que demarcam os diferentes segmentos das camadas médias, assumem contornos distintos daqueles estabelecidos com base apenas em critérios sócio-econômicos" (Salem, 1985b:4). Cabe no entanto salientar que as "fronteiras simbólicas" serão sempre fluidas, pois dependem do critério que eu utilizo para demarcá-las. Assim, o que serve para estabelecer a identidade entre os agentes empíricos e ao mesmo tempo separá-los de outro grupo, pode uni-los em relação a um terceiro se o critério for outro, como também os diferenciar internamente. As "fronteiras" se definem portanto pela "situação" e não têm um caráter de "substancialidade"<sup>(6)</sup>

As pesquisas mais recentes entre "camadas médias", na área da Antropologia Urbana, que tomam por referência a família (mesmo que ela não seja a unidade de análise), têm se concentrado nos segmentos mais psicologizados<sup>(7)</sup>. A maioria destas pesquisas é feita com moradores da zona sul do Rio de Janeiro, de ethos predominantemente individualista e onde o ser psicanalizado aparece como uma característica dominante<sup>(8)</sup>. Mesmo as pesquisas que não ressaltam isto como característica, mostram que estes segmentos

---

(5) Ressalto aqui, entre outros, os trabalhos de Bruschini e Cava-sin (mimeogr.), Velho (1975 e 1981), além de Velho e Castro (1978).

(6) Cf. Duarte (1986), "Em princípio, "situação" se opõe a "substância" ou "substancialidade", a possibilidade de demarcação universal e irrelativizável das identidades sociais" (Duarte, 1986:43).

(7) Tomo por referência os trabalhos de Almeida (1985); Dauster (1984, 1984a, 1985, 1985a), Lo Bianco (1985), Moraes (1985), Salem (1985, 1985a), Vaitsman (1985) e Velho (1985, 1985a).

(8) Trata-se de um tipo específico de individualismo: a "vertente psicologizante das ideologias individualistas", de que fala Velho (1985:171). Neste caso, "a valorização do indivíduo passa, portanto, por um modelo psicologizante ... existe uma forte ênfase na "descoberta de si mesmo", na "libertação das repressões", na "busca da autenticidade", focalizando sempre as possibilidades de realização e/ou expansão de uma individualidade aceita como premissa" (Velho, 1986:25).

têm valores que se adequam àqueles veiculados pelo discurso psicológico<sup>(9)</sup>.

As pesquisas que ressaltam o ethos holista em segmentos de "camadas médias" são poucas. Até onde pude constatar, há apenas duas: uma sobre um "network" de jovens, moradores num subúrbio carioca (Heilborn, 1984) e outra entre famílias ligadas por laços de consangüinidade e afinidade numa cidade no interior de Minas Gerais (Abreu, 1981 e 1982). Nestas pesquisas, o que aparece é o "sujeito empírico" se auto-definindo por sua posição no grupo, sendo este o valor dominante e não o valor indivíduo<sup>(10)</sup>.

Os autores estão trabalhando portanto, com individualismo e holismo como "fronteiras simbólicas" no interior das "camadas médias". Isto me levou a indagar que contribuição fornece o discurso católico na delimitação destas "fronteiras". Mais especificamente, como interfere nesta demarcação no âmbito das relações internas da família<sup>(11)</sup>.

Na seleção das famílias que compõem o universo da pesquisa, o critério que usei foi o dos casais se acharem vinculados às "Equipes de Nossa Senhora". (Trata-se de uma associação composta só por casais católicos e de ampla repercussão, tanto a nível na -

---

(9) Ver Almeida (1985), Lo Bianco (1985) e Vaitsman (1985). Para Velho, este discurso "é em parte consequência e em parte criador deste tipo de individualismo". (Velho, 1981:32).

(10) Utilizo-me aqui da distinção entre "sujeito empírico" e indivíduo como valor feita por Dumont para os dois significados da categoria indivíduo. O primeiro se refere àquele que "fala, pensa e quer, ou seja, a amostra individual da espécie humana tal como a encontramos em todas as sociedades" e o segundo "o ser moral, independente, autônomo e, por conseguinte, essencialmente não social, portador dos nossos valores supremos, e que se encontra em primeiro lugar em nossa ideologia moderna" (Dumont, 1985:37). Cf. salienta Duarte (1986), esta idéia de indivíduo como "ser independente e autônomo" é parte de uma "configuração de valores", onde a "liberdade" e "igualdade" têm um "compromisso genético" com ele. A primeira se opõe aos "determinismos definidos pela cultura" e a segunda se opõe às "demarcações diferenciais de 'valor' intrínsecas à 'hierarquia'" (Duarte, 1986:45).

(11) Definida aqui como a "família elementar" (composta pelo casal e filhos), que não só é o modelo social dominante como o modelo cristão de família.

cional como internacional<sup>(12)</sup>. Sua direção e organização é formada por leigos. Organizados em equipes, cada uma delas contém um determinado número de casais (em Florianópolis a média é de cinco). Estas equipes estão reunidas em setores (cada cidade pode conter mais de um, dependendo da quantidade de equipes. Em Florianópolis existem três setores, cada um com dez equipes), cada um deles coordenado por um casal. A equipe regional é formada por casais vindos de um dos setores de cada cidade, encarregada da coordenação estadual. Desta equipe, em cada estado, sai um casal para compor a equipe inter-regional, que se reúne em São Paulo (sede da associação no Brasil). Um dos casais que a compõe, representa o Brasil na reunião anual que ocorre em Paris (sede internacional da associação).

A ligação desta associação com a Igreja Católica é feita através dos padres, pois cada equipe (seja a que nível for) tem um como orientador, que será o "conselheiro" ou "diretor espiritual" da mesma (cada padre pode orientar uma ou mais equipes). Eles são nomeados pelo bispo e é neste sentido que a associação se acha vinculada às dioceses locais, se encaixando em uma das várias linhas de pastoral da Igreja: a pastoral familiar<sup>(13)</sup>.

Um dos recortes do universo se deu assim em função dos casais terem uma "experiência sintetizadora"<sup>(14)</sup>, onde o ethos cristão não apenas se reforça, como também é expressão desta prática.

Ao mesmo tempo me interessava ver em que medida os filhos reproduziam ou não os valores dos pais, ou seja, interessava medir o alcance da pregação católica para a caracterização do ethos familiar em termos de individualismo e holismo.

---

(12) Nascida na França, durante a Segunda Guerra Mundial, ela tem ramificações por vários países europeus. No Brasil, a associação começou a se estruturar por volta de 1955 em São Paulo, se estendendo mais tarde por quase todos os estados, nas capitais e nas cidades do interior. Em Florianópolis iniciou-se quatro anos após sua introdução no Brasil.

(13) Estas informações me foram fornecidas pelos entrevistados.

(14) Cf. Salem (1985b), esta se define como tal "na medida em que não só condensa uma visão de mundo como também exige ou expressa, um tipo específico de ethos por parte dos agentes que aderem a esta prática" (Salem, 1985b:9).

Tomei como parâmetro, para examinar as relações no âmbito da família, a existência ou não de fronteiras entre os gêneros, na medida em que esta diferença é levantada, nas pesquisas aqui arroladas, como significativa na definição do ethos destes segmentos.

O primeiro passo então, foi definir através da bibliografia sobre "camadas médias", os paradigmas "tradicional" (que corresponde ao ethos holista) e "moderno" (que corresponde ao ethos individualista). Estes paradigmas não só servem de base para a caracterização do discurso católico, como são o fio condutor deste trabalho.

O segundo capítulo é dividido em duas partes: a primeira diz respeito à pesquisa de campo, como foram feitos os contatos, as entrevistas e os temas abordados. A segunda parte é dedicada a descrever a trajetória dos casais em termos profissionais e a inserção das famílias no catolicismo. Esta parte serve não só para traçar a posição social das famílias, como também de pano de fundo para algumas questões desenvolvidas nos capítulos três e quatro, onde eu analiso o material empírico.

No terceiro capítulo a análise é centrada nos casais, para estabelecer a existência ou não de fronteiras entre os gêneros. Isto foi feito através dos valores que orientam a divisão sexual do trabalho, a definição das categorias esposa, marido e da relação entre eles.

No quarto capítulo a análise é centrada na relação entre pais e filhos. Aqui, a questão das fronteiras de gênero foi examinada através dos valores que definem as categorias pai, mãe, filho, filha; as expectativas e preocupações dos pais em relação aos filhos e filhas, os mecanismos de controle e os valores atribuídos à relação entre eles (onde a questão da existência ou não de uma fronteira baseada na idade é discutida).

## CAPÍTULO I

### - Família: relações de gênero e idade -

"Na família hierárquica, as pessoas são definidas pela posição que ocupam dentro da família, pelo sexo e pela idade. A identidade das pessoas se forma em torno disso ... em geral, há uma certa clareza do que é certo e o que é errado.

Na família igualitária, estas distinções desaparecem. Somos formalmente iguais, mas pessoalmente diferentes ... as diferenças são resultado de opções subjetivas ... estamos no reino da opção, da escolha".

(Figueira, Sérvulo 1985 :6)

Na literatura antropológica sobre "camadas médias", produzida a partir da preocupação dos autores com a relação ego/família, hierarquia e igualitarismo são expressos pelos adjetivos "tradicional" e "moderno"<sup>(1)</sup>. É neste sentido que estarei utilizando estes termos.

Por causa do cunho evolucionista que estas duas categorias contêm, onde o "moderno" é pensado sucedendo o "tradicional" e se valora positivamente o primeiro e negativamente o segundo, é importante esclarecer que compartilho com os autores anteriormente mencionados, do pressuposto da "diversidade de ethos no interior das camadas médias, bem como sua condição plural"(cf. ressalta Salem, 1985a:6)<sup>(2)</sup>. Reconheço assim, ambas categorias como duas for -

---

(1) Para os autores a que me refiro, ver nota 7 e pág.03, na introdução deste trabalho.

(2) Para a relação disto com as "sociedades modernas complexas" e/ou a "metrópole", ver Velho (1981 cap. I) e Simmel (1973). A multiplicidade de códigos culturais também é apontada no artigo de Velho e Castro (1978).

mas de conceber a "realidade".

Somente sob uma ótica etnocêntrica, onde o "moderno" é tomado como "ideal", "bom", "correto", se poderia conceber o outro como seu oposto, invalidando-o. Isto é perceptível em alguns autores que consideram a família um espaço que cria e reafirma hierarquias de sexo e idade. A crítica a ela vai na direção de apontá-la como um locus de "repressão" à "liberdade individual". Assim, o campo de debate está delimitado pela questão da dicotomia indivíduo/família<sup>(3)</sup>. Esta problemática é no entanto tomada tendo um apriori inquestionável: o valor indivíduo, pensado por "essência" livre e autônomo. Trata-se a meu ver de uma problemática construída a partir da percepção do holismo pela ótica do individualismo, onde hierarquia passa então a ser sinônimo de "opressão", "atraso" ou "patologia".

O mesmo pressuposto está presente numa série de autores que falam, por exemplo, de "opressão" da mulher por ela ficar restrita ao "doméstico"<sup>(4)</sup> sendo a igualdade o resultado da interpretação de "doméstico e extra-doméstico" pelos dois gêneros. Também entre aqueles que propõem a dissolução do processo diferente de socialização de meninos e meninas como sinal de igualdade<sup>(5)</sup>. O discurso feminista é uma das formas nas quais este pressuposto se atualiza<sup>(6)</sup>.

Assim, em cima de uma idéia bem precisa de indivíduo e conseqüentemente de igualdade, é construído e reforçado um modelo de "moderno", para o qual o "tradicional" deveria caminhar.

Ao tomar "tradicional" e "moderno" como paradigmas, procuro não só evitar a postura evolucionista, mas porque isto me permite pensar as "realidades" como atualizadoras, em forma simultânea e desigual dos dois paradigmas. Assim, na pesquisa de Abreu

---

(3) Nesta linha, por exemplo, estão os trabalhos de Reich(1970), Mitchell(1967) e Adorno e Horkheimer (1969); citados por Morais (1981:46). Além de Laing (1983), Cooper (1980) e Esterson(1980).

(4) Rosaldo e Lamphere(1979), Salem(1981), Barros(1981) e Prado (1981).

(5) Morais (1981), Belotti(1977) e Falconnet & Lefaucheur (1977).

(6) Para feminismo como uma faceta do individualismo e sendo um discurso construtor de normas, ver Franchetto et alii (1981).

(1981, 1982), ele mostra a existência do individualismo onde o ethos dominante é holista. A maioria dos autores que pesquisam os segmentos médios de ethos individualista, colocam como conclusão a existência também nestes do ethos holista, onde os princípios hierárquico e igualitário coexistem numa relação de dominância de um sobre o outro (7). O que alguns destes autores apontam é que neste caso ocorre uma tensão entre os dois, que se converte em "crise" para o casal (Salem, 1985) e/ou conflito entre pais e filhos (Salem, 1980). É neste contexto que a problemática da dicotomia indivíduo/família se atualiza, sendo os conflitos constitutivos da própria existência do individualismo (cf. Salem, 1985).

Do ponto de vista dos portadores do ethos holista, mais especificamente, de uma família "tradicional", as tensões oriundas do conflito descrito acima, são em geral percebidas como "desvios" de comportamento (8). O "desvio", aliás, é a ameaça mais constante que paira sobre o ethos holista, onde lugares e desempenhos estão preestabelecidos. Não por acaso, este ethos tem a família "tradicional" como "preventiva da anomia" (9). A família "tradicional", nos momentos de "crise", aciona os mecanismos de controle previstos para dar conta dos comportamentos "desviantes".

Na família "moderna", que é configurada, por definição, num contrato entre as partes, a negociação proporciona a flexibilidade para a redefinição dos comportamentos envolvidos. Isso difere muito da tentativa de enquadramento do "desviante" no padrão preestabelecido, solução própria da família "tradicional" para as tensões e os conflitos oriundos da penetração no seu âmbito de valores individualistas.

O que pretendo aqui, é estabelecer com mais detalhes as características do que seja "tradicional" e "moderno" (levantadas na bibliografia sobre "camadas médias"), tomando-os como paradigmas, sem que isto implique portanto na visualização deles como

---

(7) Dauster (1984, 1984a, 1985, 1985a), Nicolaci (1985), Salem (1985, 1985a), Velho (1985, 1985a).

(8) Cf. Becker, apud Velho (1974:23) para quem "os grupos sociais criam o desvio ao estabelecer as regras cuja infração constitui desvio".

(9) Para família como "preventivo contra anomia", ver Salem (1985: 54-55).

formas estanques. (Em seguida analiso o discurso católico sobre família para entender as articulações dele com estes paradigmas, em termos de predominância e também os mecanismos de controle dos possíveis "desvios" destes paradigmas,

O discurso religioso é interessante para este tipo de análise, dado o seu caráter de guia de atitudes. No caso específico das associações de casais católicos, a questão assume um caráter dinâmico e atual. Segundo Camargo (1973), a criação no Brasil de "movimentos agrupando casais que se reúnem sob a orientação de padres, a fim de receber não só instrução religiosa como também assistência para a solução de diversos problemas relativos à vida familiar", faz parte de uma redefinição pastoral implementada durante as últimas três décadas por membros da hierarquia eclesiástica que, seguindo a orientação do Vaticano, vão atuar "no sentido de internalizar a religião", objetivando com isso "acompanhar o processo de mudança que se vem desenvolvendo nas diversas áreas da sociedade moderna" (Camargo, 1973:76).

Tomando como referência o "Movimento Familiar Cristão" e as "Equipes de Nazaré", Camargo (1973) os conceitua como "movimentos católicos de internalização"<sup>(10)</sup>. Neste "processo de internalização", o objetivo é "reavivar a consciência religiosa", onde "a percepção de valores de real importância para a sociedade moderna", vão ser "entendidos e vividos como expressão da mensagem cristã" (Camargo, 1973:81). A importância dele está em "transformar a vida religiosa em experiência profundamente significativa para as pessoas" e neste sentido "atende necessariamente a problemas e situações sociais concretas" (Camargo, 1973:82), podendo ter uma "função de modernização", "contestação" ou "tradicionalista" (ibdem).

(Retomando as definições que abrem este capítulo, a família "tradicional" está dentro de um princípio hierárquico, onde os agentes empíricos têm suas posições definidas pelo sexo e idade. Isto supõe que as fronteiras entre os gêneros e entre as gerações sejam rigidamente demarcadas. Na família "moderna", baseada no

---

(10) Para este autor, "o conceito de internalização refere-se à maneira pela qual o fiel participa da vida religiosa, adotando seus valores, normas e práticas de modo consciente e deliberado" (Camargo, 1973:77).

princípio de igualdade, estas fronteiras se diluem.

Assim, uma das características que vai definir e distinguir os segmentos "tradicionais" e "modernos" na "camada média urbana" é a maior ou menor rigidez na demarcação das fronteiras entre masculino e feminino. Este será o eixo principal que tomarei para a caracterização dos paradigmas. Os pontos que abordo em cada um deles, dizem respeito aos planos onde a existência ou não destas fronteiras se atualiza, tendo destacado aqueles que considerarei relevantes para a análise do material empírico. A caracterização da presença ou não da fronteira baseada na idade, está inserida como mais um dado na definição dos paradigmas.

### 1. O paradigma "tradicional"

Na família "tradicional", os gêneros são definidos como diferentes e mantendo entre si uma relação de complementaridade. Assim, "a mulher - símbolo da moral doméstica - está basicamente referida à família e ao lar ao passo que o homem, ao domínio público e ao trabalho. Enquanto que as mulheres são avaliadas em função de sua conduta moral, os homens o são com base no seu desempenho profissional" (Salem, 1985b:22)<sup>(11)</sup>.

O comportamento do homem e da mulher são avaliados em função dos valores diferentes alocados em cada um, numa visão naturalizada do feminino e do masculino, como se a cada sexo correspondesse um tipo de comportamento pelo fato biológico em si.

Esta divisão vai se atualizar em diferentes planos.

No plano da sexualidade, como aponta Dauster (1984), "associa-se à mulher 'o sagrado e os valores do coração'.... (estes) associados à casa, à família ... Por sua vez o homem é repositário da autoridade moral, mas não da afetividade, e a ele cabe o controle da sexualidade feminina para salvaguardar a sua própria honra depositada na imagem feminina" (Dauster, 1984:4); ou seja, o locus

---

(11) O trabalho de Abreu (1982), conclui nesta direção.

da honra masculina e da família é a mulher<sup>(12)</sup>. Neste sentido, é que enquanto "guardiã dos valores do coração", a mulher caberia "revestir o exercício da sexualidade com o sentimento amoroso sob pena de se projetar fora do universo relacional da família, que tem como uma de suas fronteiras a prostituição. Inversamente ... o padrão social do comportamento masculino é 'tradicionalmente' representado através da possibilidade do exercício do sexo sem amor" (ibdem, p.6)<sup>(13)</sup>. Com isto, valores como virgindade (relações pré-conjugais) e adultério (relações extra-conjugais), "podem ser percebidos a partir de um 'duplo padrão de moralidade'" (ibdem), onde o que é aceito para o homem é negado para a mulher e vice-versa. Heilborn (1984), por exemplo, constata entre um network de jovens<sup>(14)</sup>, que os rapazes fazem uma distinção entre as "'meninas sérias' (as tradicionais moças de família) e as meninas 'que dão mole'" (Heilborn, 1984:91). Uma classificação que as valoriza ou não para o casamento, "lugar adequado para o sexo". Por isso, "a virgindade desempenha um papel crucial na moral feminina e sua perda é encarada como altamente problemática" (ibdem, 94). No entanto, para os rapazes isto não é "problema" <sup>(15)</sup>.

O "duplo padrão de moralidade" se mantém e é reforçado, através do processo diferencial de socialização a que são coloca-

---

(12) Esta idéia também se encontra presente na análise comparativa que Aragão (1983) faz da categoria esposa-mãe nas sociedades mediterrâneas e brasileira, assim como seu caráter sagrado.

(13) Sendo o amor um valor associado ao individualismo, ele se encontra englobado ao holismo na medida em que opere uma diferença entre formas masculina e feminina de relacionar sexo e amor a partir de características "naturais" colocadas em cada um. Isto, por exemplo, é feito pelo discurso médico higienista no Brasil que, segundo Costa (1983), afirmava ser o homem "menos propenso ao amor ... menos consistente e menos abnegado ... (sendo) sua verdadeira inclinação ... o desejo do gozo puramente sexual". Ao mesmo tempo estabelecia a "natureza intrinsecamente afetiva" da mulher. A ela eram atribuídas as qualidades de "meiga, devotada" e ao homem o ser "menos amoroso e duro", "mais racional, menos afetivo" (Costa, 1983:235/37 e 251).

(14) Trata-se de jovens entre 15 e 20 anos, moradores de um subúrbio carioca.

(15) Goldberg et alii (1975) também constatou, na pesquisa que fez entre jovens vestibulandos em São Paulo, a posição majoritária de considerar a virgindade feminina "essencial" e a masculina "prejudicial", sendo que a percentagem maior para esta posição era de jovens que moravam no interior de S. Paulo (Goldberg et alii 1975:108).

das crianças e jovens. Um aspecto desta diferença está na requisição por parte dos pais de que as filhas tenham um envolvimento afetivo maior nas relações interpessoais, o mesmo não ocorrendo com os filhos. A expectativa dos pais de que as jovens sejam "abertas" e os rapazes "fechados", que o trabalho de Salem (1980) levanta, é a meu ver demonstração disto. Se o locus da afetividade é atribuído à mulher, não é de se admirar a conclusão que chegou Salem (1980) de que rapazes e moças manifestam como "natural" a sexualidade dos primeiros desvinculada de sentimento (em nome de uma "necessidade biológica") e os rapazes classificam esta mesma atitude nas moças como "um ato de perversão", só a tornando válida e legítima enquanto consequência de "um ato de amor" (Salem, 1980:182).

A preocupação e o controle maior dos pais com o comportamento sexual das filhas <sup>(16)</sup> e com a "atuação acadêmica e profissional" dos filhos (cf. Salem, 1980:132), é outro aspecto demonstrativo deste "duplo padrão"; confirmando também a diferença, apontada no início deste item, de que a mulher é avaliada em termos morais e o homem em termos profissionais. A presença desta mesma divisão na qualificação e aceitação dos futuros cônjuges de filhos e filhas, num contexto onde a ascensão social foi vivenciada, revela que a preservação do status familiar, através do casamento, é um projeto que vai se realizar (ou a tentativa de) com as mulheres garantindo a continuidade moral e os homens a posição social (cf. Abreu, 1982; Salem, 1980).

No plano da divisão das tarefas, na medida em que o espaço feminino é o lar e o masculino é o "público" (através do trabalho), ficarão a cargo da mulher o trabalho doméstico e o cuidado e orientação dos filhos, sendo encargo do homem o trabalho fora de casa, na medida em que é ele considerado o responsável pela manutenção da família (o provedor).

Mesmo que a mulher tenha alguém para auxiliá-la, o que não é incomum na classe média, ela continua na administração da casa e caso ingresse no mercado de trabalho, a divisão em casa não se altera, o que acarreta a tão falada "dupla jornada de trabalho"

---

(16) Dentro de uma linha de demonstração mais genérica sobre este ponto e o anterior, ver também Morais (1981), Belotti (1977) e Falconnet & Lefaucheur (1977).

(cf. Barroso et alii, mimeogr. 76 e 91; e Blay 1975:15).

O trabalho extra-doméstico da mulher é validado nos casos em que é necessário completar o orçamento doméstico, quando o marido não ganha o suficiente. Não deve, entretanto, comprometer o desempenho da mulher como mãe e dona de casa, pelo qual ela é avaliada. Daí a importância dele ser exercido por meio período (cf. Blay, 1975) (17).

No que diz respeito à relação pais e filhos, esta é definida através das noções de "respeito" e "autoridade", o que caracteriza a assimetria da relação (cf. Heilborn, 1984).

Os significados de pai, mãe e filhos vão ser assim definidos: o pai é a "maior autoridade", "severo porém justo"; a mãe deve ser "carinhosa e desvelada"; e os filhos "obedientes, cumpridores dos deveres" (Moraes, 1981a:6).

## 2. O Paradigma "Moderno"

Na família "moderna", vai ocorrer o questionamento nos critérios que definem masculino e feminino, com a proposta da diluição das diferenças calcadas no sexo, sendo estas "resultado de opções subjetivas" (cf. Sêrvulo, 1985a:6). Os valores base que acionam isto são a "igualdade" e a "liberdade" de cada um.

No plano da sexualidade, a "modernidade" se caracteriza pela "dissolução das fronteiras rígidas do 'duplo padrão de moralidade'" (Dauster, 1984:7).

No plano da divisão das tarefas, homem e mulher trabalham fora de casa e dividem o trabalho doméstico e a educação dos filhos (18).

O trabalho extra-doméstico da mulher é encarado por ela como "condição de sua autonomia" e "oportunidade de um desabrochar pessoal" (Badinter, 1986:196).

---

(17) Ser favorável ao trabalho da mulher fora de casa somente sob estas condições, também é encontrado por Goldberg et alii (1975 : 100) como a posição da maioria dos jovens vestibulandos paulistas que ela entrevistou.

(18) Cf. Barros (1985) e Salem (1985a).

Na relação pais e filhos, é valorado o "relacionamento 'aberto', 'franco' e pautado no 'diálogo'" (Salem, 1985b:23). Uma relação não mais marcada pela assimetria, onde o critério idade é relevante, mas pela "igualdade".

O que é valorizado no pai é que ele seja "mais atuante e participante" (Salem, 1985a:5) e tenha um envolvimento afetivo maior com o filho (cf. Salem, 1985), terminando com a dicotomia : pai distante, figura de autoridade e mãe próxima, figura de afeto.

Poder-se-ia, também, por oposição ao que foi relatado na família "tradicional", falar, como Badinter (1986), na presença da idéia de que a educação dos filhos deve ser "comum e idêntica às crianças dos dois sexos" (Badinter, 1986:194).

Uma outra característica diz respeito à maneira de conceber o casamento. Não mais como uma união indissolúvel, mas contingente (Badinter, 1986). Mesmo que a permanência da união continue a ser um "valor fundamental", há a "tolerância" e a "legitimação da ruptura dos casamentos. O valor básico que sustenta essa possibilidade é a felicidade e realização individual", conforme constata Velho (1985:2) em sua pesquisa.

A relação entre o casal é pautada pela "negociação", onde a manutenção da "identidade pessoal", da "individualidade" e "liberdade" de cada um são valorados na relação (19).

Vale salientar ainda a importância que adquire o amor para definir as relações intra-familiares (envolvendo de um lado o casal e de outro pais e filhos). A presença deste sentimento, trazido por amor, é marca de "modernidade" na medida em que "seu fundamento reside em outro valor que não o grupo, mas sim a personalidade individual de seus membros", sendo "característica marcante deste pensamento a crença na união familiar aglutinada através de afinidades e sentimentos" (Dauster, 1985:5-6), critérios que podem estar presentes na definição de família (20).

---

(19) São estes valores, por exemplo, que servem de argumento para os casais que, mantendo "uma relação afetiva e sexual estável", têm residências separadas (cf. Vaitsman, 1985:3) ou para aqueles que propõem um "relacionamento aberto" (Ver in: Salem, 1985b).

(20) Cf. Dauster (1985) e Salem (1980).

Marcando também a escolha do cônjuge, o amor introduz a idéia de que o casamento não é mais "um caso essencialmente religioso, social ou econômico, mas antes de tudo um negócio privado, que engaja dois indivíduos e não mais duas famílias" (Badinter, 1986:206) (21).

### 3. O Discurso Católico: as relações entre "tradicional" e "moderno"

Os mesmos pontos que demarcaram a "tradicionalidade" e "modernidade" da família, são agora levantados na perspectiva do discurso católico. Este, sendo um importante ponto de referência para os casais pensarem seu cotidiano familiar (via "equipes"), justifica a inclusão deste tópico no presente trabalho. Ao mesmo tempo, isto me permite parâmetros para que eu possa pensar o quanto o catolicismo, no que se refere especificamente a temas relacionados com a família, fornece "fronteiras" entre individualismo e holismo.

Antes de entrar na caracterização da fonte que tomei como base, é necessário um esclarecimento no sentido de relativizar o que no parágrafo anterior pode ser tomado como generalizador.

Não estou objetivando dar conta do pensamento católico como um todo sobre o assunto, pois pressupor qualquer unidade neste campo seria no mínimo precipitado. Vários autores (22), inclusive, têm ressaltado a dificuldade de se pensar numa homogeneização do catolicismo, apontando descontinuidades que ocorrem em vários níveis. O primeiro, as "margens de fissuras entre o 'pensamento oficial', formulado pelos órgãos decisórios católicos, e o 'pensamento dos agentes institucionais' espalhados ao longo de uma nação "

---

(21) A relação entre amor e individualismo, rompendo com a "tradicionalidade" da aliança entre famílias (onde o grupo é o valor maior), está presente também no artigo de Casto e Araújo(1977).

Ver também Badinter(1985 e 1986), onde ela relaciona o aparecimento do amor como elo na família e sua relação com valores de "liberdade", "igualdade" e "autonomia individual".

(22) Refiro-me aqui a Ribeiro(1986), Wanderley(1978), Prandi(1975) e Camargo et alii (1973).

(Ribeiro, 1986:7). Os outros níveis são os que se encontram no interior da própria hierarquia eclesiástica nacional, "diversificados já em si e ainda colocados diante de demandas e pressões, de ordem variada, por parte de clientelas de fiéis nem sempre homogêneas" (Ribeiro, id) e onde a interpretação diferente do conteúdo doutrinário é sempre uma possibilidade em aberto, assim como o nível de envolvimento dos fiéis em relação ao catolicismo. Como afirma Camargo (1973), "o próprio emprego das expressões 'católico praticante' e 'católico não praticante' indica a percepção dos adeptos sobre níveis diversos de adesão à vida religiosa" (Camargo et alii, 1973: 42).

Se, diante deste quadro, qualquer divulgador de mensagens católicas também não deve ser generalizado como representando o catolicismo, por outro lado algumas mensagens podem ser delimitadas como expressivas de certos setores dentro da Igreja e sua importância contextualizada.

A fonte que utilizo como referência base é a 'FAMILIARES CONSORTIO'. Este é um documento de 'exortação apostólica', ou seja, "é uma pregação coletiva, por escrito, que pretende ser um documento eminentemente pastoral" (Ribeiro, 1986:9), servindo portanto de guia para o comportamento dos fiéis, sem ter um caráter dogmático (23). Ele tem "menor peso do que uma Encíclica ... expressão do consenso da Igreja Universal ... (cujo) crédito pode chegar a equiparar-se ao de uma 'constituição'" (Ribeiro, id). No entanto, apesar disto, a 'FAMILIARES CONSORTIO' tem uma importância maior na medida em que sua publicação foi aprovada num Sínodo (de 1980), cujo tema era "As funções da Família Cristã no mundo de hoje" (Ribeiro, id). Além disso, este documento está calcado na 'ENCICLICA GAUDIUM ET SPES (Paulo VI e Padres Conciliares, 1965)' que tem, segundo Ribeiro (1986:9), um caráter 'dogmático - pastoral'. Isto aumenta a representatividade deste documento como expressivo da posição oficial da Igreja Católica. Acrescento a isto que este é o único documento onde se pode encontrar sintetizadas todas as principais questões referentes à família. Há de conside -

---

(23) Para a Igreja Católica o 'dogma' tem o caráter de lei, não devendo portanto ser violado.

rar também que sendo um documento elaborado por um "órgão decisório católico", oriundo do Vaticano, se trata da Igreja enquanto "Instituição Universal" e que existe a "tributarietà da Igreja Católica Nacional à Igreja Universal" (cf. Ribeiro, 1986:4). Esta característica das "Igrejas Nacionais", faz com que seus discursos sejam não apenas orientados pelo discurso oficial, mas mantenham também uma relação de subordinação a ele.

Uma outra razão importante para tomar a 'FAMILIARES CONSORTIO' para análise, é a menção que a ela fizeram as famílias entrevistadas, afirmando que o discutiam em suas "equipes". Sendo estas de "setores" diferentes, a referência que fazem ao documento me possibilita assumir não só que os casais estão vinculados a um mesmo discurso religioso homogeneizador, como este tem grande penetração nas "Equipes de Nossa Senhora".

Ao longo da análise sobre o discurso dos membros das famílias, ver-se-ã os pontos de confluência ou não entre eles e o que apresenta a "FAMILIARES CONSORTIO". Por ora, quero salientar que tomo o discurso das famílias como expressivos de uma apropriação particular do discurso oficial católico. Por isto me é útil uma verificação dos significados veiculados por este discurso. É neste contexto que vejo a relevância heurística de tomar como referência a 'FAMILIARES CONSORTIO'.

### 3.1 - A análise do documento

Uma dificuldade com que me defrontei ao analisar este documento, é que os temas que ele contém se encontram articulados entre si e juntam, numa relação inseparável, um valor a outro. Isto implica que, para entender a "modernidade" ou não de certos valores no discurso "tradicional" católico, é preciso considerar as relações destes valores com outros. Por isso, a explanação que a seguir faço, toma um rumo diferente daquele feito em relação aos paradigmas "tradicional" e "moderno", e deixo para o final as comparações com eles.

Logo na introdução do documento já é colocada a necessidade da Igreja "proclamar a todos o desígnio de Deus sobre o matri-

mônio e sobre a família... num momento histórico em que a família é alvo de numerosas forças que a procuram destruir ou deformar" (nº 3). Os "sinais" disto seriam: o aumento do número de divórcios, a aceitação do aborto, da esterilização e da contracepção fora dos "métodos naturais de regulação da fertilidade", a "recusa das normas morais ... da sexualidade no matrimônio", além de "uma errada concepção ... da independência dos cônjuges entre si" e as "graves ambiguidades acerca da relação de autoridade entre pais e filhos" (nºs 6 e 7). A causa é colocada na "corrupção da idéia e da experiência de liberdade, concebida não como capacidade de realizar a verdade do projeto de Deus sobre o matrimônio e a família, mas como força autônoma de afirmação ... para o próprio bem estar egoístico" (nº 6). Daí, "o apelo do Concílio Vaticano II para que se supere a ética individualística" (nº 44).

A isto o discurso católico vai se contrapor, reafirmando: que a família é uma "comunidade de pessoas", baseada no amor ( que significa a "doação de si aos outros"); que esta deve ser "conservada e aperfeiçoada" através da "compreensão, tolerância e perdão" ("espírito de sacrifício") entre cada um dos membros da família ; que a estes cabe a "responsabilidade de superar todas as divisões e de caminhar para a plena verdade querida por Deus ... que todos sejam um" (nº 21).

A unidade é garantida pela complementaridade e reciprocidade.

A complementaridade entre os gêneros e entre pais e filhos é definida como "natural", alicerçada na idéia de que cada um deles tem "vocações" diferentes. A complementaridade entre "vocações" diversas, supõe a doação, sendo esta um dos principais valores da vida em conjunto. Um outro valor enfatizado é a dignidade. "Vocações" e "dignidade igual" devem ser "respeitadas e promovidas".

A plenitude das realizações dos membros da família está no alcançar o "dom sincero de si mesmo" (nº 22), no exercício de suas "vocações". Este é um dom divino.

A participação da mulher no mercado de trabalho é aceita, tendo como justificativa a idéia de igual dignidade do homem e da mulher. No entanto, logo a seguir há a afirmação de que "a verdadeira promoção da mulher exige também que seja claramente reconhecido

o valor da sua função materna e familiar em confronto com todas as outras tarefas públicas ... Isto conseguir-se-á ... (se houver um esclarecimento sobre) o significado original e insubstituível do trabalho da casa e da educação dos filhos" (nº 23). Continua o documento falando que é necessário "superar-se a mentalidade segundo a qual a honra da mulher deriva mais do trabalho externo do que da atividade familiar" (nº 23). Além disso, "a sociedade deve estruturar-se de maneira tal que as esposas e as mães não sejam de fato constringidas a trabalhar fora de casa". Se isto for necessário, o que aí justifica na verdade ela fazer isso, "devem tais tarefas... integrar-se entre si".

A idéia de igualdade que propicia o trabalho extra-doméstico feminino, não está relacionada à igualdade entre "indivíduos autônomos". Trata-se de uma igualdade genérica<sup>(24)</sup> e que, atribuindo igual valor às "vocações", reforça a manutenção das diferenças.

*"Ao criar o homem 'varão e mulher', Deus dá a dignidade pessoal de igual modo ao homem e à mulher, enriquecendo-os dos direitos inalienáveis e das responsabilidades que são próprias da pessoa humana ... (como dirá o Apóstolo Paulo: "Porque todos vós sois filhos de Deus... não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus" (nº 22).*

Na medida em que é atribuído igual valor para as "vocações" diferentes, é possível que o discurso católico fale de igualdade e uma "natureza" diferente, mantendo-se assim dentro do paradigma "tradicional".

E com este conceito de igualdade, que o discurso católico se adequa a uma realidade que se coloca há muito, que é o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Só que o sentido validado para isto é o de contribuir com o marido, ou seja, é um valor complementar. Embora seja enfatizado que o trabalho do homem e da

---

(24) Refere-se a uma faceta da "configuração de valores" que caracteriza o individualismo, onde não existe diferenciação nos valores (cf. Duarte, 1986:45).

mulher fora de casa sejam de igual valor, isto na verdade não ocorre, na medida em que para a mulher o valor maior está no cumprimento de sua "vocação": a "atividade familiar" e aí é que está a "promoção" de sua "dignidade". A justificativa pela qual ela pode ultrapassar os limites da "vocação" é quando isto significa uma "doação" para o conjunto. Donde se conclui seja a "vocação" do homem a de provedor.

A idéia de "vocações" diferentes, define homem e mulher como partes complementares de um todo integrado, vinculando a mulher ao espaço doméstico e o homem ao público. Neste sentido, demarca rigidamente as fronteiras de gênero. A igualdade, sendo a atribuição de igual valor às diferenças "naturais", não rompe com o princípio hierárquico, mas é por ele englobada.

Vejamos agora em que consiste a "vocação" dos pais e dos filhos: é uma relação definida pela autoridade dos primeiros e a obediência e respeito dos segundos:

*"Mediante o amor, o respeito, a obediência aos pais, os filhos dão a sua contribuição específica e insubstituível para a edificação de uma família autenticamente humana e cristã" (nº 21).*

É importante para isso, os pais:

*"exercerem a sua autoridade irrenunciável ... como um serviço ordenado ao bem humano e cristão dos filhos ... (visando) proporcionar-lhes uma liberdade verdadeiramente responsável" (nº 21).*

Como já coloquei no início deste item, liberdade significa "capacidade de realizar a verdade do projeto de Deus sobre o matrimônio e a família" (nº 6). Neste sentido, a "liberdade responsável" pode ser traduzida como cabendo aos pais transmitir aos filhos os valores cristãos levantados até aqui e com autoridade e os filhos devem obedecer, isto é, seguir à risca os ensinamentos cristãos.

Ao mesmo tempo o documento salienta que o pai não deve ter uma "presença opressiva" e ter "um empenho educativo mais soli

cito e dividido com a esposa" (nº 25).

Na relação do casal, a igualdade é agora acionada para definir que esta relação seja baseada na amizade e no amor e não mais numa relação "senhor/escrava". No entanto permanece a idéia de que o homem é a autoridade, não devendo ter a "superioridade abusiva das prerrogativas masculinas" (definido no documento como "machismo") (nº 25).

Em relação à sexualidade, a vinculação entre sexo e amor não aparece de forma diferenciada para homens e mulheres. Ambos só devem exercê-lo conjuntamente com este sentimento. No entanto, este amor é definido como "verdadeiro" na medida em que seja "doação pessoal total" e o "lugar único" que torna possível esta "doação" é o matrimônio. Fora dele, o sexo é considerado "algo puramente biológico" ("a doação física total seria falsa se não fosse sinal e fruto da doação pessoal total") (nº 11). Isto significa dizer que só através do casamento corpo e alma se reúnem.

O discurso católico opera assim uma dicotomia entre amor falso e amor verdadeiro. O primeiro, é o exercício da sexualidade fora do casamento, onde ela é percebida como "coligação unicamente ao corpo e ao prazer egoístico" (nº 37). O outro, é onde a sexualidade é exercida no casamento, onde então se dá a "doação pessoal total", união de corpo e alma. Esta definição é clara no documento:

*"A sexualidade, de fato, é uma riqueza de toda a pessoa-corpo, sentimento e alma - e manifesta o seu significado íntimo ao levar a pessoa ao dom de si no amor" (nº 37).*

Mas restaria a interrogação: porque o amor só se legitima (é "doação pessoal total") com o casamento ?

Ao definir o casamento como um "pacto de amor", o discurso católico oficial modifica parcialmente a posição defendida há séculos pela Igreja Católica de que a relação sexual só se justifica quando tem finalidade procriativa (25). No entanto permanecem

---

(25) Cf. Ribeiro(1986), é só a partir de 1965, com a ' Encíclica GAUDIUM ET SPES', "que a Doutrina Católica passa a considerar o casamento enquanto 'pacto de amor', constituindo assim, " o amor dos cônjuges enquanto categoria central da Teologia Matrimonial " (Ribeiro, 1986:25).

os princípios unitivo ("já não são dois, mas um") e procriativo ("esta totalidade pedida pelo amor conjugal corresponde também às exigências de uma fecundidade responsável"). Ao voltar a relacionar os princípios unitivo e procriativo do casamento como formas de realização da "doação total", este documento reafirma a posição da 'HUMANAE VITAE', de 1968. Como afirma Ribeiro (1986), "o que se acha vinculado agora é o amor e a transmissão da vida" (Ribeiro, 1986:18). Anteriormente só havia a vinculação casamento transmissão de vida. Entretanto o discurso católico agora incorpora uma categoria "moderna" sem que isto implique rompimento com esta relação. Ao contrário, esta se justifica agora em nome do amor. Assim, a sexualidade não está legitimada só pelo amor, mas quando este sentimento envolve a possibilidade de levar à procriação e isso responde à interrogação de porque o amor só é verdadeiro com o casamento.

Há que considerar ainda que é através do casamento que sexo e amor são divinos. Em nome do amor o discurso católico também reafirma a indissolubilidade do casamento, a fidelidade conjugal e a monogamia, pois a "doação pessoal total" implica nisso. Como decorrência enfatiza como "absolutamente irrenunciável", a educação objetivando a manutenção da castidade para o homem e da virgindade para a mulher até o casamento.

Embora seja o amor um valor do individualismo e aqui o documento também o coloque assim ("é uma escolha consciente e livre" (nº 11)), este amor ao mesmo tempo, só se realiza ("amor verdadeiro") no casamento, que em sendo um sacramento, é como tal subordinado aos "desígnios de Deus". Isto não invalida a "modernidade" do discurso católico no que diz respeito à escolha do cônjuge, que sendo através do amor, faz desta escolha "antes de tudo um negócio privado, que engaja dois indivíduos" (Badinter, 1986:206).

### 3.2 - Conclusões

O discurso católico é um discurso estratégico. Coloca claramente quem é o opositor mas é suficientemente hábil para, dando-se conta da irreversibilidade de algumas categorias do para-

digma individualista, tentar uma aproximação reformulando seus significados. Quero dizer com isto que o discurso católico se orienta por um paradigma holista (portanto próximo do "tradicional" das "camadas médias") e subordina a ele categorias do universo simbólico individualista, ao qual a rigor se contrapõe.

A tensão entre "tradicional" e "moderno" (ethos holista e ethos individualista), apontada no início deste capítulo, parece não ser percebida neste discurso católico, mas ele é produzido para tentar uma "solução" desta tensão.

A concepção católica da família, como uma unidade composta de "vocações" naturais complementares, vincula o discurso da 'FAMILIARES CONSORTIO' ao paradigma "tradicional", reforçada esta vinculação pela assimetria das relações pais e filhos. O caráter hierárquico do grupo familiar é nítido.

No entanto, a complementaridade vem associada a categorias facilmente identificáveis com o paradigma "moderno": "amor", "liberdade", "respeito" e "igualdade".

O amor porém, é aqui um dom divino e que se realiza como característica humana pela "doação de si ao outro". Neste sentido é valorizado como solução, resposta, compensação e justificativa para desempenhos complementares, necessários para a manutenção da unidade familiar. Liberdade não se relaciona a "indivíduos autônomos", mas à execução da "vontade divina", numa ordem preestabelecida. Respeito e igualdade o são, das "vocações" naturais, vinculadas a sexo e idade e não das "individualidades".

Assim, o amor, ao mesmo tempo que introduz a idéia de liberdade de escolha, está vinculado à "vontade de Deus" e só pode ser plenamente realizado no casamento indissolúvel. Amor-sexo-casamento são o trinômio necessário para a "transmissão de vida", finalidade strictu sensu dos "desígnios de Deus" para a continuidade do homem sobre a Terra.

Uma característica importante no discurso católico sobre a sexualidade é que homem e mulher são tratados como "iguais": aos dois compete a abstinência sexual fora do casamento e os dois são definidos como devendo revestir o sexo pelo sentimento amoroso, sendo portanto a afetividade alocada nos dois. Esta colocação aproxima o discurso católico do paradigma "moderno" (igualdade entre gêneros) e o distancia do "tradicional" (mulher(sexo com amor) x

homem (sexo sem amor)). Por outro lado, volto a ressaltar que a incorporação do amor como uma qualidade supra-gênero (portanto humana) está justificada pela "vontade divina".

O discurso católico chega ao trabalho feminino, levado pela contingência de sua existência crescente no mundo ocidental. Aciona a igualdade para isto, mas o trabalho extra-doméstico feminino não tem o significado de fonte para sua "autonomia individual" ou "realização enquanto indivíduo" e sim é uma forma de doação à unidade familiar. Fará isto em nome do amor e sem descuidar de sua "vocação" maternal e doméstica.

De forma similar, vai matizar a autoridade do pai, afirmando que ele não deve ser "opressivo", mas sem que isto corte com a relação pais e filhos baseada na autoridade/obediência. Conduz o pai para uma vivência mais direta com o processo educacional dos filhos (o que aponta numa direção "moderna", do pai não ser uma figura distante), mas sem que isto corte com a "vocação" da mãe.

Na relação do casal, a igualdade é valorada em nome do amor e da amizade, rompendo com o que o discurso católico por muito tempo enfatizou: mulher "escrava" do homem e este seu "senhor" (cf. Boff, 1979). Mas permanece este como figura de autoridade.

Finalizando, o que distancia o discurso católico da "modernidade" é a égide hierárquica que lhe dá os limites. É dentro destes limites que o discurso católico interpreta as categorias do universo individualista.

Assim, contra a idéia de liberdade como autonomia individual, a de dominância do grupo enquanto uma totalidade única à qual o sujeito empírico está submetido. Contra um princípio individualista, um princípio holista (através da idéia de unidade). Há que ressaltar que a legitimidade deste princípio é retirada de seu caráter sacral ("projeto de Deus"). O princípio de unidade permeia todo o discurso católico sobre a relação entre os gêneros e entre pais e filhos, onde o sujeito empírico é definido pela sua posição na família segundo os critérios de sexo e idade. Uma unidade fundamentada na existência de uma "complementaridade natural" entre eles, no "recíproco dom total" e na "igual dignidade". Igualdade de esta que, embora às vezes dilua as fronteiras entre os gêneros, permanece sempre englobada pelo princípio da hierarquia.

## CAPÍTULO II

### - As Famílias

#### 1. A pesquisa de campo

Os dados coletados dizem respeito a cinco famílias. Em duas delas haviam filhos já casados e que por não residirem com os pais não foram entrevistados. O mesmo ocorreu com outras duas famílias: numa, havia uma filha cuja idade, 10 anos, estava fora do limite mínimo estabelecido e na outra, a filha estudava no exterior e não foi possível aguardar seu retorno para entrevistá-la. Por isso, os informantes foram: além dos cinco casais, dez jovens (sendo seis moças e quatro rapazes), perfazendo um total de 20 entrevistados.

O fato dos dados se circunscreverem a cinco famílias, se explica pela similaridade que fui percebendo em suas respostas conforme os entrevistava, o que já me permitia pensá-los num grupo sociologicamente representativo.

Através de um amigo, cujo colega de trabalho pertencia às "Equipes de Nossa Senhora", entrei em contato com a primeira família a ser entrevistada, onde o casal se dispôs a servir de intermediário na apresentação de outras famílias. Desde então, passei a me utilizar de seus nomes para contactar o restante do universo pesquisado.

A escolha de cada família era feita por mim, através de um catálogo fornecido por este casal, onde haviam os seguintes dados: nomes dos casais, endereço, telefone, profissão de cada um e data do casamento. Estes dois últimos dados já me proporcionavam uma primeira seleção, dentro dos critérios que considerei relevantes: mães que trabalhassem fora e outras onde isto não ocorria e possibilidade de ter filhos com a idade mínima de quinze anos (onde as diferenças em relação aos pais podem começar a se fazer mais claras).

Os primeiros contatos foram realizados por telefone, na maioria das vezes com as mães. Neste momento eu lhes explicava quem era, que fazia uma pesquisa sobre a família como dissertação de mestrado, como cheguei até eles, por quem e procurava informa-

ções sobre os filhos: idade, quantos eram e o sexo deles. No início, este último dado me fez eliminar algumas famílias, já que um dos requisitos era que houvessem filhos de ambos os sexos. Entretanto, acabei por abandoná-lo na medida em que se tornava difícil conciliar todos os critérios que demarquei e achei que isto não prejudicaria que eu pudesse perceber as expectativas diferenciais dos pais para os filhos conforme o sexo, já que a comparação entre casais sō com filhos e sō com filhas, poderia ser feita; o que se confirmou.

Inicialmente procurava saber se estavam dispostos a participar da pesquisa, dando um tempo para que todos os membros da família fossem consultados e requisitando uma reunião com a presença de todos, onde então exporia meus objetivos e como pretendia fazer a entrevista, deixando claro que esta reunião não os comprometia em aceitar a participação e que esta decisão poderia ser tomada após nosso primeiro encontro. Não houve nenhum caso de resposta negativa e à medida em que os encontros se sucediam, eu percebia que quando o aceitavam, a decisão em participar da pesquisa já estava feita.

Neste primeiro encontro, a tônica dominante era a curiosidade em saber como seria a pesquisa. No caso dos casais, essa curiosidade se estendia a mim. Várias perguntas foram feitas no sentido de me localizar de alguma maneira. Elas vinham quase sempre na mesma sequência: saber se eu era de Florianópolis e quando eu dizia que não, as seguintes eram: não tem parentes aqui? mora com quem? É casada? O fato da maioria deles se mostrar constrangidos quando eu dizia que nasci no Rio de Janeiro e não tinha parentes em Florianópolis, aliada à simpatia demonstrada quando lhes afirmava que era casada, me faz pensar o quanto minha valorização passava pelo ter uma família, onde minha moral lhes era assegurada. Se isto me ajudou na entrevista com eles, creio que prejudicou no caso de dois jovens, que se mostraram bastante reticentes comigo dando a entender que se devia a isto. Apesar disto, todos me eram solícitos, expressando na maioria das vezes, que participariam para me "ajudar" e que sabiam das dificuldades que eu teria se eles recusassem.

O primeiro encontro, apesar de, geralmente, ser iniciado num clima tenso, se revelou bastante frutífero para as entrevis-

tas com cada um em particular, onde elas começavam já mais descontraídas. Além disso, poder vê-los todos juntos me proporcionou perceber como cada um se colocava diante dos outros e as imagens que me queriam passar, acrescentando-se a isso algo de mais intuitivo, como o "clima" das famílias. Na maioria delas, os casais se mostraram preocupados quando eu lhes comuniquei que as entrevistas seriam feitas individualmente; preocupação que aparecia mais em relação ao que os filhos iriam falar deles, pondo em risco suas imagens enquanto "bons pais".

O período das entrevistas ocupou o 1º semestre de 1985. Iniciou-se em janeiro e em fins de julho eu fazia a última entrevista, já que o ritmo de marcação do encontro com toda a família e das entrevistas, seguia de acordo com a possibilidade de tempo disponível dos entrevistados e conciliação de nossos horários, além de que muitas entrevistas eram marcadas e depois transferidas para novo horário.

Procurei selecionar casais que não pertencessem à mesma equipe, visando evitar envolvimento maiores entre uma família e outra, o que poderia prejudicar o andamento da pesquisa. Além disso, apesar do casal que me serviu de intermediário ser sempre referido, nenhum dos outros entrou em contacto com ele para confirmações, o que sugere preferissem se manter incógnitos. Esta situação fez com que a pesquisa se realizasse em circunstâncias bastante favoráveis em termos de privacidade com cada família, condição necessária para auxiliar uma abertura maior. O fato de ser um grupo habituado a discutir com outras pessoas sua vivência familiar, também contribuiu para isto e tornou mais fácil que aceitassem logo minha entrada numa área que, predominantemente, é considerada "íntima". Acrescento a isso, o fato, muitas vezes expresso, de que eu ia chegar e depois ir embora, revelando não só que maiores intimidades não eram requeridas, como também seriam negativas. Apesar disto, senti em vários momentos das entrevistas que sempre havia alguma coisa que era inviolável. Às vezes coube a mim transformar e em outras sentia que isto era impossível. A decisão já estava feita do que poderia ser falado ou não.

As entrevistas foram gravadas e duraram no mínimo duas horas, sendo que a média delas foi de três horas. O fato de entrevistá-los em separado foi positivo no sentido de evitar situações on-

de eu entrasse em aliança com alguns, embora algumas vezes isso fosse requisitado.

Os nomes de cada um foram modificados, tendo em vista o pacto de sigilo que houve entre nós. Para facilitar a localização de cada um na família a que pertencem, dei a pais e filhos de uma mesma família, idêntica letra inicial. No caso dos casais, eles têm o masculino e o feminino dos mesmos nomes. Por exemplo: na família A, o pai se chama Arlindo, a mãe Arlinda e as filhas são: Anita e Ana<sup>(1)</sup>.

As entrevistas foram abertas. Esta escolha se deu pelos seguintes motivos: um, por permitir uma flexibilidade maior, não sô para aparecerem pontos que se revelavam significativos para o grupo, como para entender o significado das categorias que os informantes utilizam. Outro, por proporcionar menor interferência e direcionamento, permitindo a eles fazerem as associações de significados que lhes fossem pertinentes. Neste sentido, um questionário fechado e pré-codificado retiraria muito da riqueza do material coletado. Entretanto, se fazia necessário que alguns itens fossem abordados por todos para que fosse possível comparar o material coletado. Assim, as entrevistas foram estruturadas tendo por base alguns temas, cada um deles subdividido nos itens que considere relevantes para desenvolvê-los<sup>(2)</sup>. Isto não implicava que a entrevista deveria seguir a ordem traçada pelo roteiro e na grande maioria das vezes foi o próprio entrevistado que estabeleceu esta ordem.

Os temas variam em função dos grupos entrevistados: os casais e os filhos, sendo que alguns servem de contraponto a outros, o mesmo ocorrendo com a subdivisão destes temas. Eles são:

Para os casais: 1. Trajetória social, antes e depois do casamento.

2. Vinculação com a religião católica.

3. Relação conjugal.

4. Relação com os filhos.

---

(1) Tanto a idéia de nomeá-los com a mesma letra em cada família, como a reunião inicial com toda a família, foi retirada da pesquisa de Salem (1980).

(2) Ver anexos I e II para o roteiro completo da entrevista.

- Para os filhos:
1. Projetos relativos a estudos e/ou trabalho e outros como casamento ou sair de casa.
  2. Vinculação com a religião católica.
  3. Relação com os pais.
  4. Sexualidade.

## 2. Caracterização do Universo

### 2.1 - Composição Familiar

Quadro I

CASAL	NOMES	IDADE	O R I G E M			TEMPO EM FPOLIS (Nº DE ANOS)	Nº DE FILHOS	FILHOS MORANDO EM CASA	FILHOS FORA DE CASA
			INTERIOR DE SC		FPOLIS				
			RURAL	URBANO					
A	Arlindo Arlinda	47 42	x	x		16 37	3	3	-
B	Bruno Bruna	56 57	x		x	33 -	4	1	3
C	Carlos Carla	55 48	x x			24 24	4	2	2
D	Dêlio Délia	51 43		x	x	- 42	2	2	-
E	Emílio Emília	50 49		x x		28 28	4	4	-

Estando numa faixa de idade entre 43 e 57 anos, a maioria dos casais nasceu no interior de Santa Catarina, embora estejam há bastante tempo residindo em Florianópolis. Arlinda e Dêlia vieram ainda pequenas, com a família; Arlindo quando se casou; Bruno ainda solteiro, veio em busca de um emprego melhor; Carlos e Carla migraram com os filhos pequenos, "pensando na futura educação de - les" e Emílio e Emília, solteiros, para fazer o vestibular e trabalhar respectivamente.

Arlindo e Arlinda têm três filhas: com 16, 15 e 11 anos respectivamente. As duas primeiras cursam o segundo grau e a outra o primeiro.

Dos quatro filhos de Bruno e Bruna, apenas uma mora com eles. Com 18 anos, é universitária. Os outros três estão casados e

têm 31, 29 e 22 anos respectivamente. O mais velho é doutor em Biologia, a segunda filha é pedagoga e o outro tem o segundo grau e é balconista.

Carlos e Carla têm dois filhos já casados, um com 30 e outro com 29 anos, ambos engenheiros. Os outros dois filhos têm 24 e 22 anos e são universitários. Embora o mais novo esteja cursando a universidade em outra cidade e lá morando, eu o incluí como residindo com os pais na medida em que não se encontra desvinculado de casa, quer porque é o pai que o sustenta, quer porque ele não se considera nem o consideram assim.

Dêlio e Dêlia têm duas filhas. Uma com 21 anos e outra com 20 anos, ambas universitárias.

Emílio e Emília têm quatro filhos. As duas mais velhas estão cursando pós-graduação fora (uma no exterior e outra em Curitiba), e têm 26 e 25 anos respectivamente. Pelo mesmo motivo levantado no caso do casal C, foram incluídas como morando com os pais. Dos dois rapazes mais novos, um tem 21 anos e é universitário. O outro, com 20 anos, tem o segundo grau incompleto.

## 2.2 - Situação Sócio-Econômica

Quadro II

CASAL	NOMES	GRAU DE ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	CARGO ATUAL	RENDA MENSAL (em salários mínimos)	RENDA FAMILIAR (em salários mínimos)
A	Arlindo Arlinda	1º Grau Superior	Eletricista Assist. Social (Func.P.Est.)	Técnico Assist. Técnico	12 10,8	22,8
B	Bruno Bruna	1º Grau 2º Grau	Func.Pub.Est. Contadora	Sub-Diretor de Deptº (aposent.) (não exerce)	27 -	27
C	Carlos Carla	2º Grau Primário	Professor (Func.P.Est.)	Administração -	8,5 -	8,5
D	Dêlio Dêlia	2º Grau 2º Grau	Contador (Func.P.Est.) Func.P.Est.	Assist. Administ. Administração	15 4	19
E	Emílio Emília	Superior Superior	Func.Pub.Est. Professora (Func.P.Est.)	Diretor Secretaria do Estado Professora 2º Grau	27 3	30

Levando-se em conta, inicialmente, o grau de escolaridade, há bastante diferenças entre eles, indo desde o primário até o nível superior. Entre os homens, apenas Emílio tem o curso superior; Carlos e Délio completaram o segundo grau e os outros dois, Arlindo e Bruno, o primeiro grau. Das mulheres, Arlinda e Emília terminaram a universidade; Bruna e Délia o segundo grau e Carla o primário.

A renda familiar é mais homogênea, onde arredondando-se, gira em torno de 20 a 30 salários mínimos mais ou menos. Há que ressaltar que esta homogeneização é decorrente da relação entre a renda mensal do homem e da mulher. Assim, por exemplo, apesar de Arlindo ganhar bem menos que Emílio, sua esposa tem uma renda mensal bem superior a de Emília; apesar de Bruna não auferir nenhuma renda, a de Bruno é suficiente para manter o casal no mesmo patamar dos outros. A exceção fica com o casal C, onde além de Carla não trabalhar fora, seu marido tem uma renda mensal bem mais abaixo dos outros. Por outro lado, isto não se mostra significativo em termos da aquisição de certos bens; embora Carlos tenha sido ajudado pelo sogro na aquisição da casa própria, tem hoje outra alugada, um carro e uma casa de praia, como a maioria dos outros. Alguns têm no entanto, além destes bens, dois a três terrenos, geralmente herança dos pais.

Em relação aos homens, quando se compara o nível de escolaridade com a profissão e o cargo que eles ocupam (posição na empresa ou instituição), não existe uma relação direta entre estas variáveis, o mesmo ocorrendo quando esta comparação é feita em termos de cargo e nível de renda. Isto demonstra, a meu ver, o quão problemático seria querer traçar a posição deles na estrutura social a partir destes critérios juntos. Há entretanto aqui um ponto que quero ressaltar: o da distância entre nível de escolaridade e nível de renda, que aparece sob a forma de uma diversificação na primeira e homogeneização na segunda, confirmando a assertiva da distância. Esta não correspondência é importante de se ressaltar para a compreensão do significado que eles vão alocar ao estudo na determinação da posição social deles e que se acha mais vinculada com a percepção do sentido de suas trajetórias: se de ascensão ou não.

Ao levar em conta a trajetória dos casais, tenho em mente

também, traçar um quadro de referência não só para o entendimento das expectativas que os pais têm em relação ao estudo e trabalho dos filhos (que será visto no capítulo IV), como para o significado que homens e mulheres têm do trabalho.

#### A. Origem sócio-econômica e trajetória profissional dos homens:

A situação econômica da família de origem é definida como de "muita dificuldade" e quando não, "apertada". No primeiro caso estão Bruno, Carlos e Délio; no outro Arlindo. Emílio foi o único que a definiu como "média".

Bruno, Carlos e Arlindo, filhos de agricultores, sempre trabalharam na lavoura com os pais.

Carlos, com 12 anos, foi para a cidade estudar. Kursou o ginásio morando com parentes e em troca ajudava-os como vendedor dos produtos da "chácara" que eram comerciados. Quando foi para o curso normal, passou a morar numa pensão e se sustentava ajudando a dona da pensão, saindo de lá quando casou. Casado, trabalhou sete anos como professor primário e depois foi promovido a "inspetor escolar". Quando veio para Florianópolis, se efetivou através de concurso público e passou a trabalhar na parte administrativa da secretaria de educação num cargo de chefia até se aposentar. Voltou a trabalhar meses depois, porque "não queria ficar sem fazer nada", numa joalheria como caixa e saiu para ficar no departamento de pessoal em um grande colégio estadual.

Bruno, terminando o ginásio foi trabalhar por causa das dificuldades financeiras da família. De 14 a 22 anos, acumulou o trabalho e a ajuda na lavoura. Neste período foi escriturário em duas empresas de grande porte do local, secretário na Câmara Municipal e chefe de setor no serviço de água e saneamento da prefeitura, sempre "na tentativa de obter melhor salário". Veio para Florianópolis com este objetivo e se empregou como servidor público no cargo de escriturário datilógrafo, vindo a casar-se um ano depois. Em três anos estava num cargo "terceira classe acima", resultado de dois cursos internos que fez para promoção. Trabalhou dois meses numa prefeitura do interior como contador porque o salário era maior, mas retornou a fim de "fazer carreira" onde trabalhava antes e porque "ainda tinha esperança de chegar a cursar uma facul -

dade". No entanto acha que não tê-la feito não o prejudicou, porque alcançou seu primeiro objetivo. Pediu sua aposentadoria em 1980, por motivo de saúde, no cargo de subdiretor de departamento, na condição de efetivo e comissionado.

Arlindo saiu de casa com 12 anos para completar o ginásio num seminário porque "meu pai queria que eu fosse padre". Depois que o concluiu, saiu e voltou a ajudar o pai. Ingressou no mercado de trabalho, com 20 anos, porque "queria deixar de ser lavrador". Ficou quatro anos trabalhando como ajudante de topografia, alternando este período entre duas empreiteiras ligadas a uma empresa de grande porte, onde veio a ingressar no ano seguinte. Seis anos depois casou-se. No momento que o entrevistei permanecia nesta empresa num cargo técnico, três níveis acima do cargo que exercia quando entrou.

Délio, quando terminou o ginásio ("sempre em escola pública") interrompeu os estudos para ficar trabalhando com o pai, que era sapateiro, já que este "não tinha condições para sustentar dois e fizemos um sorteio, então o meu irmão venceu e eu fiquei trabalhando". Com 19 anos, quando o pai ficou impedido de continuar como sapateiro por problemas de saúde, começou a ter outro trabalho visando "sustentar a família". Trabalhou quatro anos em duas companhias aéreas na área de contabilidade e só depois tirou o curso de contador ... "assim subi um pouquinho, não foi muito não mas deu", quando então casou-se quatro anos depois. Durante um período de 21 anos, trabalhou como contador em três empresas. Quando o entrevistei estava há 5 anos numa empresa do estado, tendo feito vários cursos para promoção interna ("entrei como auxiliar de administração e estou já como assistente de administração") e é vendedor de assinaturas numa editora de grande circulação.

Emílio, com 16 anos (depois de ter cursado o ginásio como interno) foi morar em outro município, onde fez o curso comercial. Neste período se sustentou trabalhando primeiro como caixa numa loja de tecidos e depois contador num banco. Já morando com os pais, foi contador no batalhão que servira e depois, com 21 anos, foi morar na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde cursou o pré-vestibular objetivando fazer agronomia ("financiado pelo meu pai"). Desistindo do concurso, morou um semestre com os pais e veio para Florianópolis, onde trabalhou dois meses como contador

num escritório de contabilidade, dois numa grande usina de açúcar e depois tornou-se funcionário público estadual, no cargo de protocolista, já efetivado. Neste período também cursava o pré-vestibular, vindo no final do ano a ingressar na faculdade de farmácia e um ano depois casar-se. Nos cinco primeiros anos de casamento continuou como funcionário público, no mesmo cargo, terminou o curso de farmácia, cursou a faculdade de geografia logo a seguir e durante o curso foi professor num ginásio estadual por um ano; no último ano prestou concurso para fiscal da fazenda ("porque era um dos empregos mais bem remunerados do país e aí mais que quintuplicou meu vencimento"). Permaneceu no cargo por cinco anos e nos outros sete num cargo mais elevado, com função de direção; período em que os exerceu em vários municípios do estado. Quando retornou para fixar-se em Florianópolis, entrou para a faculdade de direito. Quando o entrevistei, estava há 10 anos em um dos cargos mais altos da secretaria na qual está vinculado.

Apesar da especificidade nas trajetórias masculinas, elas colocam três pontos comuns entre eles. O primeiro é que a grande maioria após o ginásio (Carlos mesmo durante) ingressou no mercado de trabalho ou quando não o fez (como Arlindo e Délio) era porque estavam trabalhando com o pai, sendo impelidos neste sentido pela situação de escassez familiar. O segundo é que na busca de melhoria das condições financeiras, o trabalho ganhou prioridade sobre o estudo e o terceiro ponto é que suas trajetórias têm uma direção de ascensão não só em termos profissionais como em relação às famílias de origem e é neste sentido que o significado do estudo vai ser por eles percebido como pouco importante.

Isto pode ser melhor compreendido através de outros dados que eles me forneceram no relato de suas trajetórias.

Embora se possa questionar nas trajetórias da maioria (Arlindo, Carlos e Délio) até que ponto a ascensão social foi significativa, o que considero mais relevante é que todos a percebem como sendo ascensional e neste sentido ela é "real" para eles, assim como o é a não relação entre esta ascensão e a presença ou ausência de um curso superior, ou seja, a universidade. Mesmo Emílio, que tem várias faculdades, explicita que as cursou para "satisfação pessoal", relacionando sua ascensão à "honestidade" e "dedica-

ção" no trabalho. Esta última relação é também feita por todos os outros. Em suma, a ascensão social é explicada como sendo resultado de um esforço próprio. O mesmo ocorre quando eles utilizam como critério para marcar a trajetória de ascensão depois do casamento, o fato de terem sido sempre "econômicos":

*"No início do casamento eu ganhava razoavelmente, mas fui sempre guardando um pouquinho, sou muito econômico, então a situação foi melhorando. Hoje eu posso dizer que vivemos bem ..."* (Carlos).

*"Nós nos casamos pobres mesmo. Mas eu sempre achei que lá um belo dia eu ia melhorar de vida, porque eu não sou de jogar dinheiro fora".* (Emílio).

Embora Carlos, Délio e Arlindo tenham expressado a questão do limite desta ascensão por não terem um curso superior, nenhum tornou isto fundamental para a situação econômica deles e sim os outros fatores já mencionados.

Por outro lado, todos expressam a importância dos filhos cursarem a universidade. Isto deve ser contextualizado, na medida em que os informantes estão se referindo a um tempo onde ter curso superior passa a ser condição de uma carreira ascensional, o que não era no tempo deles.

#### B. Origem sócio-econômica e trajetória profissional das mulheres

Arlinda, filha de um comerciante, perdeu o pai ainda criança e apesar de afirmar que com isso a família "começou a sentir um pouco de dificuldade", ela não chegou a perceber porque os irmãos mais velhos trabalhavam e "minha mãe nunca deixou sentir que estava se passando dificuldade dentro de casa. Nunca se deixou de ter o que precisávamos: todos estudávamos em colégio particular". Terminando o segundo grau, com 19 anos, achou que devia trabalhar também "para ajudar um pouco em casa e ter um dinheirinho extra para gastar", ressaltando que para isso foi importante o "incentivo" dos irmãos e o "apoio" da mãe. Trabalhou sempre na mesma insti-

tuição autárquica, iniciando como professora no jardim de infância. Cinco anos depois, coordenava esta área, tendo neste período cursado a universidade. Casou-se dois anos depois, com 26 anos, e no momento que a entrevistei recém saía de um cargo de direção: "comecei lá num cargo simples, se bem que de muita responsabilidade e cheguei a chefia, mas nunca pensei assim em subir, o que eu queria era poder auxiliar mais os outros e como chefe isso foi bom". Sempre trabalhou só por meio período, porque "eu acho difícil a mulher que trabalha os dois períodos fora, porque aí não tem presença nenhuma em casa, pela atenção que ela deve dar aos filhos e eu sempre procurei colocar as coisas de forma a uma não interferir na outra".

Délia começou a trabalhar com 20 anos como professora primária. Caracterizando a situação econômica da família de origem como "boa", o trabalho foi uma "consequência natural de ter feito o curso normal, eu não precisava". Exerceu a profissão durante um ano, deixando-a quando casou, no ano seguinte, por achar que "não ia ter tempo para juntar casa e trabalho". Neste mesmo ano fez concurso para uma instituição pública estadual: "fiz mais assim para acompanhar a minha cunhada, na esportiva". Quando foi chamada, dois anos depois, relutou bastante em aceitar porque as duas filhas eram pequenas e "naquela época eu até achava que não havia necessidade, porque o Délio ganhava o suficiente para manter a casa". Para sua decisão em aceitar o emprego, foi importante o "incentivo" da sogra, que se prontificou a auxiliá-la e o fato de que "amanhã ou depois a gente podia precisar e eu não quise perder essa oportunidade". Quando a entrevistei completava vinte anos de profissão num cargo administrativo. Trabalhou os três primeiros anos por "meio expediente" e só passou a ter horário integral quando "fui obrigada pela instituição", apesar disto significar um aumento de 50% em seu salário.

Emília, filha de um grande comerciante e industrial, afirma que "sempre vivi com muito conforto", definindo sua família de origem como "muito rica". Quando a situação da família se modificou pela falência do pai em São Paulo, ela já estava casada há um ano. Foi trabalhar logo após ter concluído o curso normal, com 18 anos. Lecionou por dois anos, quando então mudou-se para São Paulo acompanhando a família. Trabalhou por um ano como pesquisadora de

opinião, "para poder viajar". Isto contra a vontade dos pais: "eles diziam que filha mulher não podia trabalhar". No ano seguinte se inscreveu para o vestibular de jornalismo mas foi impedida pela mãe, que a trancou no quarto no dia do vestibular sob o argumento que isso era profissão de "mulher perdida ... o sonho dela era que eu fosse freira". Foi então que Emília veio para Florianópolis ("era uma maneira de me libertar"), tendo requisitado o auxílio de uma amiga freira para interceder junto à mãe na autorização de sua saída. Ficou lecionando e morando num colégio de freiras, saindo quando se casou um ano depois, com 22 anos. Continuou lecionando no mesmo colégio e três anos depois fez vestibular para geografia, mais por "exigência" do marido: "o Emílio estava querendo .... exigiu. Ele achava que aquilo era importante para mim. Ele disse : eu sei que tu vais te realizar, tu sempre quizeste estudar...(mas) nem me passava pela cabeça, eu não tinha idealizado mais faculdade. Para mim aquilo era do passado, ia me dedicar ao marido e a meus filhos". Aceitou fazer porque o marido também cursaria e poderiam assim se revesar, mas lamentou ter feito isto com as filhas pequenas, porque ficou o dia inteiro fora de casa. Depois de formada, fez concurso para o estado e tornou-se professora efetiva, tendo lecionado (sempre por meio período) nas várias cidades em que morou, acompanhando o marido por causa de suas constantes transferências, requeridas pelo trabalho que exercia. Quando a entrevisei, aguardava a sua aposentadoria.

O pai de Bruna era corretor de seguros e representante de vendas. Ela define a situação financeira da família onde nasceu como de "classe média folgada". Começou a trabalhar com 18 anos como contadora numa grande loja comercial porque "eu frequentava a sociedade e gostava de me apresentar sempre bem alinhada e aí eu podia comprar o que eu quizesse ... lugar pequeno, sabe como é, não? um vestido que botava numa festa não se botava na outra e meu pai, com mais dois filhos, não dava de fazer tanto". Casou-se sete anos depois e trabalhou inicialmente como secretária numa companhia americana e depois na caixa de uma organização federal de prestação de serviços onde seu tio era diretor e a chamou para trabalhar com ele. Quando nasceu o primeiro filho, um ano após o casamento, parou de trabalhar. Esta era uma "exigência" do marido, por isso "eu já sabia que teria que deixar o emprego ... era o que ele sempre

exigiu e eu não achei ruim, gostei, porque deixar o filho em casa era muito ruim e graças a Deus nunca me faltou nada, ele ganhava o suficiente para vivermos folgados".

Carla é a única que nasceu no "sítio", como ela define. Seu pai era proprietário de uma serraria e uma pequena fábrica de pasta, onde tinham uma "vida folgada". Casou-se com 17 anos, sendo a única a nunca ter trabalhado fora de casa. Alegou para isso que: "eu não fui acostumada, eu tinha tudo que eu queria. Tanto é que quando eu casei eu tive muita dificuldade para me adaptar, porque a gente tinha que viver dentro de um orçamento. Mas eu me conformava porque se eu queria comprar uma coisa e ele não desse, não fazia mal porque eu sabia que amanhã ou depois eu comprava porque meus pais mandavam. Depois, o Carlos não queria que eu trabalhasse de jeito nenhum. Mas isso nem me passava pela cabeça, eu tinha o serviço da casa, os filhos e o marido para cuidar".

Fora suas especificidades, estas trajetórias apontam vários traços comuns às mulheres. Nenhuma ingressou no mercado de trabalho antes de ter concluído o segundo grau, nem o fizeram movidas pela situação econômica da família. Ao contrário, todas vêm de famílias senão "ricas" de "classe média folgada". O que confirma, a meu ver, a concretização da trajetória de ascensão dos maridos através do casamento.

Outra característica semelhante nelas é a presença sempre de outros nas suas decisões de ingressar, sair ou permanecer no mercado de trabalho. O que se percebe pela referência constante ao "apoio", "incentivo" ou "exigência" nestas decisões.

Estes outros também se concretizam nos membros da família (marido e filhos) depois de casadas, onde a preocupação em ser "dedicada à família" é dominante entre elas. O trabalhar por "meio período" é demonstrativo disto, para aquelas que continuaram com o trabalho extradoméstico. Assim como a que o largou e a que nunca o exerceu.

Enquanto para os homens o trabalho se converte em algo natural, para elas o natural é a família. Isto será confirmado e melhor evidenciado no capítulo III.

## 2.3 - A inserção no catolicismo

### A. Os casais

Levando em conta apenas o pertencimento a certas associações da Igreja Católica e o cumprimento de certos preceitos por ela estabelecidos, os casais que este trabalho abarca estão enquadrados no que Le Bras<sup>(3)</sup> denominou "devotos".

Originários de pais católicos, todos foram batizados e participaram do ritual da "primeira eucaristia". Alguns têm em sua trajetória a vivência em colégio de freiras (Emília), seminário (Arlindo), como "coroinha" (Emílio, Carlos, Bruno)<sup>(4)</sup> e em Congregações como "Filhas de Maria" (Carla e Bruna) e "Congregado Mariano" (Carlos e Bruno). Além disso, evidentemente, todos se casaram segundo o "sacramento do matrimônio", como eles se referem, e participam dominicalmente da missa e da comunhão. Carlos, inclusive, faz isto todos os dias.

Três casais (B, C e E) são cursilhistas, pertencendo ao "movimento de conselho de cristandade". Emília, inclusive, pertence a um grupo só de mulheres cursilhistas, cujo objetivo, segundo ela, é "ler a Bíblia, tirar uma mensagem e relacionar com o nosso cotidiano, se estamos vivendo de acordo com o evangelho. É a religião na vida da gente. É um momento também para cada uma desabafar com a outra e se ajudar".

A maioria dos casais tem atividades onde prestam "ajuda financeira e espiritual" a famílias pobres, sendo o mais comum o fornecimento mensal de "ranchos" para algumas destas famílias e visitas periódicas para "assistência espiritual". Isto, segundo eles, é incentivado dentro das "equipes". Algumas mulheres também fazem trabalhos manuais para colocar em bazares no natal e outras datas festivas católicas, com o objetivo de angariar fundos para os pobres.

Outra atividade comum à maioria dos casais (A, B e E) é ministrar palestras nos "cursos para noivos" que a Igreja Católica

(3) in: Camargo et alii (1973:43/4)

(4) Assim são chamados aqueles leigos que auxiliam o padre na celebração da missa.

organiza. Bruno e Bruna, por exemplo, já fizeram várias sobre como o casal deve administrar o orçamento doméstico e planejar os gastos ("para não dar um passo maior do que as pernas"). As palestras de Arlindo e Arlinda foram dentro do tema: "as características psicológicas do homem e da mulher" e as de Emílio e Emília versam sobre "o relacionamento do casal, onde nós relatamos nossa vivência também". Eles organizam ainda palestras com jovens católicos e os pais. Quando os entrevistei, eles estavam planejando uma para os primeiros, ligada ao quarto mandamento: "honrar pai e mãe" (todos estes temas são também discutidos pelos casais nas "equipes"). Emília, além disso, escreve artigos para o jornal de sua paróquia, geralmente sobre temas relacionados à família, como: casamento, aborto, relação sexual entre os jovens. É ainda catequista (atividade de que Bruna exerceu também, por oito anos).

Todos os casais já participaram uma ou mais vezes de "retiros espirituais", direcionados aos casais que pertencem às "equipes".

Com exceção do casal C, todos os outros continuam inseridos nas "Equipes de Nossa Senhora". O tempo de pertencimento não é o mesmo, variando também a relação entre o período do casamento e do grupo. O quadro abaixo fornece uma visão geral disso:

CASAL	ANOS DE CASADOS (ano base-1985)	ANOS NAS "EQUIPES" (ano base-1985)	PERMANECE	SAIU (nº de anos)
A	16	08	x	02
B	32	16	x	
C	31	10		
D	22	18	x	
E	27	25	x	

Em dois casais, a permanência no grupo não foi contínua. Dêlio e Dêlia estiveram afastados por cinco anos por acharem que a "equipe" onde estavam "não funcionava":

... "porque tem que se abrir, vomitar os problemas para os outros casais, porque o que ajuda é isto e eles se trancavam. Aí que poda realmente ... porque se é para ter um bolo sô de amigos, para o movimento não serve". (Dêlio).

No entanto, tinham voltado para o grupo há quase dois anos, após uma "crise" financeira que a família atravessou. No caso de Emílio e Emília as interrupções ocorreram, durante oito anos mais ou menos, por causa das sucessivas transferências do casal de cidade para cidade, ocasionadas pelo trabalho que Emílio exercia. Embora nunca tenham se desligado totalmente, participando, quando havia, dos grupos nas cidades em que estavam.

Como já indica o depoimento anterior de Dêlio, as "equipes" proporcionam aos casais a possibilidade de discutir e compartilhar seus "problemas" com outros casais. Isto diz respeito não somente a eles, como deles com os filhos. As discussões sobre o relacionamento familiar são feitas tendo por base o estudo e a reflexão do conteúdo doutrinário católico, dentro de um tema escolhido pelo grupo(ou o padre orientador) que esteja associado à família.

"... nós temos os textos de meditação, que são sempre ligados ao Evangelho. Mas os temas de estudo são ligados à família ... sabendo de determinadas coisas que a Bíblia fala, da orientação da Igreja ..." (Arlinda).

Assim, as reuniões estão divididas em duas partes: na primeira, "texto evangélico" e "tema de estudo" são "meditados", após as orações em conjunto. A segunda é denominada "coparticipação", que é a "parte prática".

A "coparticipação" é o momento em que o conteúdo doutrinário é relacionado com as vivências de cada casal na família. É onde todos devem "se abrir", colocando ... "as dificuldades em termos da relação do casal e deste com os filhos. Aí começa a ajuda mútua". Esta afirmação de Arlinda sintetiza o que todos, de dife-

rentes formas, colocaram. A "abertura" é considerada fundamental para que uns possam "ajudar" os outros, o que pode vir através de conselhos ou do "simples escutar em oração".

A "abertura" também deve ser exercitada entre o casal, em casa, uma vez por mês pelo menos. Este exercício é feito através do que eles chamam o "dever de sentar". A cada duas reuniões (elas normalmente são feitas de quinze em quinze dias no mínimo) é perguntado se o casal fez ou não este "dever" e o que concluíram.

O "dever de sentar" supõe o levantamento dos pontos "positivos" e "negativos" de cada um. No caso destes últimos, existe a preocupação em concluírem algo que os leve a propostas de mudança: ... "pensar junto, concluir junto e aí fazer o propósito de mudar", como afirma Emília. Esse "propósito" será a "regra de vida" daquele mês, ou seja, o que cada um se propõe a mudar em si mesmo. Por isso, o "dever de sentar" é considerado um dos "meios de aperfeiçoamento" deles como casal e com os filhos. Ele pode ser realizado com a participação destes últimos. Entretanto, só um casal afirmou fazê-lo conjuntamente com os filhos. Mas os casais não discutem apenas a relação dos dois, incluindo a relação deles com os filhos.

Todos devem dizer com toda sinceridade tudo o que sentem em relação aos outros. Nada deve ser guardado ou interdito. É a "hora da verdade", como colocou Dêlia. O que é valorizado neste momento (como acontece com a "coparticipação"), é que o casal (ou grupo) possa "realmente conversar", o que significa: "sem briga". Ficar apenas criticando o outro ganha o significado de "acusação" ou "julgamento", sendo motivo para "brigas". Por isso, uma tática levantada por muitos deles é dizer não só "as coisas que não estão bem, mas também as que estão boas, que eu gostei, elogiar também ..." (Arlinda). O "realmente conversar" também significa que isto seja feito "sem imposições" ou, em outras palavras, com "respeito".

Em síntese, as regras do "dever de sentar" resumem-se a uma palavra: "diálogo". Cujo significado envolve dizer tudo que pensa e sente sobre o outro, ter o "propósito de mudar" (ser "aberto") e fazer isto "sem briga" ou "imposição" (com "respeito").

Fiz questão de me estender um pouco mais no que seja a "coparticipação" e o "dever de sentar" porque é através destas que os

casais expõem melhor o significado do "diálogo". Além do que elas mostram como as "equipes" funcionam no sentido de estimular que as relações familiares estejam calcadas neste valor e também como o discurso católico fornecido através das "equipes" o incorporou.

Todos os casais explicitam que o objetivo central das "equipes" é a "preservação da família", que resume bem as outras que aparecem: "união do casal", "melhor relacionamento conjugal e familiar", "harmonia familiar". Estas expressões fazem-se sempre acompanhar da importância do "diálogo" para se concretizarem. Não são em relação ao casal mas destes com os filhos.

O testemunho destes casais, confirma a avaliação de Camargo(1973) sobre a finalidade dos "movimentos católicos de internalização": acompanhar as mudanças da vida atual e solucionar problemas, tendo por referência uma "mensagem cristã".

Os temas das palestras, dos artigos para o jornal, das discussões em "equipe", são temas que implicam numa definição de valores, valores estes que estabelecem critérios para a vida.

Vê-se assim que o cotidiano destes casais está orientado por valores assimilados das "equipes". Pensam e refletem sobre seus problemas, buscam suas soluções, tendo como marco os valores católicos assim apreendidos. Conforme seus relatos, a "equipe" oferece a possibilidade de uma religiosidade que não está "dissociada da vida". Acionam também com a categoria religiosidade "por convicção", por oposição à religiosidade "por convenção". Ou seja, valorizam uma religiosidade internalizada e que ao se exteriorizar compromete (para eles, positivamente) suas ações. Todos os depoimentos demonstram a preocupação de coerência entre o conteúdo da doutrina católica que recebem e suas ações.

## B. Os filhos

Ao contrário de seus pais, a grande maioria dos jovens não pertence, atualmente, a nenhum grupo ligado à Igreja Católica, que seja para eles fonte de reflexão.

Dos dez entrevistados, apenas Diva e Dalva estão num "grupo de jovens" há dois anos, que é formado por ex-alunos de um colé

gio católico e orientado por um padre. O motivo que as levou ao grupo pode ser exemplificado pela colocação de uma delas:

*"Nos encontros a gente discute muito sobre a convivência familiar e isso ajuda ter uma melhor formação religiosa para ter um bom convívio com os pais, os irmãos, né? Eu acho que se a família costuma frequentar a Igreja, o filho tem o papel de participar num grupo de jovens ..."* (Diva).

No entanto, dos outros oito jovens, seis já pertenceram ao que eles denominam "equipinha" <sup>(5)</sup> e destes, um esteve antes no "grupo pōlen" <sup>(6)</sup>. Anita e Ana são portanto as únicas que não vivenciaram isto, embora tenham demonstrado vontade de vir a ingressar numa "equipinha". O tempo de permanência dos que estiveram nela foi em geral pequeno, não ultrapassando seis meses. Apenas Elza, quando frequentou o "grupo pōlen", ficou bem mais tempo: quatro anos (dos 14 aos 17 anos).

Segundo estes seis jovens, a entrada nestes grupos se deu mais por influência dos pais, como sintetiza César:

*"Era vontade dos dois, me perseguiram faz tempo. Acho que querem que a gente seja religioso também".*

Destes, dois alegaram como motivo para saírem do grupo, que já estavam "cheios de Igreja". Um, pelo contraste que presenciava, nos membros da "equipinha", entre o que diziam e faziam:

*... "falavam de humildade uma hora e em outra estão olhando como tu estás vestido. Eu não aguento isso ... típico de pessoalzinho assim soçaito, que eles eram".* (Elza).

---

(5) São grupos formados pelos filhos dos casais das "Equipes de Nossa Senhora", coordenados por um destes casais.

(6) É um movimento de jovens, formado por grupos ("comunidades") ligados à Catedral Metropolitana de Florianópolis.

Os outros três por "desinteresse", onde acabavam por deixar de ir às reuniões e iam largando aos poucos.

Com exceção de César, todos se dizem católicos. Nesta classificação há uma divisão, feita por eles. Três são "católicos praticantes" e quatro "católicos não praticantes". Os outros dois afirmaram apenas que eram católicos "porque meus pais sempre foram".

A divisão entre "praticante" e "não praticante" tem como critério base o cumprimento ou não de certas normas prescritas pelo catolicismo. Isto pode ser exemplificado por dois depoimentos que resumem bem o primeiro e segundo grupo:

*"... porque eu sempre tento colocar em tudo que eu faço a religião e não perco a missa aos domingos". (Eduardo).*

*"Eu acredito em Deus da minha maneira, gosto de ir na missa quando eu quero e não digo amém só porque o padre disse ... " (Elza).*

A primeira norma, explicitada, é ir ou não à missa. Mas há uma coincidência entre estes dois grupos: no segundo estão aqueles que contestam a manutenção da virgindade antes do casamento, a não utilização da maconha e a "obediência" aos pais como valor para a relação e isto não ocorre com os que se classificam como "católicos praticantes". Isto sugere que o deixar ou não de cumprir com estas normas é o que rege, para eles, esta divisão. Mesmo porque todos acabam por reconhecer que vão à missa para "agradar" ou "não ter que discutir" com os pais. Posição aliás compartilhada por César, apesar deste ter afirmado que não era católico porque "religião não me interessa, não faz a minha cabeça".

Com exceção de Anita e Ana, todos os outros, além da participação em grupos católicos destinados a jovens, fizeram "retiro espiritual" uma ou mais vezes. A maioria porém, volta a ressaltar a influência dos pais nisto: "a mãe que falou para eu fazer". Esta é uma frase comum entre eles, sempre acompanhada de um caráter de incentivo. Mas em dois casos isto ganhou o sentido de "obrigação" e foi decorrência da "descoberta" e "desconfiança", por par

te dos pais, que eles consumiam maconha<sup>(7)</sup>.

Apesar da maioria dos jovens não ter demonstrado o mesmo envolvimento dos pais com o catolicismo, creio que não deve ser desprezado o fato de que eles tiveram no seu processo de socialização a presença forte da religião católica. Além, evidentemente, da influência exercida pelos pais, todos cursaram o primário em colégio de freiras ou padres. Em sete deles, isto se estendeu ao primeiro grau e em três casos, o segundo grau (um ainda em curso). Isto, como será desenvolvido no capítulo IV, se mostra relevante. Inclusive para aqueles que inicialmente se colocam como rompendo com os valores dos pais.

---

(7) A prática de enviar os filhos para "retiro espiritual" em situações como esta, parece ser bastante comum entre os casais das "Equipes". A maioria dos entrevistados citou vários casos em que isto ocorreu. Trata-se de um tipo específico de "retiro", mais voltado para orientação em relação não só ao uso de drogas como ao comportamento sexual dos jovens. É realizado sob a coordenação de um padre psicólogo e num local já reservado para isto.

### CAPÍTULO III

#### - As fronteiras de gênero no casal

O objetivo deste capítulo é examinar, na relação de casal, o que é para os entrevistados o ser homem e o que é ser mulher. Isto será feito tendo por eixo duas questões interligadas. A primeira, é a naturalidade ou não, no discurso deles, dos critérios que definem estes gêneros; se há problematização destes critérios e em que medida o ethos cristão se articula com esta problematização, pondo em cheque esta naturalidade ou reforçando-a.

A segunda questão é a identificação de valores "tradicionais" e "modernos", estabelecendo predomínios e articulações entre eles. Isto porque, como já foi colocado no primeiro capítulo, o paradigma "tradicional" está calcado na idéia de que os gêneros se definem como naturalmente diferentes e complementares, enquanto que o "moderno" está calcado na desnaturalização desta divisão, e através do valor "igualdade", propõe a diluição das fronteiras. Cabe salientar ainda que esta diluição está referendada em que as diferenças são resultado de "opções subjetivas". O importante, portanto, é penetrar o significado das ações percebidas e não tomá-las como tendo, necessariamente substâncias intrínsecas. Por exemplo: em relação à divisão do trabalho, uma mulher que se encarregue exclusivamente do trabalho de casa e dos filhos e um homem cuja tarefa é trabalhar e prover o sustento, não configuram um casal nos moldes do paradigma "tradicional" se estiverem desempenhando esta divisão de acordo com um contrato baseado nas "opções" de cada um.

Para o exame da existência ou não de fronteiras entre os gêneros na relação dos casais, tomo por base a divisão sexual do trabalho (a parte referente à divisão na orientação dos filhos é desenvolvida no capítulo IV, por razões que nele explicito) e a definição das categorias esposa e marido. O motivo de me centrar nestes dois pontos se deve ao fato de que, do material disponível, eles se mostraram os mais relevantes para o objetivo proposto por mim.

## 1. A divisão sexual do trabalho

Recapitulando, em três casais, homens e mulheres trabalham fora de casa. Nos outros dois casais, as mulheres exercem só o trabalho doméstico e dos homens, um está aposentado e o outro continua trabalhando.

Enquanto a maioria das mulheres participa na esfera extradoméstica, os homens, com exceção de Carlos, também têm participação na esfera doméstica. Esta divisão, pelo menos inicialmente, coloca a possibilidade de que as fronteiras entre os gêneros estejam se diluindo neste âmbito, já que as mulheres não estão referenciadas exclusivamente à família e os homens exclusivamente ao trabalho; o que seria indicativo de uma ruptura com o discurso católico oficial, ao qual estes casais têm acesso pela participação nas "equipes".

Tendo em vista elucidar isto é que procurei entender como os entrevistados definem o trabalho de um e de outro. Mais especificamente vou me deter no significado que homens e mulheres dão ao trabalho do homem em casa e da mulher fora de casa, já que esta participação é que contradiz o paradigma "tradicional".

### 1.1 - A mulher no espaço extradoméstico:

#### A. A visão masculina

Bruno e Carlos sempre foram contra suas esposas trabalharem fora de casa. O primeiro "permitiu" que a esposa trabalhasse, quando casaram, até a chegada do primeiro filho. Seus argumentos para esta posição.

*"Eu achava, e ainda penso assim, que é próprio da mulher a criação dos filhos e os afazeres da casa ... "(Carlos).*

*"... eu achava que ela, como mãe, devia*

de cuidar dos filhos e não deixar aos cuidados dos outros e havia possibilidade do necessário, eu tinha e assim aconteceu: ela deixou o emprego. Eu achei que ela devia de educar os filhos". (Bruno).

Dentre aqueles cujas esposas sempre trabalharam fora, há duas posições a respeito disto. A primeira é de indiferença, como nos casos de Arlindo e Dêlio, onde a colocação deste pode servir de exemplo:

"A Dêlia fez concurso, passou, achei que deveria trabalhar fora. Eu disse: que res ir vai. Estã há vinte anos. Se amanhã ou depois ela quiser desistir, também desiste. Para mim tanto faz".

Emílio, ao contrário, se posicionou não apenas favorável à esposa exercer uma profissão, como também a incentivou a continuar os estudos, ambos considerados importantes no sentido do que significam de "realização pessoal" para a esposa.

No entanto, todos três frisaram, de diferentes formas, que as esposas trabalhavam porque queriam e não porque eles não ganhavam "o suficiente para sustentar a família", como falou Dêlio.

A idéia de que as esposas não trabalham por necessidade financeira é reforçada por Arlindo e Dêlio pela maneira como se referem à divisão dos gastos em casa, dando a entender que a participação de suas esposas é menos significativa:

"... o dinheiro que ela ganha é só para isso aí, é só roupa. Ela praticamente não ajuda mais nada na casa". (Arlindo).

"... eu pago alimentação, casa, gasolina, os elubes. As dívidas são todas comigo, os nossos gastos mais grossos. Ela ajuda muito pouco, também não ganha tão bem assim ... " (Dêlio).

O fato de ressaltarem isto, me leva a crer que eles precisam de -  
monstrar que, apesar das esposas trabalharem, eles continuam a  
ser os provedores da família, o que já se delineava como tal quan-  
do tanto eles como Emílio fizeram questão de por em relêvo que  
ganhavam "o suficiente para sustentar a família".

Outro ponto comum entre eles é o de que seria melhor que  
as esposas não tivessem trabalhado fora quando os filhos eram pe-  
quenos. O depoimento de Emílio é elucidativo do porquê disto, ape-  
sar de ter sido ele o único a cortar com a idéia de que o espaço  
extradoméstico é "impróprio" à mulher:

*"Hoje eu acho que inverteu o negócio. Na  
grande maioria das famílias, o homem e a  
mulher trabalham e implicou em que? as  
crianças de antigamente viviam muito  
mais com a mãe e hoje elas vivem com em-  
pregada ou no berçário. Acho que isto  
não é bom. Eu parto do seguinte princí-  
pio: os técnicos de futebol dizem que em  
um time que está ganhando não se mexe...  
nos primeiros anos da vida dos nossos  
filhos, ela deveria ter ficado em casa.  
Naquela época eu achei que o ordenado da  
Emília era importante, mas eu não fala-  
ria que fosse imprescindível".*

Por outro lado, todos três colocaram como positivo as es-  
posas terem sempre trabalhado por "meio período", porque assim os  
filhos "sentiam menos falta".

Concluindo, percebo que nenhum deles está distante da  
idéia, fornecida por Carlos tão claramente, de que "é próprio" da  
mulher se encarregar do cuidado e orientação dos filhos (o que é  
confirmado no significado de pai e mãe expresso por eles, como se-  
rá visto no capítulo IV), assim como eles, enquanto homens, de-  
vem "sustentar a família".

## B. A visão feminina

Para Bruna e Dêlia, o trabalho extradoméstico está vinculado à possibilidade ou não do marido "ganhar o suficiente". Vale lembrar que isto foi colocado por elas como motivo de suas decisões em ingressar e sair do mercado de trabalho depois de casadas (1). É neste sentido que o trabalho vai ser valorizado enquanto "ajuda" ao marido:

*"Porque eu acho que a mulher foi feita assim para ser uma pessoa que viva mais dentro de casa, que cuide mais do marido, dos filhos. Agora, se ela vai trabalhar para ajudar o marido, aí eu acho muito normal" (Bruna).*

*"Fui me acostumando e acabei ficando. Mas com o tempo eu fui vendo a necessidade mesmo dos dois ganharem vencimento, porque com essa crise toda aí, ficou difícil e foi até bom que eu tivesse emprego" (Dêlia).*

Carla, que segundo seu relato (2), teve "dificuldade em se adaptar a viver dentro de um orçamento", se "conformava" na medida em que os pais podiam lhe fornecer o que queria, substituindo assim o marido. Quando isto não mais ocorre, com a morte dos pais, diz que "não me conformo mais", passando a se mostrar descontente pelo fato de não ter um "ordenado". No entanto em nenhum momento ela relaciona isto com o trabalho. Mesmo se considerando que o marido não quer que ela trabalhe, este não foi levantado por ela como motivo, sendo sua reclamação no sentido de que:

*"... ele devia me dar uma mesada, porque eu gostaria de fazer determinadas coisas*

---

(1) Ver capítulo II, item 2.2 B

(2) Ver capítulo II, item 2.2 B

*em casa, assim do meu gosto, e ele diz: fica pro mês que vem, fica pro outro. Aí eu encho o saco de tanto esperar e com uma mesada eu não ia incomodar mais, porque aí eu vou comprar o que eu quero. Mas ele diz que não e fica enrolando".*

Por estas colocações, depreendo que o trabalho extradoméstico não se coloca para Carla nem como "ajuda", nem como possibilidade de dispor do dinheiro como queira, mas que ao homem é que cabe o trabalho fora de casa, assim como a mulher "foi feita" para "viver mais dentro de casa, cuidando do marido e dos filhos", como afirmou Bruna. Para Carla, o conflito com o marido advém dele não estar tendo êxito em "sustentá-la" segundo o padrão que tinha na casa dos pais.

Portanto, enquanto Bruna e Dêlia aceitam que a mulher trabalhe fora de casa, Carla não. No entanto, esta diferença entre elas é pequena comparada ao que as aproxima: definir a mulher como naturalmente voltada para a família e considerar que o espaço extradoméstico é do homem, o que Bruna e Dêlia o fazem ao legitimarem o trabalho para elas quando ele signifique complementar o do marido, mantendo-o como provedor. Isto é demonstrado por Dêlia também através de como ela percebe deva ser a divisão das despesas entre o casal.

*"A alimentação é com ele. Eu acho inclusive que ele tem a obrigação de suprir a necessidade de alimentação da casa. A parte de manutenção da casa é com ele. As coisas essenciais. O supérfluo fica mais comigo".*

Arlinda e Emília justificam o trabalho fora de casa através da idéia de "realização pessoal", afirmando que, por isto, nunca pensaram em parar de trabalhar:

*"Eu sempre achei importante trabalhar, eu não me realizaria sem isto". (Emília).*

Para ambas, esta "realização" passa pelo fato de, com seus respectivos trabalhos, elas poderem "auxiliar outras pessoas", "realizar alguma coisa que beneficie os outros". Estas expressões denotam o sentido de doação que tem para elas o trabalho, que aparece como oposto a "ter um simples emprego", o que lhes fica facilitado pela própria profissão que escolheram: assistente social e professora. Este mesmo significado de doação é formulado por Emília quando fala de seu trabalho como "voluntária" numa instituição para doentes mentais:

*"Este trabalho também me realiza bastante. Lã eu descobri que haviam pessoas que se eu não fosse lã elas estavam totalmente sozinhas. Poder dar-lhes apoio, carinho, fôrça, é ótimo. Eu acho que cada cristão não pode viver sô para si, tem que agir em favor do próximo".*

Assim, Arlinda e Emília, definindo o trabalho extradoméstico em relação a si mesmas ("realização pessoal"), desnaturalizam a associação mulher/família, homem/trabalho, rompendo com as fronteiras entre os gêneros neste âmbito. Por outro lado, este rompimento deve ser relativizado por algumas semelhanças entre elas e as outras.

Com exceção de Carla, todas consideram importante que o trabalho extradoméstico seja realizado por meio período para que a mulher possa se "dedicar" aos filhos e à casa, o que já ficou evidenciado no capítulo II, item 2.2 B em relação às que exercem uma profissão. Na biografia destas, é comum o relato de que o período em que os filhos eram menores foi de "luta grande", onde elas, sem empregada, tinham que conciliar o trabalho em casa e fora com o cuidado aos filhos. Embora este período seja recordado por Emília e Arlinda como aquele em que os maridos mais "ajudaram", estas, como Dêlia, se percebem como as responsáveis pelos filhos e a casa, tendo elas que sempre "dar um jeito":

*"Eu sabia que me casando, teria que assumir toda uma responsabilidade de casa, de fazer comida, de limpeza, de cuidar*

do marido e dos filhos. É uma coisa que para mim agora não é uma dificuldade, mas era uma coisa grande na época. Algumas vezes tive que faltar o serviço para ficar em casa com as filhas ou levar a menor para o serviço" (Arlinda).

Com isto, Emília e Arlinda continuam a naturalizar o seu lugar na família. A isto se acrescenta o fato de ambas qualificarem seus trabalhos como doação, cujo significado reitera em metáfora este lugar, onde as mulheres são qualificadas em relação à família pela "dedicação", valor a elas alocado enquanto esposa e mãe, como será visto no item 2 deste capítulo. Assim como a abnegação é um valor para elas no espaço doméstico, isto é estendido ao espaço extradoméstico, fazendo com que este seja interpretado via o outro; sendo que o mesmo se pode afirmar de Bruna e Dêlia com o significado de "ajuda" colocado no trabalho.

Outro ponto comum entre Arlinda, Emília e as outras é o de considerar que os maridos devam ser os provedores. Ao contrário de Emília, Arlinda considera indispensável seu salário para o orçamento doméstico, tendo inclusive relacionado a situação financeira do casal ser "muito boa" pelo fato dos dois trabalharem. Muito embora esta diferença possa ser remetida ao salário de cada uma em relação ao do marido, o relevante é que nenhuma delas tem participação na "manutenção da casa", se encarregando do que elas colocam como "mais pessoal". O silêncio delas em torno desta divisão é a meu ver significativo para se considerar correta a afirmação inicial deste parágrafo.

## 1.2 - O homem no espaço doméstico

### A. A visão masculina

Como foi levantado no início deste capítulo, Carlos é o único a não ter nenhuma participação nas tarefas de casa, justifi-

cando para isso que:

*"Nunca fui chegado a auxiliar a esposa em trabalho de casa, eu não tenho essa tendência natural, não sou apegado a isto".*

No caso dos outros, esta participação é variável. Onde, por exemplo, num casal, o homem lava a louça, no outro isto nunca ocorreu. Porém é constante o fato de que algumas tarefas são eles que fazem, como a feira e o supermercado, o churrasco dominical, além de pequenos consertos, reparos na casa e os pagamentos das dívidas. Estes eles afirmam que sempre "assumiram". Há outras mais esporádicas: ir para a cozinha preparar algum quitute, uma comida especial (geralmente nos fins de semana) ou lavar a louça (como Dêlio e Arlindo). Com exceção de Emílio, quando os outros se referem a estas atividades, a categoria acionada é "ajuda". Esta é considerada por eles como importante de ser feita, sendo inclusive colocada como parte da própria definição do ser marido:

*"Eu acho que o marido deve ajudar a esposa, porque tudo que está aqui dentro desta casa é meu e dela. Então por causa de que eu não posso ir lá fazer a comida? ajudar a lavar a louça? Posso. Inclusive, quando a gente dava palestra para os noivos, eu sempre dizia isto". (Arlindo).*

O que Arlindo levanta como motivo é, de uma forma ou de outra, compartilhado pelos outros, levando a crer que no espaço do místico homem e mulher podem executar as mesmas tarefas, não havendo o que seja "próprio a cada um". Uma idéia que, para Bruno e Dêlio nem sempre foi percebida como tal:

*"Antes eu achava um absurdo ter que ajudar a lavar a louça ou ir para a cozinha fazer alguma coisa. Achava um vexame, que se eu fosse na rua iam me chamar de mari*

cas. Hoje não, eu notei que ela precisa da minha ajuda... "(Dêlio).

Se por um lado, fazer certas tarefas que socialmente são consideradas femininas, reforça o que eles querem fazer crer, por outro lado a própria idéia de "ajuda" revela que estas tarefas não são de responsabilidade deles. Isto é demonstrado também pela forma como eles a encaram:

"... eu lavo louça pra ela, às vezes vou para a cozinha fazer uma sopinha, uma canja, eu gosto de cozinhar. Mas sou muito assim de fazer quando eu quero. Quando me impõe alguma coisa eu não faço, porque eu acho um absurdo ela ficar pedindo: faça isso?" (Dêlio).

"Agora que eu estou aposentado, eu ajudo mais ela na cozinha. Mas não é sempre, porque às vezes eu não estou disposto. Quando eu trabalhava, tinha sábado, domingo, que eu é que fazia o almoço, uma feijoada, ou preparava uma carne, limpava o peixe, e ainda faço. Eu gosto disso. Agora, uma coisa que eu não gosto é lavar louça, arrumar a casa. Não tenho jeito para isso" (Bruno).

Da mesma forma como todos definem o que fazem como uma "opção" (já que "quando querem" ou "estão dispostos" e porque "gostam"), definem o que não fazem com o argumento de "não tenho jeito", sendo isto traduzido pela colocação de Arlindo:

"Agora, existe aquilo que é mais próprio para o homem fazer e existe aquilo que é mais próprio para a mulher fazer, é mais feminino, ela tem mais jeitinho, como fazer uma cama, limpar a casa ou lavar uma roupa. Agora, ela não vai botar uma lâmpada ali em cima, tem mais dificuldade,

*é mais perigoso, então aquilo lá é mais específico para mim".*

## B. A visão feminina.

Levando-se em conta, inicialmente, a situação presente no momento da entrevista, as tarefas que as mulheres exercem no espaço doméstico são diferentes. Assim, Emília, que tem quem lhe faça todo o trabalho doméstico (porque inclusive a empregada mora com ela), fica com a parte administrativa da casa (o que aliás é de todas); Carla também cozinha e lava toda a roupa da família na máquina, sendo o resto feito pela empregada; Bruna tem uma faxineira que vai à sua casa uma vez por semana e fora a lavagem da roupa, entregue à lavanderia, é ela quem faz todas as outras tarefas; Dêlia e Arlinda, também. São que no caso destas, por não terem faxineira, é delas a limpeza da casa, sendo que dividem com as filhas esta tarefa. Há ainda uma série de outras que não vou aqui arrolar, ficando subentendido que, fora aquelas que os maridos "as sumiram" e fazem "as vezes", as outras são elas que exercem.

Por outro lado, quando eu olho, não só para esta situação, como também pela perspectiva da trajetória destas mulheres no espaço doméstico, percebo que estas diferenças estão ligadas ao que é comum a elas: ficar na dependência de certas variáveis para as tarefas que vão ou não tomar a seu encargo. A primeira delas é se têm ou não empregada. A segunda, a idade e o sexo dos filhos, na medida em que a participação destes nas tarefas de casa obedece a este critério e a terceira é a situação econômica do casal, que permite ou não ter empregada. Isto foi vivenciado, por exemplo, por Emília, Dêlia e Carla no início do casamento, sendo que esta última até mais recentemente. Seu depoimento é ilustrativo da importância que estas variáveis têm para as mulheres na determinação do que vão fazer ou não de tarefas:

*"Sempre fui eu só de mulher e ele até sete anos atrás não podia pagar uma empregada. Então eu tinha, lógico, que fazer tudo sozinha".*

Para aquelas que sempre trabalharam fora de casa isto se convertia na "dupla jornada de trabalho", onde trabalhar por meio período é condição para poderem dar conta do trabalho em casa.

Se, diante deste quadro, as semelhanças confluem para a conclusão de que as mulheres são as responsáveis pelo trabalho doméstico, algumas delas problematizam a divisão deste com o marido nos moldes em que está, questionando esta conclusão. Isto é feito por Arlinda e Dêlia quando criticam o fato dos maridos se limitarem a certas tarefas e tomá-las como uma "opção":

*"Às vezes ele me ajuda no serviço caseiro, né? lava a louça, faz pão, faz sopa. Mas ele só faz o que ele gosta, o que eu gostaria que ele fizesse não faz e é quando quer. Então, é isso que eu fico desgostosa, que eu brigo ... (Dêlia).*

O pressuposto em que se baseiam para esta crítica, vai no sentido de que a divisão do trabalho no espaço doméstico não deve estar calcada no sexo, sendo a igualdade o valor acionado. Por exemplo:

*"... tem coisinhas assim que ele acha que não tem nada a ver, que tendo quatro mulheres em casa, a gente é que tem que fazer e eu ainda não concordo, porque eu acho que tem que haver igualdade, não existe coisa para a mulher e coisa para o homem, ambos podem fazer a mesma coisa ..." (Arlinda).*

Emília também coloca este mesmo critério de igualdade, embora não tenha levantado nenhuma crítica ao marido no sentido formulado pelas outras, o que a meu ver se justifica pela sua situação, onde tendo quem lhe faça todo o serviço de casa, essa problemática não se coloca, apesar do marido não ser diferente dos outros naquilo que faz em casa. A possibilidade de conflito fica assim diluída pela presença da empregada.

Suas posições são, no entanto, bastante ambíguas neste

sentido. Ao mesmo tempo em que desnaturalizam esta divisão, se colocando a favor da perda dos limites do que seja "próprio" à mulher e ao homem, justificam a não participação dos maridos em certas tarefas (Emília em relação ao passado) de forma natural, usando os mesmos argumentos que antes se colocaram contra:

*"Mas também é porque não tem aptidão para certas coisas, não tem jeito e pelo menos ele me ajuda, porque antigamente nem isso ele fazia, então melhorou muito" (Délia).*

*"... limpeza de casa ele nunca fez, não tem jeito para isso, tudo bem ..." (Arlinda).*

Assim, a idéia de que o trabalho doméstico seja de responsabilidade do casal e que ambos podem fazê-lo sem distinção, não implica que certas tarefas permaneçam "próprias" a elas e que continuem a se referir à participação dos maridos como "ajuda", tomando portanto para si a responsabilidade, o que as aproxima de Bruna e Carla. Por outro lado, a diferença entre elas é significativa e não deve ser desprezada.

Bruna e Carla não saem da idéia de "ajuda", nem de que são elas as responsáveis pelo trabalho doméstico:

*"Ele gosta de me ajudar às vezes na cozinha, sempre fez as compras para mim, me bota tudo dentro de casa, então eu não tenho razão de queixa" (Bruna).*

Se Carla se mostra revoltada com o marido porque ele "não faz nada", o que se torna mais relevante para ela é o fato deste não reconhecer que ela sabe o que lhe cabe "como dona de casa":

*"Ele só manda, não faz nada. Tira aquela xícara, lá está cheio de poeira, passa uma vassourinha aqui e a gente como dona de casa está sabendo o que tem que fazer".*

No caso das outras mulheres, a ambigüidade entre definir os gêneros como de naturezas diferentes e complementares e questionar estas fronteiras em nome da igualdade, as coloca frente a dois princípios que, se as faz reafirmar a divisão do trabalho de forma tradicional, também as faz propor uma transformação desta divisão, gerando ou podendo gerar conflito com os maridos na medida em que um torna ilegítimo o outro e esta é a principal diferença entre elas e as outras.

Por tudo que foi até agora colocado neste primeiro item do capítulo, concluo que os homens não aceitam deixar de ser os exclusivos provedores da família. Isto não deve ser questionado, nem portanto dividido nas suas responsabilidades concomitantes. O fato de dois daqueles cujas esposas trabalham fora não reconhecem nem valorizam este trabalho, quando suas esposas salientam ser ele importante para o orçamento familiar, é indicativo disso. Mesmo onde ocorre esta valorização, isto não é cortado.

Se foi observado que nos homens predomina a posição de desconsiderar o trabalho feminino extradoméstico como uma "ajuda" a eles enquanto provedores, fazendo questão de manter este papel em exclusividade, na maioria das mulheres se observa a aceitação de que isto não seja exclusivo deles, cabendo também a elas complementar o orçamento doméstico. Mas, que fique claro, elas não chegam por isso a questionar os homens enquanto provedores. Ao contrário, os mantêm enquanto tal na medida em que seguem sustentando a valorização do homem na "manutenção da casa", mesmo onde ocorre a afirmação da importância da participação delas para a situação econômica da família.

Tanto para a maioria dos homens como das mulheres, os limites entre espaço doméstico e extradoméstico são bem claros em relação aos gêneros, sendo estes definidos pelo lugar "próprio" a cada um: as mulheres no primeiro (cuidando dos filhos) e os homens no segundo (sendo provedores). A exceção fica com os três entrevistados que definem o trabalho extradoméstico feminino como fonte de "realização pessoal", onde estes limites se diluem, prevalecendo o indivíduo enquanto valor como pressuposto na medida em que a ênfase passa a ser dada à realização da mulher enquanto tal. Entretanto, relembro que eles não rompem com a idéia de que "é próprio" da mulher o cuidado dos filhos, como é do homem "sustentar a família". Além disso, para as duas mulheres, este trabalho é

percebido como um meio para elas se doarem, se entregarem aos outros, membros não familiares de uma outra "grande família". Ou seja, o que se observa aqui é a projeção dos valores alocados à mulher na esfera doméstica para a esfera extradoméstica<sup>(3)</sup>. Assim, as fronteiras entre os gêneros voltam a se refazer num outro plano, na medida em que elas não só reforçam os atributos femininos no espaço extradoméstico, como o definem pelo seu lugar no espaço doméstico, onde se autodefinem sempre em relação a outros. Daí, pelo trabalho fora de casa não deixam de continuar referidas à família. Esta posição de legitimá-lo enquanto tal as aproxima também das outras mulheres que o definiram como "ajuda".

Em relação ao espaço doméstico, na perspectiva masculina este aparece dividido nas seguintes áreas de tarefas: primeiro, aquelas que são colocadas como exclusivamente femininas e que para os homens são tabus no que diz respeito à sua participação, como por exemplo a limpeza e arrumação da casa, lavagem de roupa. Segundo, aquelas que socialmente são consideradas femininas e onde eles aceitam participar. Mas num caráter de "ajuda" voluntária, o que significa que ela é circunstancial, não sendo deles a responsabilidade, nem visto como natural para eles fazer isso. Terceiro, estão aquelas tarefas onde os limites entre as responsabilidades masculina e feminina se diluem, como fazer os pagamentos, a feira e o supermercado. Se isto tem implicação num questionamento das fronteiras mais delimitadas na atribuição do espaço doméstico como eminentemente feminino, há que considerar que estas tarefas são projeções das atividades masculinas no espaço extradoméstico para o espaço doméstico, especificamente no seu papel de provedores. Não é simples coincidência que para estas tarefas, a "ajuda" tenha um outro significado, sendo por eles "assumida". Assim como também o fazem em relação às tarefas de consertos e reparos na casa, "mais específico" deles, parafraseando um dos entrevistados. Com isto, a participação deles em casa é feita de forma a confirmar a divisão, apontada anteriormente, dos gêneros em relação ao espaço doméstico e extradoméstico.

As mulheres, além de elogiarem os maridos pelas tarefas que eles "assumiram", justificam que eles não participem de outras

---

(3) Salem (1980) conclui ocorrer o mesmo entre as mulheres nas famílias de "camada média" que ela pesquisou.

por afirmações de que "não têm jeito" e "aptidão", sendo estas aquelas consideradas por eles como tabu. Compartilham assim com eles a divisão do trabalho doméstico calcada no pressuposto de que existem tarefas "próprias" para elas e não para eles, assim como as socialmente masculinas são incentivadas para que sejam exercidas por eles. Nestas não há questionamento. Isto ocorre com algumas mulheres naquela área de tarefas tomada pelos maridos como "ajuda", onde elas querem que sejam divididas as responsabilidades, sendo isto ressaltado por uma delas como ponto de conflito com o marido. Abre-se aqui uma brecha para que elas percebam o espaço doméstico como não sendo único delas. Brecha esta que não é levada às últimas consequências, permanecendo a igualdade um valor subordinado à lógica hierárquica.

Resumindo, os critérios utilizados por eles para a divisão sexual do trabalho, se encontram estreitamente vinculados ao ethos cristão de "vocações diferentes" a cada um dos gêneros e da reciprocidade <sup>(4)</sup> entre elas, expressa pela idéia de "doação". Isto fica especialmente claro quando verifico que o transpassar das fronteiras de gênero, no âmbito do trabalho, é expresso tanto pelos homens como pelas mulheres, através da categoria "ajuda". O que significa estar entrando num território que não é seu. Isto evidencia o reconhecimento de fronteiras "vocacionais", que são "próprias" do ser homem e ser mulher. Fronteiras que são reciprocamente cruzadas para concretizar a "doação mútua".

## 2. O significado de esposa e marido

### 2.1 - O discurso masculino

Este item diz respeito à análise da relação entre os casais, agora desde o ângulo do significado de esposa e marido.

---

(4) Reciprocidade é aqui utilizada retendo do conceito de Marcel Mauss a idéia de uma troca entre valores iguais. Conforme Giobelli na (1983:75), a reciprocidade "abre o campo da dinâmica social na qual as hierarquias ... tornam-se possíveis".

Na definição que os homens fornecem das mulheres, é dominante o elogio a elas. Isto vem associado a uma série de qualidades por eles ressaltadas. Uma delas, que aparece em todos os depoimentos, é o fato das mulheres serem "dedicadas", não só a eles como aos filhos e que alguns estendem "às coisas da casa". O "apoio" que lhes fornecem e a "paciência" são também acrescentados pela maioria, além de ser "carinhosa", "amorosa".

Três deles levantaram também, que haviam escolhido as esposas pelo "recato", por que "não era uma moça que se atirava"; sendo que isto vem relacionado ao "medo de casar e amanhã ou depois ser enganado". Uma garantia deste "recato" era a mulher "ter muito forte a religião".

Todas estas qualidades podem ser agrupadas em torno de três idéias: abnegação, demonstração de afeto e moralidade.

*"Ela é uma mulher, assim, espetacular. Em relação aos filhos, em apoio à mim; é dedicada às filhas, foi desde o começo, é muito carinhosa e de uma dedicação extrema às coisas da casa ... eu acertei na escolha, por que eu sempre tive medo de casar e amanhã ou depois fosse enganado. Tive várias namoradas que se a gente quisesse sexo teria na hora. Mas da Dêlia eu sabia que gostava de mim mas não era uma moça que se atirava assim e isto valoriza qualquer mulher ..." (Dêlio).*

A abnegação está entendida pelas categorias "dedicação", "apoio" e "paciência". Estas são qualidades que definem as mulheres por relação com o outro, no caso os próprios maridos, e mais, são "qualidades de doação" das mulheres ao marido e ao lar.

O afeto, que todos colocam como uma condição da relação do casal, tem um significado especial quando diz respeito a uma qualidade da esposa: deve ser demonstrado. Ser carinhosa é demonstrar o afeto, para e pelo marido, para e pelos filhos.

A moralidade: a religião é a fiança de que a mulher é "séria". Ser "séria" é ser virgem no casamento e ser fiel depois. Mais que isto, a mulher deve demonstrar que é isto por um compor-

tamento "recatado". Este é um ponto interessante das definições masculinas de esposa porque é o que mais facilmente pode ser contrastado com a definição masculina de marido: alguns dos entrevistados relataram, espontaneamente, que haviam tido relações extra-conjugais. Enfatizam terem sido relações "passageiras", "sem envolvimento", e que "não deixaram a família em segundo plano". Expressam conflito por este comportamento, que avaliam como "erro do marido". "Erro", porém, que não afetou o bem estar familiar. "Não deixar a família em segundo plano" significa, para eles, duas coisas principais. Uma, que não tiveram sexo com afeto, extraconjugalmente. Outra, que não deixaram de prover a família com o que era preciso para satisfazer suas necessidades. A estes pontos retornarei abaixo.

O discurso masculino para definir marido utiliza várias expressões para reforçar a sua atuação como provedor. Esta é a qualidade de marido por excelência. A "responsabilidade", o "não deixar faltar nada em casa", são características valorizadas pelos entrevistados. A "responsabilidade", o "ser responsável" é entendida, também, como a qualidade que permite ao homem "cruzar as fronteiras" da sua "vocação", para prestar auxílios mais cotidianos à esposa. Aqui, se enquadra, por exemplo, a "ajuda" no trabalho doméstico que alguns traduzem pela "coparticipação" em casa. Mas é fundamentalmente como provedores que estes homens se auto definem como maridos.

Gostaria de ressaltar, aqui, da dificuldade dos homens falarem em si e de produzirem esta definição. Foram reticentes sempre que tocavam na relação com a família, sendo fluentes e ficando mais à vontade quando falavam de seu trabalho.

Retomo, agora, a discussão sobre a moralidade feminina no discurso masculino, pensando sua relação com a autodefinição dos maridos. Quero examinar duas idéias que extraio destas afirmações.

A primeira idéia é de que há, para estes homens, uma moralidade feminina e uma moralidade masculina. Entram, portanto, em contradição com o discurso católico ao qual estão vinculados: este diz que para ambos, homem e mulher, sexo são com amor e dentro do casamento. Mas isto é apropriado de forma singular. A moralidade feminina está diretamente ligada ao comportamento sexual controlado pelo casamento. A do homem se liga ao comportamento sexual COM AFETO no casamento e permite ERROS traduzidos no comportamento se-

xual SEM AFETO, fora do casamento. O dilema que os homens expressam na avaliação ERRO conta com uma solução que é parte da qualidade abnegada da mulher: seu "perdão". Este perdão é possível também por uma segunda razão central para os homens: o sexo, porque sem afeto, não interfere na sua responsabilidade para com a família e, principal, não compromete seu dever de provedor. É por este que sua moralidade se define.

A segunda idéia é que, assim sendo, a mulher é tida como o locus, por excelência, mantenedor da moral familiar e da família. Ela é a parte da engrenagem que não tem flexibilidade alguma para fugir, ainda que temporariamente e "sem envolvimento", às regras. E isto indica que não admitem que a sexualidade da mulher possa ser exercida sem afeto: a afetividade demonstrada e exercida pela mulher as coloca, mulher e afetividade, numa associação natural. Delimitando para ela o exercício da sexualidade dentro da família, os homens garantem sua honra, cuja responsável é a mulher.

Reforçando estas idéias, é comum no discurso masculino a colocação de que a "liberação sexual" é a causa da "desagregação" do casamento e da família, associando esta "liberação" à mulher.

Assim, a leitura que estes homens fazem do discurso católico, vai numa direção mais "tradicional", estendendo as "vocações" diferenciais ao campo da sexualidade e deixando de lado a "igualdade de direitos e deveres". Dito mais exatamente, fazem a subordinação desta igualdade, referida no discurso católico, às "vocações diferentes" (5).

Enquanto na definição das esposas eles ressaltam como qualidade delas a demonstração de afeto, a ausência disto neles não é problematizada. Ao contrário, é a contrapartida natural da mulher que "por essência" é carinhosa. A evidência disto é que quando eles falam sobre a relação com as esposas, são recorrentes afirmações como:

*"No período do namoro o comportamento da gente é um e depois que a gente casa é*

---

(5) Houve no entanto um entrevistado que declarou, e foi corroborado pela esposa, ter casado virgem e manter a regra de fidelidade no casamento, fazendo questão de frisar que: "não fugi aos princípios católicos".

*aquele negócio: conquistou, então aí vem aquele relaxar natural e eu conquistei, então tem uma diferença né? (risos)" (Arlindo).*

*"Eu também não sou muito de falar guardo mais as coisas para mim, nem ficar fazendo festa. Às vezes ela reclama, mas depois passa..." (Carlos).*

## 2.2 - O discurso feminino

Este discurso, apareceu muito mais cheio de nuances do que o discurso masculino. As mulheres estavam mais dispostas, no geral, a falar sobre os assuntos que diziam respeito às relações delas no âmbito da família. Não simplificavam nem se mostraram reticentes às questões. Ao contrário, se alongavam sobre elas e as problematizavam. Foi um discurso também carregado de emoções, sempre afloradas, e que me faziam perceber estar falando com elas sobre algo que lhes dizia mais de perto e lhes tocava.

No discurso feminino, o "ser responsável" e "trabalhador" são ressaltados como qualidades dos maridos. Mesmo as mulheres que não tornam isto explícito, também não fazem nenhuma crítica quanto a este desempenho deles. Além disso, na medida em que, como as outras, elas percebem ser de responsabilidade do homem "sustentar a família" <sup>(6)</sup>, é possível inferir que estes valores são importantes também para elas na definição dos maridos.

Apesar de poder inferir que estas sejam qualidades observadas por todas, o interessante a notar é que elas ao serem solicitadas a definir os maridos, imediatamente falaram do que consideram seus principais defeitos. Assim, posso identificar entre elas dois tipos de resposta: um, onde junto com o elogio aos maridos enquanto provedor há críticas a outros aspectos, como é o caso de Bruna e Dêlia. Outro tipo de resposta fornecem Carla, Arlinda e Emília, que só enfatizam os aspectos que criticam nos maridos.

---

(6) Ver item 1 deste capítulo.

O ponto comum e dominante nestas críticas é o de que os maridos são "fechados". Embora varie o que cada uma ressalta, isto sempre envolve: ausência de "escuta", "demonstração de carinho", "atenção" e/ou "dizer o que sente".

*"Ele é um chefe de família muito responsável, muito trabalhador ... Ele teve um problema financeiro sério e eu só fui saber quando estourou. Ele não se abre, ele não tenta para conversar. Às vezes eu consigo isto dele, mas é muito difícil. Um desabafo meu ele não tem paciência de ouvir ... "(Délia).*

*"Ele é uma pessoa muito fechada. A gente fala com ele e ele não se lembra daqui a duas horas o que foi falado. Então, você acha que conversou mas não houve uma escuta. Também não é de demonstrar carinho e eu acho importante chegar, dizer uma palavra, estimular este carinho ... demonstrar o que sente, eu nunca sei se ele está satisfeito com a vida dele ... eu chego a ter medo de ir a fundo nas coisas porque aí ele pode ficar agressivo ... "(Arlinda).*

Estes depoimentos servem de exemplos para o teor recorrente na crítica de "fechamento" dos maridos, onde as reclamações vão no sentido deles não exteriorizarem os próprios sentimentos e de se mostrarem indiferentes ao que elas dizem e/ou sentem, além de não dividirem os "problemas" que dizem respeito ao "seu mundo" (quer entendido como o trabalho, quer como questões pessoais). Embora se deva levar em conta que nesta crítica existem variações de grau, indo desde a constatação de um total "fechamento", até uma relativização do mesmo. O que faz com que esta reclamação apareça tendo maior ou menor peso para a relação. Assim, enquanto o "fechamento" do marido não impede que Emília defina a relação como "muito boa", Carla afirma que isto a fez pensar "muitas vezes" em

se separar do marido:

*"Eu pensava muito e depois dizia: não, Eu tinha medo de reflexo nos filhos, deles passarem a não ir bem nos estudos, não passar no vestibular e eu ia ser a culpada. Mas agora, depois de criar os filhos, ter trabalhado tanto, mais acomodada é eu ficar no meu canto ..."*

Com exceção de Carla, as mulheres atribuem à participação nas "Equipes", a possibilidade de concretizar alguma mudança neste âmbito do comportamento dos maridos. Falam que através destas os maridos "melhoraram". A perda desta expectativa em Carla foi o motivo acionado para ter se retirado da "equipe":

*"Não me importo de ter deixado a equipe e nem quero mais, porque: tem reunião? vamos à reunião. Aí é só aquilo, todos esses anos ele só prometia e não mudava nada. Acabei cansando ..."*

Por contraste com a percepção dos maridos de que a mulher é o locus da afetividade e, principalmente, de afetividade demonstrada e aceitando a ponte que as mulheres fazem entre sentimento e afetividade, é interessante o exame desta reclamação com mais detalhe.

As mulheres parecem propensas a não respeitar a fronteira de gênero, que é clara para os maridos, e cuja linha demarcatória é a afetividade. Seus depoimentos neste sentido são carregados de emotividade e indicam estarem falando de uma questão central para elas. Reclamam de algo que gostariam que se modificasse.

Ao mesmo tempo porém, elas recuam desta propensão de cruzar a fronteira, falando do "fechamento" dos maridos como próprio da "natureza" dos homens:

*"... ele, por natureza, é muito fechado"  
(Emília).*

"... todo homem é assim" (Bruna).

"Porque o homem - nós dávamos no curso de noivos as diferenças psicológicas do homem e da mulher - e o homem é diferente na sua maneira de ser. A mulher é mais carinhosa, quer muito mais atenção e o homem não está se preocupando muito com isso, ele é muito assim do que está acontecendo à sua volta, mas de uma maneira mais prática, no geral é muito frio, não demonstra o que sente ..." (Arlinda).

Este movimento pendular das mulheres, de ficar entre a expectativa de poderem encontrar formas de modificar o comportamento "fechado" dos maridos e tomá-lo como algo que lhes é próprio, poderá ser melhor entendido a partir do significado que as mulheres atribuem ao ser esposa.

Ao se autodefinirem, as mulheres valorizam para si as qualidades de abnegação e demonstração de afeto. "Servir", "aceitar" e "estar disponível", "ser carinhosa", são as categorias recorrentes:

"Olha, ser esposa para mim é um desdobramento total, a gente tem que estar disponível, ajudar a qualquer hora, dar muito apoio, carinho, aceitar as coisas..." (Arlinda).

"Eu sou uma pessoa que faço tudo para o marido. Os meus filhos acham que eu sou muito tola de fazer tanto a vontade dele, mas eu acho que a esposa tem de ser assim como eu sou, não acho ruim. Ele gosta de ser servido, ter sempre tudo na mão e eu acho que não custa servir" (Bruna).

É dentro da valorização na abnegação que, com exceção de

Carla, as mulheres agem em relação ao "fechamento" dos maridos. O depoimento de Arlinda ilustra bem a posição delas a respeito:

*"Se eu não procurasse entender, aceitar a maneira de ser dele, fechadão, ia ser tudo muito difícil ..."*.

Desta forma, a naturalização do "fechamento", acaba por se traduzir no "procurar entender e aceitar". A oscilação delas se dá assim entre ficar insatisfeita e a "aceitação" ou, como é o caso de Carla, a "acomodação".

Embora o descontentamento manifestado com o comportamento "fechado" dos maridos varie em grau, sendo Carla o caso extremo, todas elas terminam por fazer prevalecer a abnegação, incorporando-a como atributo delas.

Esta incorporação permanece mesmo entre aquelas que problematizam a abnegação:

*"... Agora, eu não acho certo ficar nesta disponibilidade toda a vida não. Eu até mudei muito por achar que devia me adaptar, mas não aceito meu marido lá em cima e eu aqui embaixo; tem de haver igualdade. Então, eu acho que ele pode fazer em casa qualquer trabalho..." (Arlinda).*

*"Eu estou no mundo mais para servir do que ser servida, como dizem as palavras de Jesus Cristo. Mas eu vivi muito de acordo com os padrões, com a maneira de viver dele, então era feito tudo de acordo como ele gostava e eu acho que o casamento não é um se amoldar totalmente a outro não ... eu acabo ficando muito em função dele em casa ..." (Emília).*

Apesar de falarem em individualizar-se em relação ao marido (no caso de Emília) e de problematizarem a abnegação, esta

não chega a ser questionada (7).

A abnegação é também o que predomina numa referência comum dos depoimentos femininos: a facilidade de separação dos casais atuais. Isto porque, segundo elas, já iriam para o casamento com a idéia de que "se não der certo, separa". Faltar-lhes-ia perceber a importância do "perdão", da "aceitação do outro" e da "luta contra o egoísmo".

A semelhança entre este discurso sobre separação e o dos maridos, está em que ambos atribuem à mulher a responsabilidade pela permanência do casamento (e da família). O contraste está em que eles alocam o perigo da desestruturação do casamento na "liberação sexual" e portanto na moralidade feminina, enquanto elas assumem isto como ponto pacífico e enfatizam a incapacidade feminina de "perdoar" e de "aceitar".

Quando a maioria das mulheres explicita ou dá a entender saber que os maridos fugiram à regra de fidelidade no casamento, o "perdão" deste "erro" é ressaltado por todas como condição para a continuidade do convívio, do "acertar" e da "volta à harmonia dentro de casa". Isto confirma a importância que elas dão à abnegação para a manutenção do casamento, embora tenham manifestado insatisfação com a atitude dos maridos.

Considerando que a abnegação está fundamentalmente referida à "doação", elemento central do discurso católico sobre casamento e família, as mulheres se apropriam dela como uma característica feminina - talvez se possa dizer naturalmente feminina - ainda que problematizada por algumas. Assim, naturalizam o ser esposa e com isto o ser marido.

Entretanto, conforme já venho delineando, existe um movimento pendular nas mulheres. Este se dá sempre entre a naturalização do ser marido e ser esposa e o descontentamento que no cotidiano esta naturalidade provoca. Um movimento onde não há ruptura, pois o resultado dele é a resignação.

---

(7) Vale recordar que Arlinda naturaliza a não participação do marido em certas tarefas de casa (ver item 1 deste capítulo).

### 3. Considerações finais

O que constatei neste capítulo é que, para estes casais, a relação homem/mulher é concebida dentro do paradigma "tradicional", onde as fronteiras entre os gêneros estão rigidamente traçadas, tendo o sexo por critério definidor dos gêneros como naturalmente diferentes e complementares.

O ethos cristão presente entre os casais os leva, às vezes, na direção do questionamento destas fronteiras pela incorporação do valor igualdade presente no discurso católico. Isto ocorre em relação à divisão do trabalho doméstico, pela participação do homem nele e no significado de esposa e marido, pelas mulheres reclamando do "fechamento" dos homens. Mas como demonstrei, as fronteiras não chegam a se desfazer na medida em que outra incorporação do discurso católico é feita: homens e mulheres têm "vocações" diferentes. Se identificam e reforçam assim o paradigma "tradicional". O mesmo ocorre no que diz respeito à reinterpretação que os homens fazem da igualdade colocada pelo discurso católico sobre a relação sexo, amor e casamento, que para eles diz respeito apenas à mulher, locus por excelência da afetividade e que por isso tem sua moralidade definida pelo exercício da sexualidade dentro da família. As mulheres, ao tomarem a "doação" como "vocações" delas, assumem também esta divisão feita pelos homens e a afetividade como natural delas.

Outro ponto, que deixei para colocar agora, diz respeito à valorização, entre os casais, numa relação baseada no diálogo e que é apropriada pelo discurso católico veiculado através das "equipes" (6). No entanto, o reconhecimento por parte dos casais da dificuldade na concretização disto é comum. As mulheres problematizam esta dificuldade em cima do "fechamento" dos homens. Estes, além de considerarem natural deles "ser fechado", vêm com indiferença a constatação da ausência de diálogo. Assim, mesmo este, é mais um ideal que as mulheres ainda buscam do que algo vivenciado pelo casal, onde a "negociação" não aparece.

Concluindo, o ethos cristão ora se articula com o holista (homens e mulheres são diferentes e complementares), reafirmando-o,

(6) Ver capítulo II, item 2.3

ora com o ethos individualista (homens e mulheres são iguais) que, no entanto, permanece sempre subordinado e sô diz respeito à questão do valor igualdade e não à relação disto com outros valores presentes nos segmentos de camada média "modernos", como a autonomia individual, a individualidade.

## CAPÍTULO IV

### - As fronteiras de gênero nas gerações

Neste capítulo, a existência ou não destas fronteiras é examinada tendo por eixo as mesmas questões referidas no capítulo anterior: a definição dos gêneros como naturalmente diferentes, sendo o sexo determinante, ou o questionamento e diluição disto através da valorização na igualdade. Além da problematização ou reforço que o ethos cristão proporciona.

No exame destas questões, a análise é centrada agora nas gerações, visando verificar quais as continuidades e rupturas entre elas. Neste sentido, o capítulo está dividido em dois itens: um sobre a visão dos pais e outro sobre a visão dos filhos. Cada um destes itens tem por base os seguintes pontos: a relação entre as gerações, que contém no significado de pai, mãe e filho, os valores em que se baseia esta relação e as áreas que os pais levam - tam como principais alvos de controle no comportamento dos filhos.

#### 1. A visão dos pais

##### 1.1 - Sobre a relação

Como a divisão na orientação dos filhos é ligada ao significado de pai e mãe, se encontrando associada à relação deles com os filhos, eu resolvi incluí-la neste item do trabalho.

Esta orientação, em todos os casais, está e sempre esteve totalmente a cargo das mulheres. Mesmo o casal B, único a não reconhecer isto, afirmando que "eram os dois, a mesma coisa", admite que todas as decisões nesta área são de Bruna. O que me faz afirmar que esta é uma posição unânime entre os casais.

No discurso masculino, não existe qualquer tipo de problematização sobre esta divisão de encargos. Além disto, eles explicam a ausência na orientação dos filhos por afirmações como: "ela tem muito mais jeito", "este é o papel da mãe", "o homem é mais voltado mesmo para o trabalho". Revelam assim ser natural que a

educação dos filhos esteja sob a responsabilidade da mulher; o que apenas reforça o que eles colocam quando falam do trabalho extradoméstico (1). Naturalizam também com isto a ausência deles.

No discurso feminino tampouco existem maiores questionamentos. Embora a maioria das mulheres não compartilhe esta naturalização que os homens fazem, falando de igualdade ("pai e mãe têm os mesmos deveres, devem assumir as coisas juntos"), não deixaram de seguir mantendo esta divisão e se sentirem responsáveis pelos filhos (2).

Trata-se portanto de uma divisão "tradicional". Entretanto, todos os entrevistados parecem apontar numa direção diferente a respeito do significado de pai.

Quando os homens se referem à relação deles com os filhos, falam em "ser mais afável", "carinhoso". Junto com isso, em serem "abertos", o que se traduz em "diminuir as reclamações", não ser "repressor", "autoritário" ou "de impor as coisas". Por exemplo:

*"Eu mesmo reflito que alguns pontos eu devo melhorar: procurar ser mais afável com eles, conviver mais com eles e poderia ser um pouco mais aberto no relacionamento, diminuir as reclamações ..."*

*(Carlos).*

*"A minha relação com eles é meio espinhenta. Eu também não sou muito de - eu gosto deles - demonstrar carinho. Acho que sou um pai assim do tipo meio autoritário. Acho que já é uma coisa assim meio automática, da maneira como eu fui criado, não é ?" (Emílio).*

Em suma, reconhecem que não demonstram afeto e que são "autoritários". Ao mesmo tempo gostariam de ver isto transformado: "devo melhorar", "estou tentando", são expressões comuns entre eles. Indicam assim uma direção "moderna", onde o pai não seja

---

(1) Ver capítulo III, item 1.1

(2) Nos capítulos II e III, isto se confirma.

distante dos filhos, mas demonstre afetividade e seja mais participativo; que a relação com eles não seja "autoritária", mas baseada no "diálogo" (que alguns expressam claramente). No entanto esta é uma direção que não chega a se concretizar.

A maioria dos homens explicita a dificuldade em mudar:

*"... A gente procura fazer um esforço, mas eu sou meio tradicionalista, já um pouco meio antigo para mudar. Não tenho mudado muito". (Carlos).*

Mesmo Arlindo e Dêlio, que afirmam estar mudando, expressam a mesma dificuldade dos outros, e associam isto à maneira como foram "criados":

*"O meu pai sempre foi assim de impor as coisas, de achar que ele é que tem razão. Era meio violento. Então tudo isso eu trouxe um pouco e fica mais difícil mudar. Mas eu estou tentando ser agora mais aberto, participar mais. Porque até pouco tempo atrás, eu era totalmente fechado para elas. Não admitia que me dessem um palpite ..." (Dêlio).*

Embora não haja porque negar que o processo de socialização destes homens tem peso na dificuldade deles em mudar, creio que há outra razão implícita em todos eles e que apenas um tornou clara:

*"Esse negócio de não demonstrar carinho, ser assim meio autoritário, em parte é pelo fato de achar que se a gente fica muito amigo, fica mole, dos filhos querem tomar conta da gente ..." (Emílio).*

A dificuldade se traduz assim na ameaça que uma relação simétrica e afetiva com os filhos representa, já que contém um sentido disruptivo de controle sobre os mesmos. É preciso que a

autoridade seja resguardada e garantida, o que é feito através da não demonstração de afeto. Motivo pelo qual o que indicava numa direção "moderna" não se realiza. Mas há aqui outro motivo, interligado ao primeiro, desta não realização e que passo a desenvolver.

Quando a maioria dos homens fala em não ser "repressor", "autoritário" ou "de impor" e associa isto a uma relação baseada no diálogo, isto significa que devem mudar a forma de fazer os filhos obedecerem, mas não a relação assimétrica com eles. O que quero dizer é que o diálogo é interpretado pelos homens dentro da lógica hierárquica e não pela valorização da igualdade entre pais e filhos. O depoimento de Arlindo é um bom exemplo:

*"Quando a filha não tem diálogo, que o pai só se apresenta como um repressor, a filha sai de casa, parte para a droga ou entra nessa de amizade colorida que anda por aí. Tem que ter diálogo, explicar porque isso não pode acontecer, não deve e o que pode gerar".*

A problematização da "imposição", "repressão", está vinculada ao receio de que os filhos se desviem das normas paternas, cuja "solução" está no pai não abusar de sua "vocalção" (a autoridade) na relação com os filhos, como reza o discurso católico. Este afirma que os pais não devem ser "opressores". O diálogo, sua contrapartida, é reconhecido pelo pai como um meio mais eficaz de controle porque permite uma aproximação com os filhos. Ainda assim, reinterpreta-se à sua maneira: é uma conversa amigável, onde o pai explica ao filho porque "não deve desobedecer". Para os pais, o marco que diferencia o "autoritarismo" do "diálogo" é que este é mais amigável: Continua sendo, porém, para eles, uma comunicação de via única, o que evidencia que para os pais a relação com os filhos é de autoridade/obediência. Estes não são questionados em nenhum momento, ao contrário, são naturalizados. A forma de exercer a autoridade e, principalmente, a eficácia traduzida na obediência, são os pontos sobre os quais se faz a reflexão dos pais.

*"Nós somos iguais em dignidade, como se-*

res humanos. Agora, eu acho que pelo fato deles serem meus filhos eles têm o dever de obediência para comigo ... eu respeito eles porque são outras pessoas. Eu digo assim o jeito, a natureza deles, de ter determinados gostos, de agir de uma determinada forma. Mas evidente que tem que lapidar o diamante, tirar aquilo que o está impedindo de brilhar ..." (Emílio).

No caso das mulheres, a queixa mais comum é de que os maridos, enquanto pais, "não conversam com os filhos", ou seja, "não têm diálogo":

"Ele nunca foi assim de conversar e se ele fala é para estourar, brigar, e são motivos insignificantes, tudo besteira ... " (Carla).

"Falta mais diálogo, de conversar, procurar saber mais delas. Ele não é uma pessoa assim de chegar, fazer um carinho, brincar. Ele é muito de dizer não ... " (Arlinda).

A explicação que elas fornecem para este comportamento é o fato dos maridos serem "muito exigentes", serem "mais de se impor" e quererem "tudo à moda deles".

A reclamação das mulheres sobre a falta de diálogo entre maridos e filhos (ambos os sexos) poderia indicar uma percepção da relação entre pais e filhos como devendo ser orientada por valores individualistas: o diálogo sendo a prova da igualdade entre eles. No entanto, elas não se afastam, também aqui, da rota "tradicional" que tem marcado seus discursos. É possível dizer até que elas reforçam os valores "tradicionais" nas relações delas e dos maridos com os filhos, apesar de, aparentemente, desejarem que fosse diferente.

A primeira evidência disso é que definem também sua relação com os filhos - e a relação pais/filhos, num sentido geral - co

mo uma relação de obediência.

*"Porque eu acho que elas devem procurar ser obedientes e evitar fazer o que nós não gostamos. Elas têm uma boa base, uma boa orientação, então eu acho que elas também devem dar uma resposta àquilo que tiveram, que receberam de bom ..."* (Arlinda).

Entretanto, a atualização da obediência, no caso das mães, não se dá via autoridade como com os pais. Sua estratégia é a do "diálogo", para o qual estão naturalmente qualificadas, já que as qualidades "naturais femininas" da afetividade, da paciência, do doar-se, lhes possibilitam este tipo de relação com os filhos. As mulheres definem sua relação com eles exatamente por esta via: uma "relação de amiga", "aberta".

A aproximação com os filhos, coloca as mulheres numa posição privilegiada para exercerem vigilância sobre eles. Esta vigilância, é bom ressaltar, se dá principalmente com as filhas, onde a proximidade é maior e permite que elas se mantenham informadas sobre suas atitudes. As filhas são consideradas "abertas" e os filhos "fechados". Interessante que enquanto das primeiras as mães requisitam serem "abertas", o "fechamento" dos filhos não é problematizado, donde deduzo que considerem isto natural deles, como homens. O que não quer dizer que não estejam também próximas dos filhos. Mas é mais no sentido delas para eles.

*"Eu sempre, na base da brincadeira, ia puxando o assunto de namorado, de paquera. Então eu não tenho muito medo nesse sentido assim de relação com rapazes e nem com drogas. Porque eu sempre conversei muito com elas, sempre estou muito próxima, muito amiga ..."* (Délia).

*"Eu sempre procurei mostrar para os filhos aquilo que eu acredito. Nós sempre tivemos diálogo, conversamos de tudo.*

*Mais com as filhas, porque eles são mesmo fechados; então não dá muito de saber o que eles pensam ... "(Emília).*

A segunda evidência do reforço, por parte das mães, de valores "tradicionais" na relação delas é dos maridos com os filhos, é a atuação delas como mediadoras entre pais e filhos. O que passo a examinar com mais detalhes agora.

São dois os pontos a desenvolver: o primeiro é que, enquanto mediadoras na relação, as mães reforçam o pai como figura distante dos filhos e o autoritarismo dele perante os mesmos e o segundo é que, em assim fazendo, reforçam junto aos pais a predominância delas na esfera das decisões sobre os filhos.

É recorrente no discurso das mulheres a enumeração das coisas que conseguiram para os filhos através da habilidade delas para "lidar" com os maridos:

*"... Eu sou muito mais fácil do que ele. Para conseguir com ele, eu tenho que saber o horário, quando falar, como falar" (Arlinda).*

*"... Eu tenho que dizer para os filhos : calma ! porque eles acham que eu tenho que convencer logo o pai. Eu consigo, mas não é de repente. Eu tenho que conversar devagar, explicar" (Emília).*

Ao interceder junto aos pais, em favor dos filhos as mães reafirmam perante os filhos sua capacidade de vencer barreiras que eles não conseguem ultrapassar. Dão-lhes também a idéia de que estão do lado deles no "confronto" com os pais. O caso limite desta atuação é o que algumas mulheres relatam: o encobrimento de "erros" dos filhos:

*"Eu falo: meu Deus do céu ! não diz nada pro teu pai, porque se ele descobre ! Ele é uma pessoa muito exigente ... (quando o marido descobre) ... aí eles me dei*

xavam naquele impasse ! No meio. No fim a corda estourava nas minhas costas e a culpa é minha porque acobertei. Ele tem razão, eu não precisava ter escondido. Mas sabe como é mãe, né ? Sempre é a capa dos filhos. É sempre assim, não sei porque". (Bruna).

Ora, esta mediação perpetua a relação distante entre pais e filhos, que se tornam dependentes das mães para "mandar recados" de lado a lado. Se, por uma parte, "estar no meio" acarreta os riscos de ter a "corda estourando em suas costas" (no caso extremo), no geral as torna figuras centrais no interior da família e que é explicitamente reconhecido tanto por elas como por pais e filhos. Isto se evidencia pela constatação dos filhos de que nesta negociação a mãe "está do seu lado" e, no caso dos pais, de que necessitam dela para operar a comunicação. Valorizadas e se autovalorizando no seu papel de intermediárias, a impossibilidade de mudança na relação distante entre pais e filhos permanece.

Por outro lado, a mesma habilidade que possibilita às mães os "ganhos" para os filhos é utilizada para que as decisões sejam em geral delas, Isto, no entanto, é feito de forma a que os filhos não percebam:

"Não sô em relação aos filhos, mas em tudo a última palavra é minha. Mas é sempre assim. Se a mulher souber fazer as coisas com o marido, ela é que manda. É um jeitinho que a gente tem né ? Não desautoriza, entendes ? A gente concorda com eles mas faz o possível para ele concordar com a gente" (Bruna).

"... Por que também é assim: primeiro elas (filhas) perguntam tudo para mim. Mas a gente não discute em relação ao que um ou outro diz na hora. Se eu tenho um pensamento, ele tem outro, para chegar a um pensamento sô a gente conver

*sa sozinho. Porque se eu disser que sim e o Arlindo disser que não, aí elas vão perder a confiança ou desrespeitar. Mas eu acabo convencendo ele com jeito ... "*  
(Arlinda).

Assim, a mediação também reafirma junto aos pais a dominância delas nas decisões a respeito dos filhos, mas garantindo os pais como figuras de autoridade perante os mesmos, já que eles é que aparecem como dando a decisão final.

O exame destas questões me levam a concluir que, a rigor, as mulheres estão reforçando o que idealmente negavam ao reclamar sobre a falta de diálogo entre o marido e os filhos. Sem negar que o marido deva ser visto com autoridade, atuam eficazmente como fonte de decisões sobre os filhos. Isto lhes dá o recurso final de não comprometerem sua figura "amiga", pois, em último caso, a "imposição" pode sempre ser remetida ao pai. O controle dos filhos e da relação entre pais e filhos é exercido de forma camuflada, sendo consequência também do maior contato e envolvimento afetivo dela com os filhos.

## 1.2 - Sobre os alvos de controle

Os temas que se revelaram como sendo aqueles onde recaem os receios e a preocupação de controle dos pais sobre o comportamento dos filhos são: o desempenho destes no estudo, as relações sexuais antes do casamento, as amizades e o namoro dos filhos, além do uso de tóxicos. Destes, o único sobre o qual a preocupação dos pais não é diferenciada em função do sexo dos filhos é o uso de tóxicos. Por isso, este tema não foi considerado para a análise.

Os temas podem ser subdivididos em duas grandes áreas: estudo e sexualidade. Na medida em que namoro e amizade são temas que se inter cruzam com estas áreas, serão abordados ao final para evitar repetições dentro de cada uma das áreas referidas.

## A. O estudo de filhas e filhos

Em relação a esta área, as colocações dos pais giram em torno do estudo superior dos filhos. Ter um curso universitário é a meta que todos os pais almejam para eles. No entanto, o significado que os pais alocam ao curso superior para os filhos, é diferente conforme o sexo destes; razão pela qual exponho cada um deles em separado.

No caso das filhas, o argumento dominante entre os pais para que elas tenham um curso superior é o de que assim é "mais fácil de arrumar um emprego":

*"Sempre achei importante que elas estudassem, sempre incentivei. Eu acho que para cultura pessoal e acho que o momento exige que a pessoa tenha um curso superior, senão é difícil de arrumar emprego. Inclusive eu não tenho o curso superior e eu não gostaria que elas chegassem como eu, com vinte anos de serviço e me achando assim tão desprestigiada. É bom que elas estejam bem preparadas, se for preciso" (Délia).*

*"... dentro desse desenvolvimento, do crescimento desse país, ele exige maiores conhecimentos de cada um, um maior poder de adaptar-se num número maior de profissões. Sei eu o que vem por aí. Eu, felizmente, sempre tive um bom salário, tanto que a Bruna parou de trabalhar..." (Bruno).*

Embora associando claramente a universidade às filhas virem a se profissionalizar e em alguns casos implicar numa carreira ascendente, isto não é colocado como imprescindível. O curso superior é percebido como uma forma delas se prepararem para entrar num mercado de trabalho que "exige" isto, mas só "se for preciso",

ou seja, venham a ter que complementar o orçamento doméstico, "ajudar" o marido. Caso contrário, ele serve para "cultura pessoal", ampliação dos conhecimentos.

Apenas dois pais colocam como não sendo importante as filhas terem um curso superior. Embora esta não seja a posição dominante, vale a pena ressaltar seus argumentos porque estes têm um ponto em comum com o que se encontra implícito no argumento dos outros pais:

*"Eu acho que todo ser humano deve estudar. É importante que ele cresça na cultura, esteja ao par das coisas. Agora, eu não acho tão necessário para a mulher se for por causa do dinheiro. Se elas não quizessem estudar muito, fizessem só o segundo grau, eu acho que não iria forçá-las ... "(Dêlio).*

*"... eu me preocupei mais com o estudo em nível superior dos meus filhos do que das minhas filhas, porque se uma moça amanhã ou depois fica sozinha, ela sempre tem chance, é mais natural, que ela fique morando com os pais e que eles a sustentem e depois, se casar, tem o marido não é?" (Emílio).*

A idéia de que é "natural" a mulher "ser sustentada" pelo homem é a tônica que marca o argumento dos pais, sendo por isto comum entre eles a desvinculação entre o curso superior para as filhas e sua automanutenção futura <sup>(3)</sup>. Mas todos os pais estão investindo no curso superior das filhas ou no prolongamento dos estudos visando chegar à universidade. Às vezes com grande ônus, como é o caso de Emílio, que custeia o curso de pós-graduação das duas filhas que, morando fora de casa por isto, lhe dão despesas extras. Além disso, mães e pais se mostram orgulhosos com o bom

---

(3) Mesmo Emília e Arlinda, as únicas a afirmarem a importância das filhas terem uma profissão para "realização pessoal", não fogem a esta idéia.

desempenho das filhas nesta área, alguns chegando a defini-las como "excelentes filhas" por este aspecto (daí ter que se relativizar a "despreocupação" de Emílio e Dêlio). Nestes termos, o que permanece mais importante, a meu ver, é a "cultura pessoal". Não no sentido por eles explicitado mas no que isto significa em termos de "valor simbólico", colocado em ter um curso universitário. Assim, "a função econômica (ou 'valor de uso') do papel ocupacional feminino é relegado como um recurso de última instância, ao passo que o valor simbólico da educação superior persiste ... (conferindo) prestígio social a seus pais e maridos" (Salem, 1980:114).

No caso dos filhos, o título universitário tem não só "valor simbólico" como "valor de uso". O curso superior é vinculado diretamente pelos pais, aos filhos se manterem e à família futuramente.

O depoimento de Emílio fornece a conclusão das colocações feitas pelos outros pais, que se fossem expostas só fariam repetir as aludidas por ele:

*"... eu tenho dito para eles que devem fazer a faculdade, ter uma profissão para poderem se sustentar e a mulher, se amanhã ou depois eles casarem. Porque tendo uma faculdade eles terão maiores possibilidades de conseguir - que eu acho seriamente que a juventude de hoje não tem um futuro como eu tive. Quando eu era moço, era a coisa mais fácil do mundo conseguir um emprego e hoje em dia não - por isso que eu estou mostrando para os filhos a necessidade deles fazerem uma faculdade. Porque para poder melhorar, eles têm que ter um curso superior, senão não saem do lugar, não podem subir".*

Não é apenas o aspecto de que os filhos, enquanto homens, devem ser os provedores da família e se auto-manter. Mas também a expectativa que dê continuidade à ascensão social dos pais. Junto com a maior facilidade em se empregar, os pais enfatizam a car-

reira ascensional que o curso superior tem possibilidade de fornecer. Por isto, embora seja natural o homem trabalhar para seu sustento, ganha relevância para os pais que os filhos não trabalhem se isto significa prejuízo nos estudos. Agora, quando ocorre dos filhos não corresponderem à expectativa dos pais nesta área, não trabalhar torna-se ilegítimo:

*"Uma coisa que eu acho ruim e brigo com os rapazes é essa despreocupação com o futuro, de não ligarem para os estudos. O Eduardo agora disse que vai parar de trabalhar porque não dá para conciliar o horário. Tudo bem, Agora, que leve a sério, senão volta para o trabalho porque eu não vou sustentar marmanjo dentro de casa" (Emílio).*

Embora nenhum dos pais tivesse queixa quanto ao bom andamento das filhas nos estudos, há alguns relatos deles de períodos em que isso não ocorreu. Entretanto, essa atitude das filhas não aparece aos olhos dos pais como "problema", sendo percebida com naturalidade. O mesmo não acontece quando diz respeito aos filhos, onde ser "estudioso" é uma qualidade essencial deles terem. Isto revela ser sua moralidade definida em função disto, associada ao filho, como homem, caber não só ser "provedor" mas fazê-lo de forma a não comprometer a continuidade da ascensão social dos pais.

## B. A sexualidade de filhas e filhos

A sexualidade é a área central de controle das filhas e se traduz na questão da manutenção da virgindade delas até o casamento. A virgindade é um valor e, ainda, uma garantia da moralidade das filhas. Isto, por sua vez, está vinculado à preocupação de que as filhas percam o casamento por não serem virgens. Embutidas nesta preocupação estão várias noções advindas do discurso católi-

co, como sexo e amor, sexo e casamento, bem como a noção muito "tradicional" de que o controle da sexualidade feminina é a garantia da honra do marido.

"Eu ainda sou tradicional, ainda penso em sexo sô no casamento, porque eu acho que até conhecer a moça e ver o bom que ela tem, ver que realmente é uma moça de valor e que aquilo ali acontece, sempre fica aquele negócio: é um programa, é coisa passageira. Muitas vezes acontece que o rapaz sabe que gosta da moça e quando sabe do que aconteceu ele não quer mais. São casos meio antigos, né? (rindo) mas que tem, tem" (Arlinda).

"Se eu tivesse uma filha, eu gostaria que ela não fosse assim da rua, se iludisse com rapaz, porque é difícil para uma mulher encontrar quem a queira quando ela perdeu a preciosa" (Carla).

"Eu sempre digo para elas: que sempre achei, em experiência de vida, que a mulher que mais me cativava era aquela difícil, a mulher que sabia se impôr como mulher. Vocês podem gostar de um rapaz aã e amanhã ou depois acharem que têm que fazer sexo com ele porque vocês gostam. Mas têm que pensar o seguinte: será que ele vai - porque na hora ele aceita com prazer, lógico! - mas, depois, será que ele não vai achar vocês assim fáceis? Porque o sexo masculino é fogo! Às vezes pode até terminar um bom namoro, um noivado, com isso" (Dêlio).

A ameaça para o casamento - o futuro desejado para as filhas, que é o caminho certo da "boa filha" - se faz presente na me

dida em que a desvirginização significa a possibilidade da mulher passar de uma "moça de valor" ("difícil") a "sem valor" ("fácil", "de programa", "da rua") aos olhos do homem que poderia ser visto como marido em perspectiva.

Esta divisão que orienta a perspectiva dos pais sobre a sexualidade das filhas como algo que deve ser controlado até o casamento, vai de encontro ao relatado por várias análises, das quais quero destacar a de Salem (1980:176): há, segundo ela, um "limite muito tenue ... entre perda de virgindade e promiscuidade". Também, como a virgindade é uma questão que gira em torno da valorização ou desvalorização da mulher, "demarca um estado especial, revelador de qualidades morais" (Da Matta, 1986:13).

Isto explica porque os temores dos pais, em relação às filhas, convergem para a área da sexualidade. Além disto, há uma expectativa, por parte deles, no sentido de se fazer cumprir o que reza o discurso católico. A manutenção do casamento, sendo um valor fundamental neste discurso, é garantido assim pelo controle no exercício da sexualidade das filhas que, em sendo virgens, não correm o risco de serem tomadas como "moça sem valor" e por isso não casar. Corolário desta forma de pensar a virgindade (como um sinal de "qualidades morais") é que o casamento garante que a passagem de virgem a não virgem ocorra sem por em risco a honra masculina, cuja responsabilidade é alocada na mulher.

A argumentação dos pais assume um caráter ainda mais interessante quando o que está em jogo é o "risco" da filha engravidar "antes de casar ou ser mãe solteira". Se por um lado a virgindade define o "ser recatada", "pudica", neste caso (o da perda da virgindade com conseqüente gravidez), há o rompimento de uma qualidade moral essencial: "ser decente". Voltarei a este ponto.

O argumento de "risco" da gravidez é acionado por vários dos entrevistados, sem que nenhum faça referência a métodos de anticoncepção, o que é significativo da inexistência de um espaço para o sexo fora do casamento. Quando confrontados com a pergunta sobre a possibilidade do uso de métodos anticoncepcionais para evitar o "risco" (4), a não aceitação do sexo fora do casamento

---

(4) Eu queria testar a relação necessária que estavam fazendo entre sexo e procriação.

passa a ser enfocada sob outro argumento. Agora eles falam de que isto seria "usar para o próprio prazer" e "se aproveitar do outro e querer o próprio bem às custas do outro" ("egoísmo"), "prazer pelo prazer" (como algo não recomendável). Estas expressões servem, também, para que eles estabeleçam um contraste entre "sexo com amor" e "mera animalidade" ("o relacionamento sexual deve ser um ato decorrente do amor"). À primeira vista se poderia depreender uma contradição no discurso dos pais, pois se amor é uma condição para o sexo, nada teria a ver necessariamente, com casamento. Cabem aqui algumas perguntas: não poderia, para eles, haver sexo com amor fora do casamento? Porque esta relação necessária entre sexo sem amor e relações pré-conjugais?

A questão do "risco da gravidez" é o que conduz a uma elucidação desta aparente contradição. O trinômio casamento-sexo-procriação fornece a base da reflexão e preocupação dos pais sobre o controle na sexualidade das filhas. Admitir que um dos elementos do trinômio esteja ausente é romper com a possibilidade da "decência" feminina e com os preceitos católicos sobre o que é a mulher: alicerces do modelo sacramentado de família. Um dos pais explicita bem este modelo:

*(o filho)"... não nasce prontinho, demora vinte anos para se formar, ter personalidade, ser uma pessoa equilibrada ... o que sô vai conseguir se tiver um pai e uma mãe que o eduque e para isto estas duas pessoas têm que viver juntas"*  
(Emílio).

A sacralidade do casamento é sinônimo da sacralidade do sexo dentro dele. Isto porque sexo, no casamento, tem a finalidade reprodutora. É neste sentido que fora dele é "pecado", "impu-ro", "não sadio". Ao contrário, sexo no casamento é "sagrado", "puro", "sadio" e "sublime".

*"... sexo para mim não é um pecado. Sexo é uma missa, quando ele é feito com amor, entre os conjugues. Agora, sexo li*

vre (amizade colorida, como eles chamam aĩ, nē ?) eu não aceito. Agora, quando a pessoa ē casada, então ē uma coisa subli-me" (Arlindo).

Passo agora a discutir como a questāo da sexualidade se coloca para os filhos. As certezas e afirmações taxativas dos pais em relaçaō ã necessidade de controlar a sexualidade feminina, dāo lugar a uma ambiguidade nāo reconhecida quando se trata da sexualidade masculina.

"A preocupaçaō minha era muito mais com as filhas do que com os filhos, que embora para mim a moralidade ē igual para os dois, as consequēncias de uma levianidade para a moça ē muito pior, pelo fato de rapaz nenhum ficar grāvido e as moças ficam, nē ?" (Emílio).

"Os rapazes sempre saíram mais. O pai, às vezes, falava que chegaram meio tarde, aquilo tudo, mas a gente achava que era rapaz ... " (Bruna).

A ambiguidade ē revelada na medida em que, por um lado pais e mães dizem que tanto filhas quanto filhos devem ser tratados igualmente ("a moralidade ē igual") e por outro, a definiçaō de um rapaz de valor nāo passa por uma avaliaçaō do comportamento sexual deles. Passa, antes, por sua responsabilidade pela profissionalizaçaō. Assim, a sexualidade dos rapazes ē deixada muito mais frouxa do que a das moças.

Para os rapazes ē "normal" e "natural" satisfazer a "curiosidade" pelo sexo antes do casamento, ter "experiēncia". Mas desde que isto nāo implique em riscos para a saūde e no comprometimento das possibilidades que ele, por definiçaō, tem, de fazer um casamento por amor com uma moça "decente":

"Se eu tivesse um filho, eu acharia vā-

*lido ele ter sexo. É assim, uma experiência, né? Mas não de se jogar a qualquer aventura, ir com qualquer uma. E pensar as consequências de doenças que pode pegar" (Dêlio).*

*"Acho que todo homem tem certa curiosidade para com o relacionamento sexual. Não sou contra e não me incomodaria se eles vierem a ter relações. Eles podem ter e será normal, embora eu não recomende e não dê abertura para que isso ocorra. Eu não gostaria é que eles viessem a se envolver com mulheres que pudessem ter doenças, mulheres da rua, ou com mulheres comprometidas" (Carlos).*

A preocupação dos pais com o comportamento sexual dos filhos é assim de outra ordem. Além das duas arroladas anteriormente, há uma terceira preocupação que considero importante ressaltar, pois além de dominante entre os pais, ela remete para o que fundamentalmente é valorizado no rapaz: sua responsabilidade pela profissionalização. O receio é que o filho venha a engravidar alguma mulher e tenha que "casar às pressas", comprometendo assim os estudos e conseqüentemente sua futura carreira profissional. Prevenir o filho contra o "perigo" que as "mocinhas atiradas", "levianas" significam, tem relação com isto, já que elas podem seduzir o filho. Aqui, a preocupação com a moral da moça, visa resguardar a moral do rapaz.

Finalizando, para os rapazes a mensagem é dupla: "sexo com amor no casamento" e é natural que não seja assim. Como também é dupla a moral feminina e masculina.

### C. As amizades e o namoro de filhas e filhos

A constatação, por parte dos pais, que as relações dos fi

lhos fora do núcleo familiar são uma importante fonte de influência para os mesmos, faz com que os pais procurem manter-se informados "com quem eles andam". Na medida em que esta influência pode ser contrária à desejada pelos pais, o grupo de amigos é sempre percebido como ameaçador, mesmo que a maioria dos pais não revele queixa quanto às amizades que os filhos têm.

Neste sentido, este é um tema que sempre é remetido a outros no discurso dos pais.

*"Eu sempre gostei de saber com quem eles saíam. Isso me preocupava, porque eu acho que uma boa companhia influi no filho da gente. Porque se um rapaz que goste de bebida, de frequentar esses meios de maconha, de fumo, aquilo tudo, pode levar um filho meu a fazer a mesma coisa. No princípio vamos dizer que ele relutasse. Mas a turma insistindo e sabe como é, né? dá uma fumadinha aqui, outra ali, vamos fazer isso, fazer aquilo e aí podia desencadear por um caminho não muito bom". (Bruna).*

Outros depoimentos apenas confirmam, implícita ou explicitamente, o que é relatado por Bruna. Mas embora não haja diferença em relação aos filhos e filhas na associação entre as amizades e o uso de drogas, quando esta associação se coloca em termos do bom desempenho escolar e no comportamento sexual deles, a diferença é nítida. O primeiro é ligado aos rapazes e o segundo às moças.

Quando os pais se referem aos filhos, a preocupação é de que seus amigos não sejam "malandros" e/ou de "farras e bebedeiras" e quando a referência são as filhas, é o comportamento sexual das amigas. Não ser "leviana" e ter "bons princípios" são as qualidades requeridas delas.

Assim, mesmo que a preocupação com o grupo de amigos seja igual, os motivos desta não o são, gerando critérios diferentes na qualificação positiva dos amigos segundo o sexo deles. Isto apenas confirma o que já foi colocado anteriormente sobre o significa

do que os pais têm do estudo e sexualidade dos filhos não ser semelhante e que obedece ao mesmo critério diferenciador: o sexo destes; o que se reflete no grupo de pares. A moralidade feminina está ligada ao comportamento sexual e a moralidade masculina ao seu bom desempenho nos estudos, prevendo que serão bons "provedores". O que pode ser ameaçado se os amigos não tiverem qualidades condizentes com estas moralidades.

Uma tática bastante utilizada pelos pais para saberem quem são os amigos dos filhos, é fazer com que estes os tragam em casa, o que geralmente dá certo com as moças e não com os rapazes. Neste caso, os pais ficam mais à mercê das informações que os próprios filhos lhes fornecem. Como estas são quase nulas (pais e filhos confirmam isto em suas entrevistas), não é difícil supor que o êxito no controle dos amigos é maior com as filhas do que com os filhos.

O conhecimento e a consequente possibilidade de julgar sobre as qualidades positivas ou negativas dos amigos de seus filhos fica, entretanto, mais na dependência de saber quem são os pais destes amigos do que como resultado de um conhecimento direto travado com eles. Quer onde isto ocorre, quer onde não, a pergunta: "é filha de quem? é filho de quem?" está contida nas entrevistas com os pais. Claro que nem sempre com tanta clareza quanto Bruna o fez. Na maioria das vezes isso aparece quando eles associam a aprovação às amizades dos filhos com o fato deles também serem amigos dos pais ou terem alguma referência sobre eles; uma delas serem católicas, o que envolve terem os mesmos "princípios morais". Mesmo que esta relação não seja percebida como indissociável, a segunda característica é tida como imprescindível. Há por trás deste critério um pressuposto e que é igual ao utilizado por grande parte dos pais quando associam o "ajustamento conjugal", o próprio exemplo deles e os valores transmitidos, aos filhos não romperem com suas expectativas: o de que os principais responsáveis pelo comportamento dos filhos são os pais.

Em relação aos namorados dos filhos, também as qualidades requeridas destes são diferentes. Para as filhas, a preocupação dos pais é que o namorado "tenha futuro". Quando os pais afirmam ter tido ou terem conflito com as filhas por causa dos namorados destas, as reclamações vão no mesmo sentido. No caso, deles

"não terem futuro":

"Veja a Beatriz com esse rapaz que ela está namorando. Ele agora é que está tirando o primeiro grau. Ganha pouco, uma miséria, trabalha só meio expediente e o resto do dia dorme. Um rapaz de vinte e um anos! Ela com dezoito já está na faculdade. Qual é o futuro que tem esse rapaz?" (Bruna).

"Um motivo de conflito com as filhas e que eu tinha preocupação, é determinados namorados que elas tiveram e eu via que não eram nada na vida. Não continuaram os estudos e não trabalhavam, eram vadios. Isso é bom para ser colega, mas para namorar não, porque eu não quero ver minha filha casada com um sujeito que não tem nada na vida" (Emílio).

Assim como o indicador de que o rapaz não é "vadio" é ele trabalhar e/ou estudar, o indicador de que "tem futuro" é estudar ou cursar a universidade.

Para os filhos, a preocupação dos pais é que a namorada seja "direita", "séria". Embora alguns valorizem ela "ter instrução" (que vem relacionada com fazer uma faculdade), não é este o ponto enfatizado mas sim suas qualidades ligadas à moral sexual e cujo indicador é sua família de origem.

"Eu torço para que eles escolham uma moça de família católica, de bons princípios. Desde que seja uma moça solteira, decente, direita, não terá nenhuma contrariedade minha, eu vou apoiar, terão toda liberdade (sic)" (Carlos).

Aqui, permanece a mesma divisão moral já apontada quanto aos amigos dos filhos. São que como o namoro envolve a possibilidade do casamento futuro, está em jogo o que outras pesquisas apon-

tam: que num contexto onde a ascensão social é vivenciada, a preservação do status familiar se realiza com as mulheres garantindo a continuidade moral e os homens a posição social (5).

## 2. A visão de filhos e filhas

### 2.1 - Sobre a relação

A relação das filhas com pais e mães é uma relação calçada na hierarquia. Isso se evidencia pela valorização, por parte delas, na obediência e aceitação. Ambas indissociáveis e que são o eixo que as orienta na relação com os pais. A aceitação, neste caso, é delas enquanto filhas, isto é, pertencentes à família e tendo nesta um lugar próprio. A obediência é, para elas, corresponder às expectativas dos pais:

*"Até hoje eles não me criticaram assim em nada sério, porque - não é que eu queira me achar assim uma filha bem educada - mas eu não dei motivo, porque a educação que eles me deram já colocou os limites. Eles não precisam dizer: ah! isso você pode fazer, isso você não pode. Eu já entendia o limite do que é ser uma boa filha ... "(Dalva).*

Perceber-se como alguém moldado pela família e, portanto, parte de um conjunto de valores, é comum a todas as filhas entrevistadas. Ser "boa filha" é aparecer perante os pais como respeitadora das regras decorrentes destes valores e um pressuposto da aceitação por parte dos pais.

Embora obediência e aceitação sejam o eixo tanto no que diz respeito a relação mães/filhas, como à entre pais/filhas, ambas se atualizam diferentemente em cada um dos dois casos. Em

---

(5) Ver Abreu (1982) e Salem (1980).

outras palavras: a atualização da hierarquia se dá diferente em função do sexo dos pais e isto é percebido claramente pelas filhas.

A relação com as mães se dá através do diálogo. Com elas as filhas afirmam ter "abertura" (que envolve "contar tudo", "não ter segredos" e participar-lhes os "problemas pessoais") e por isso "proximidade". Ambas são explicadas pela "natureza" feminina "aberta" das mães. Esta é a condição fundamental para a existência do diálogo. A outra condição é o "interesse" que as mães demonstram pela vida das filhas.

*"Ela é muito carinhosa e gosta de ficar sabendo de tudo; é muito interessada em mim" (Anita).*

*"A mãe sempre quer saber onde eu vou, o que eu fiz, com detalhes. É o jeito dela. Ela é muito interessada na gente, em saber o que a gente pensa, o que fez" (Dalva).*

As filhas valorizam assim o diálogo com as mães porque, além de ser a demonstração de "interesse" por elas, cria um ambiente afetivo e caloroso. Ele estabelece também para as filhas um campo possível de negociação como, por exemplo, sobre horários de chegada em casa, ida às festas, saídas com o namorado e os amigos.

A rigor, o diálogo não altera os limites impostos à conduta das filhas. Mas ele atenua, significativamente, a percepção da "obediência", porque os valores - e os limites que eles definem - são sutilmente reforçados através das mães escutando as filhas e interpretando suas colocações segundo sua própria ótica, porém dentro de um clima de flexibilidade. Esta, no entanto, tem como parâmetro a integridade dos valores que orientam a família. Estes não são contestados nem confrontados na relação. É neste sentido que a hierarquia se atualiza entre as filhas com as mães através do diálogo.

Na relação com os pais, já que o diálogo não aparece mediando, a valorização da aceitação e, portanto, da obediência como condição para isto, é forte. A relação com eles é percebida pelas filhas como "distante" (porque "eles não se chegam") e como de au-

toridade:

*"Às vezes ele quer ser o mandão, tudo que ele fala é que é o certo, e é muito fechado. A criação dele foi mais puxada, severa, então eu tenho que compreender isto, aceitar. Porque ele não muda mesmo" (Ana).*

Mas apesar de reclamarem sobre o "fechamento" e sobre o "ser mandão", as filhas acabam por reconhecer nestas qualidades características "próprias" dos homens. Por isto, apesar de expressarem que gostariam de maior "abertura" com os pais, aceitam a obediência como a definição por excelência da relação.

Para várias filhas, a preocupação com a obediência se revela no receio de ser "rejeitada" pelo pai; exemplo extremo da valorização por parte delas na aceitação:

*"Aquilo me incomodava, porque eu me sentia quase que rejeitada porque o pai não estava aceitando muito bem o meu namorado. Então eu me sentia mal também" (Dalva).*

Enquanto a relação com a mãe é de "proximidade e abertura", concretizadas numa troca afetiva, dos pais as filhas esperam cobrança direta sobre seu comportamento:

*"Às vezes eu me sinto meio presa porque ele é muito de controlar. Quer saber onde eu vou e qualquer rapaz que eu conheço quer saber quem é. Mas isso também é normal de pai" (Diva).*

Ao mesmo tempo continuam buscando uma aproximação com os pais. A maioria delas afirma gostar que a mãe ponha o pai ao par do que acontece com elas. Valorizam assim a mediação da mãe como uma tentativa de "diálogo indireto" com os pais.

A obediência e aceitação, que orientam as relações en -

tre as filhas e ambos os pais, não impedem que algumas delas ultrapassem os limites estabelecidos pelas normas paternas. Porém, a atitude que têm quando isto acontece, vem confirmar minha interpretação até aqui: elas lastimam "não poder contar-lhes tudo" mas não fazem isto. A situação conflituosa que resultaria disto, é pensada pelas filhas como uma séria ameaça à sua aceitação pelos pais. Por isto, respeitando a hierarquia, continuam aparecendo perante os pais como "boa filha". O segredo é a garantia da aceitação.

A relação dos filhos com pai e mãe se caracteriza por um conflito entre dois valores: obediência e autonomia.

Os rapazes se autodefinem como "fechados" e atribuem isto a uma natureza masculina ("temperamento", "maneira de ser", "é de mim"). O "temperamento" masculino "fechado", é traduzido por "auto-suficiência":

*"Eu não me abro muito assim com ninguém, principalmente em casa. Eu guardo mais para mim, eu gosto de me sentir autosuficiente. Eu acho que a gente quando se abre muito fica vulnerável, então eu não falo. Isto é de mim" (Eduardo).*

Assim, resguardar-se da vulnerabilidade significa manter sua autonomia, sua "autosuficiência".

Por outro lado, têm a obediência como um valor. Assim, o reconhecimento da hierarquia se cruza, com frequência e de forma mais ou menos problemática, para os rapazes, com a importância e a reafirmação constante da própria autonomia.

Na relação com as mães este conflito é mais brando: "compreensivas" e "abertas", são também mais flexíveis. Os rapazes, com as mães, cruzam obediência e autonomia. Primeiro, no pouco falar sobre "suas coisas". Relacionando isto com sua "natureza fechada", pensam a relação com elas muito mais de doação delas do que delas, sem que este distanciamento que fazem das mães seja problematizado.

*"Ela compreende mais, faz quase tudo que eu quero, trata na palma da mão. Chego*

em casa cansado e ela faz a comida, faz tudo para agradar" (César).

"A mãe é mais aberta, é uma pessoa incrível. Nunca vi ninguém se doar tanto quanto ela" (Edson).

O segundo cruzamento entre obediência e autonomia, se dá através do segredo sobre a "desobediência":

"... tem coisas que se eu dissesse que iria fazer, ela talvez não deixasse, não gostasse. Daí eu nem falo, eu faço e pronto". (Edson).

Na relação com os pais, o conflito se torna explícito. Na medida em que a autoridade destes é constantemente atualizada na forma de controles diretos e cobranças, aparece para os filhos como antagônico com sua autonomia.

Os rapazes entendem as tentativas dos pais em fazê-los obedecer, como eles querendo que os filhos os reproduzam, isto é, sejam iguais ao que eles são. É contra isto que os rapazes se posicionam:

"Ele quer empurrar as coisas dele para cima de mim. Quer saber onde é que eu ando, o que eu faço, que horas tem que chegar. Ele quer dizer para mim como tem que ser as coisas, quer sempre responder por mim e eu não admito isso" (César).

"Porque o meu pai está querendo fazer de mim um novo Emílio, quer que eu seja que nem ele. A gente é produto da educação, mas eu acho que a gente não deve ser a cópia do pai" (Edson).

Assim, a "desobediência" vem relacionada com um valor individualista: garantir uma identidade própria. Mas isto não significa que es

tejam questionando ou pondo em cheque a sua definição enquanto filho, parte do todo familiar.

É menos problemático para os rapazes do que para as moças, esconder dos pais certos comportamentos. Mas como ficará claro adiante, a área onde a "desobediência" mais ocorre é aquela onde há maior flexibilidade para os rapazes e sobre a qual os pais não se importam de fazer de conta que não viram: a sexualidade.

Assim, na relação com ambos os pais, os rapazes fazem por manter sua autonomia. Mas está presente em suas atitudes um outro valor que contribui para o significado segredo: não desmerecer seu lugar de filhos. É necessário esclarecer que, apesar de não problematizarem a "desobediência" em seu discurso, de forma explícita, os rapazes fazem constantemente referências ao fato de que os valores paternos (familiais) estão "certos", que reconhecem ter "errado" quando deles fogem. Neste sentido, a obediência e, conseqüentemente, o pertencer à hierarquia familiar, entra em choque com sua "natureza fechada e autônoma", o que nem sempre é claro para os rapazes.

Finalizando, há a ressaltar que tanto os rapazes como as moças naturalizam o ser mulher pela demonstração de afeto, abnegação e o ser homem pelo contrário, traduzidos no ser "aberto" e "fechado". Isto aparece não só no significado de mãe e pai como no de filho e filha. Continuam assim reproduzindo as fronteiras entre os gêneros.

## 2.2 - Sobre os alvos de controle dos pais

### A. O estudo para filhas e filhos.

Em relação às moças, Anita e Ana são as únicas que não estão na universidade, o que é de se esperar dada a idade das duas. Beatriz, Diva e Dalva estão na metade de seus cursos de música, arquitetura e engenharia respectivamente. Elza se formou em biologia e cursa o mestrado nesta área.

A indefinição inicial na escolha do curso a fazer, é uma característica comum no discurso das moças, mesmo entre aquelas

que não estão na universidade:

"Eu fiz vestibular para psicologia, daí não passei. Até dou graças a Deus que não tenha passado, porque eu preferia ter passado na estadual mesmo e ia fazer para educação física. Mas aí eu decidi fazer para música, que eu também gosto de música e estou gostando da faculda - de ... eu já tinha facilidade para ritmo, para cantar ... "(Beatriz).

"Eu não tinha certeza do que ia fazer. A mãe até disse assim: porquê tu não fazes direito ou administração? Mas aí, eu não sei. De repente até posso fazer administração depois que terminar arquitetura, porque eu também gosto disso" (Diva).

Intimamente relacionado com a indecisão na escolha, está o critério dominante desta escolha: o "gostar". Assim, o dilema que se coloca para elas no momento de entrar para a universidade, é saber o que escolher quando o "gostar" se revela difuso e não excludente. Mas ter no "gostar" o critério de escolha do curso, revela algo mais: a despreocupação por parte delas com a rentabilidade da profissão futura e que é corroborado pelo fato de que nenhuma enfatizou este ponto. O silêncio é significativo da idéia de que elas não se percebem futuramente como as responsáveis pelo sustento da família.

No entanto, o projeto que todas elas tiveram ou têm de cursar a universidade, vem ligado a ter uma profissão futuramente e que é considerado pelas moças como importante exercer. As razões que fornecem para isto são, principalmente, o "crescimento" e "desenvolvimento pessoal", além do "serem independentes":

"Eu não tenho gosto em ser só dona de casa. Quero encontrar um mundo também fora, aprender as coisas, ter um crescimen

to" (Dalva).

"Eu vejo pela minha mãe, ela não trabalha fora. Fica em casa fazendo tricô, vai para o lanche com as amigas e aí a conversa é: porque meu filho fez isso, ti, ti, ti ... trabalhando tu estás todo dia conversando, batendo um papo novo, se desenvolvendo e a gente fica mais independente" (Beatriz).

Algumas delas também acionam que tendo uma profissão e trabalhando garantem, com seus futuros maridos, uma relação de "igualdade":

"... eu quero a minha igualdade. O cara que casar comigo não vai esperar que vai casar com uma mulher, como na maioria dos casamentos, em que ela vai esperar o marido com a comidinha em casa. Porque para começar, eu vou estar sempre na rua também, então os dois se viram" (Elza).

Estas colocações evidenciam uma tendência individualista das moças quando projetam suas vidas para a frente. Isto, porém, não impede que elas permaneçam preocupadas (como as mães) em conciliar o ser "dona de casa" com o ser profissional. Ambas devem caminhar juntas. Talvez por isto a tendência da maioria delas em escolher ser professora. Em alguns casos, o "gostar" do curso como critério de escolha, vem acompanhado da possibilidade desta conciliação:

"... é um curso que dá opção para a pessoa ficar trabalhando em casa, projetando em casa. Então eu posso ficar em casa, cuidar da casa e do meu trabalho" (Diva).

Também nos casos em que um curso de pós-graduação é colocado como projeto, ele aparece condicionado ao casamento e à maternidade:

"A mãe disse que ela achava que eu ia acabar casando, não ia nem viajar. Mas eu não sei; eu penso, é claro, em constituir uma família, ter filhos. Eu sempre fui muito assim mãezinha das minhas bonecas, então eu acho que tenho bastante espírito maternal e, de alguma maneira, se eu fosse sair para fazer um curso, acho que iria atrapalhar" (Dalva).

Assim, o significado "moderno" que imprimem à profissão, é acompanhado da permanência da idéia de que suas "vocações" são a maternidade e o ser "dona de casa".

Em relação aos rapazes, apenas Edson não está na universidade (ele cursa o penúltimo ano do segundo grau). César e Célio estão terminando os cursos de engenharia e veterinária respectivamente e Eduardo iniciando o curso de biologia.

Para eles, a escolha do curso se faz muito cedo e há poucas dúvidas sobre o critério para defini-lo: a rentabilidade da profissão futura. Isto inclui a "extensão do campo" e o tipo de remuneração que a área do curso oferece. No entanto, este critério faz com que a maioria dos rapazes passe por um dilema diferente do que ocorre com as moças: compatibilizar "fazer o que gosta" e se preparar para uma profissão que lhe seja rentável, o que nem sempre é possível:

"... eu pretendo continuar estudando, daí fazer a faculdade. Não dá para se pensar só no dinheiro, eu quero fazer o que eu gosto. Mas hoje em dia não dá de se fazer isso. Então eu vou fazer direito mesmo ... " (Edson).

Assim, o critério que utilizam para a escolha do curso e o dilema que isto envolve, demonstra que os rapazes se percebem como futuros provedores.

O ingresso na universidade é visto como fundamental. Mesmo entre aqueles que se mostram mais contrários à expectativa dos

pais:

" ... aã fiz vestibular de novo e passei. Mas desta vez a barra em casa estava muito forçada, o pai e a mãe já não queriam ver eu neste estado. Então, eu levei o curso mais a sério e passei. O lado que vai sofrer mais vai ser o lado de velejar, de surfar, ir à praia e tal. É um bom costume e mau ao mesmo tempo. No final eu acabo concordando com eles que realmente eu não vou poder ficar nessa vida sempre, que eu tenho que fazer uma universidade, ter uma profissão que dê futuro. Então, vou deixar essa vida e ficar mais ou menos enquadrado ..." (Eduardo).

Um outro ponto importante de ressaltar diz respeito ao fato dos rapazes quererem, o mais rapidamente possível, exercer uma profissão com a finalidade de "escapar do controle paterno". O que revela a profundidade do conflito entre obediência e autonomia que explorei no item sobre a relação dos rapazes com os pais. Tornar-se financeiramente independente é poder exercer plenamente a autonomia para a qual foram treinados. Tanto isto é importante que, eles têm ou estão tentando ter, uma atividade remunerada, na maior parte das vezes vista como temporária, que não seja incompatível com os estudos. O curso universitário é, no entanto, prioritário. Essa "vontade de querer se libertar, manter uma independência econômica do pai", como afirma César, não os impõe a buscar um trabalho melhor remunerado enquanto estão estudando, pois "ia tomar tempo e atrapalhar o curso". Adiam, desta forma, a "independência de quando eu me formar".

## B. A sexualidade para filhas e filhos

A grande maioria das moças considera importante a manuten

ção da virgindade até o casamento. Logo de início, justificam isto pela maneira como foram socializadas: "acho que é mais por aqueles costumes, aquelas coisas que tem assim antes né?"; "porque aqui em casa a gente sempre teve essa educação" e "pela formação".

O outro argumento é o de que a relação sexual só deve ocorrer com amor e com quem "vão conviver o resto da vida":

*"É melhor com o casamento, porque quando duas pessoas se casam é porque elas têm certeza que se amam e vão conviver o resto da vida juntos" (Dalva).*

Todas elas falam que para ter relação fora do casamento, é preciso haver "certeza que é amor mesmo" e não "só atração sexual", ou seja, de que vão se casar. A "certeza" do amor, se traduz assim no receio de que a passagem de virgem e não virgem ponha em risco sua moralidade, ameaçada pela possibilidade de não casarem com o rapaz. O casamento é, para elas, a garantia de que isto não ocorrerá. Daí a vinculação inseparável entre elas de sexo-amor-casamento.

No caso daquelas que não são virgens esta relação, pelo menos inicialmente, não aparece. Embora seja também o amor que justifica a relação sexual. Aqui ele aparece por oposição a "dar para qualquer um" ou "transar com todo mundo". No entanto ambas manifestam que quando tiveram relação sexual pela primeira vez, fizeram isto pensando que o rapaz seria o futuro marido: "eu achava que ia ficar com ele para sempre e a gente ia se casar". Neste sentido, também para elas é significativa a relação sexo-casamento, o que se reforça pela dificuldade que ambas relatam em terminar o namoro "por causa daquilo". Uma delas também coloca que não quis que o atual namorado percebesse que ela já havia tido relação sexual com outro: "fingi ser virgem, fazendo cena". Isto, aliado ao fato de que pretende se casar com ele, demonstra sua preocupação de não por em risco o casamento.

Há também entre elas a preocupação em se separar das que "transam com todo mundo", "dão para qualquer um" e de mostrar isto para os namorados. Por exemplo:

*"... se tu vai e transa com o cara no*

*início do namoro, ele pode pensar que tu não és séria ..."*

E aqui os dois pontos comuns a todas as moças se entrelaçam. Quer considerem importante ou não "transar" antes do casamento, perder a virgindade representa sempre o perigo de não serem tomadas como "sérias" e de assim não casarem. Isto coincide com a percepção delas sobre o comportamento sexual dos rapazes de um modo geral.

A crítica delas é no sentido do comportamento ambíguo dos rapazes em relação às moças, usando dois pesos e duas medidas: para eles o relacionamento sexual antes do casamento, a infidelidade e para elas não, onde exigem a virgindade como condição para o casamento. Por exemplo:

*"O homem tem uma visão muito machista. Ele acha que pode gozar a vida quanto quiser antes do casamento, ter relação com quem ele quiser, à hora que quiser, pode ter quantas namoradas quiser. Mas quando ele casar, não vai querer pegar as meninas que ele teve relação. Vai querer uma mulher mais quieta, mais fechada, virgem, não é?" (Dalva).*

*"Para um namoro sério eles escolhem uma mulher virgem. Agora, quando é para festejar, não exigem isto. As que ainda preservam são mais preservadas por eles. Agora, a namorada está em casa e ele está botando mil e dois galhos nela" (Beatriz).*

A maneira como as moças reagem diante desta constatação é de início semelhante: "homem e mulher devem agir igual". Esta "igualdade" é percebida em dois sentidos diferentes: dos dois "se preservarem" até o casamento e o contrário, coincidindo com a posição que têm: contra ou a favor da relação sexual fora do casamento. A "igualdade" significa também que homem e mulher são devem ter sexo com amor:

"Eles deveriam também sō ter relação com amor, porque a maioria das vezes eles têm relacionamento sō para se satisfazer fisiologicamente e não passa disso, ou sō porque tem atração física" (Anita).

Sō que para as moças que se mantêm dentro do discurso católico - sexo com amor no casamento - esta posição é reconhecida como "difícil" de ocorrer entre os rapazes. Diante disto, é comum entre elas a afirmação de que:

"... eu acho difícil encontrar um rapaz que não tenha tido nenhuma experiência antes de casar. Então, eu acabo aceitando, nē ?" (Diva).

Essa idéia de "aceitar" nos rapazes um comportamento não admitido para elas, faz com que acabem por reforçar o que vinham criticando neles: ter a namorada "séria" com quem farão sexo com amor, quando casar, e "festar" com as outras. Ao mesmo tempo reafirmam as fronteiras entre homem e mulher, onde ao primeiro é permitido sexo sem amor e à mulher não.

No caso dos rapazes, todos se colocam a favor de "transar" fora do casamento e estendem isto à mulher em nome de que ambos têm "o mesmo direito". Mas este discurso de igualdade se revela diferente quando eles discorrem sobre o próprio comportamento sexual e o das mulheres. Quando diz respeito a estas, todos fazem uma separação entre a mulher que "sai com todo mundo" e/ou "faz sexo com qualquer um" e aquela que faz "por amor":

"Eu sou bem liberal. Se a mulher quiser transar antes do casamento é indiferente para mim. Mas tem diferença entre sair com todo mundo e não sair. Eu posso sair com uma menina, transar com ela por amor e isso não quer dizer que ela seja uma vagabunda" (César).

Fazer sexo com amor significa que a mulher é "séria", por oposição àquela que faz sem amor e que é classificada por eles como "vagabunda", "vadia", "galinha".

Quando se referem a como se comportam sexualmente, o discurso é outro. "Fazer sexo" ("sexo pelo sexo") é para eles natural do homem. Justificam isto através da "necessidade fisiológica", do "instinto", que tem de ser "satisfeito" e é "incontrolável".

*"Quando estou namorando com alguma, não admito que tenha outro namorado, porque eu também não vou procurar outra guria. Quer dizer, procuro. Mas geralmente são só conhecidas minhas, que eu transo com elas mais esporadicamente, só para ter relação mesmo, por necessidade fisiológica. Claro! tem que ter uma atração pela guria, não é?" (Célio).*

Assim, ao mesmo tempo que criticam as mulheres que "dão para qualquer um", é com elas que "fazem sexo", separando, também, a mulher "para namorar" e "só para transar". Embora a virgindade feminina não seja colocada por eles como condição para o casamento, atuam no mesmo sentido das moças, que no item anterior colocam: ter a namorada "séria", que reservam para "fazer amor" no casamento e aquela para "festar".

Há no entanto que ressaltar que esta atitude dos rapazes é para eles conflitosa. Por exemplo:

*"... eu tenho consciência para caramba, só que tem horas que a consciência avisa e eu não obedço. Aí depois bate o arrependimento. É aquele negócio da Igreja, dos velhos, não é? que a gente aprende desde pequeno que é errado antes do casamento ou não tendo amor" (Edson).*

Um conflito que, a meu ver, é decorrente do contato deles com duas ordens contraditórias: enquanto homens é natural ter sexo sem amor e "transar" fora do casamento. Mas isto é "pecado" porque, como

diz o discurso católico, o sexo sô deve ocorrer com amor, no casamento. Pela visão que os pais têm sobre o comportamento sexual masculino, como demonstrei anteriormente, fica evidente a contribuição deles nisto.

### 3. Considerações finais

É dentro do paradigma "tradicional" que a geração dos pais continua a definir os gêneros. No significado das categorias pai e mãe as fronteiras são claras e nítidas, tendo por marco divisor a afetividade como característica natural da mulher. Assim, o pai se define como distante dos filhos e figura de autoridade, a mãe próxima e abnegada. O mesmo marco divisor está presente na expectativa de que as filhas sejam "abertas" e os filhos "fechados".

~~A presença de uma moralidade feminina e outra masculina, já evidenciada no capítulo III, é reproduzida através de expectativas diferentes sobre o desempenho escolar e o comportamento sexual dos filhos. O homem é vinculado ao seu papel de provedor e responsável pela posição social da família que vier a constituir e a mulher aos cuidados da casa, dos filhos e responsável pela honra masculina, que é garantida pelo controle de sua sexualidade através de ter sexo sô com amor no casamento. Neste caso, a igualdade que o discurso católico propõe, é apropriada pelos pais no sentido mais "tradicional".~~

No que diz respeito à geração dos filhos, predomina a continuidade destas fronteiras entre o ser homem e ser mulher. Há, no entanto, alguns pontos de ruptura. Um, é o significado que as filhas imprimem ao trabalho extradoméstico. O outro, é a igualdade que propõem entre os gêneros com respeito à relação sexo - amor. A presença do ethos individualista nestes casos é evidente, assim como entre os rapazes a idéia de autonomia individual. Porém, estas rupturas não chegam a ser significativas a ponto de questionar as fronteiras de gênero apresentadas pelos pais. Como também o individualismo não se estende a ponto de por em cheque a relação entre as gerações como calcada na assimetria, onde autoridade e obediência são os valores fundamentais. O diálogo, tanto para pais quan-

to filhos (principalmente as filhas), é subordinado e lido dentro da lógica hierárquica prevalecente, onde as "vocações" de pais e filhos, colocadas pelo discurso católico, são mantidas.

Assim, homens e mulheres de ambas as gerações se definem pela posição que ocupam na família, determinada por sexo e idade, onde o valor maior não é o indivíduo mas o grupo familiar.

Finalizando, a vinculação que estas famílias têm com o discurso católico é, a meu ver, fundamental para a predominância do ethos holista entre eles, sendo um marco para estabelecer a diferença com outros segmentos de camada média onde o individualismo é dominante e por isso, questionador da hierarquia familiar.

ANEXO I

Roteiro da entrevista com os casais

1. Trajetória social antes e depois do casamento
  - a. Dados pessoais: idade, onde nasceu (caso não seja em Florianópolis: quando veio e porque), grau de instrução
  - b. Situação econômica dos pais
  - c. Situação econômica do casal: do início do casamento até hoje
  - d. Histórico profissional: -para a mulher que não trabalha - porquê (se já trabalhou, relato deste trajeto)  
-para o homem e a mulher que trabalha - quando começou, porquê e relato deste trajeto  
-Significado do trabalho feminino
  - e. Projetos realizados e por realizar
2. Vinculação com a religião católica
  - a. Histórico
  - b. A vinculação às "Equipes de Nossa Senhora": como funciona e seu significado para o casal
3. Relação conjugal
  - a. Definição do parceiro e autodefinição (como marido e/ou esposa)
  - b. Como é a relação; modificações desde o início do casamento
  - c. A divisão nas tarefas de casa, na educação dos filhos; o significado desta divisão
  - d. Atividades que exercem juntos e separados fora de casa
  - e. Pontos de conflito e como agem diante deles.
  - f. Significado de casamento e família; mudanças que percebe
4. Relação com os filhos
  - a. Definição dos filhos e autodefinição (como mãe ou pai)
  - b. A relação com eles

- c. Como é a relação do parceiro com os filhos
- d. Como procura orientá-los - expectativas e receios em jogo ;  
preocupação com a religião; diferenças entre filhos e filhas
- e. Diferenças e semelhanças com respeito a como foi educado
- f. Motivos de conflito e como age
- g. Atividades dos filhos fora de casa - há vigilância e controle ? onde? diferenças entre filhos e filhas

ANEXO II

Roteiro da Entrevista com filhos e filhas

1. Dados pessoais
  - a. Idade, onde nasceu, grau de instrução
2. Projetos
  - a. Estudos: escolha do curso, porquê, o que pretende com ele; significado atribuído aos estudos
  - b. Trabalho: trabalha ou não e porquê. Se trabalha: quando começou, porquê, empregos que teve; significado deste
  - c. Outros: (casamento, sair de casa, ...).
3. Vinculação com a religião católica
  - a. Histórico
  - b. Religião atual e porquê
4. Relação com os pais
  - a. Definição dos pais e autodefinição (como filho)
  - b. A relação com eles
  - c. O que os pais gostam no seu comportamento ?
  - d. O que fala ou não com os pais - porquê ?
  - e. Pontos de conflito e opinião a respeito de como os pais agem
  - f. Os pais exercem algum controle e vigilância ? Como age ?
  - g. Significado de família; mudanças que percebe
5. Sexualidade
  - a. Comportamento sexual da mulher e do homem
  - b. Namoro e casamento
  - c. Comportamento dos jovens em geral

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Ovídio de  
1981 "O Parentesco como Sistema de Representações: um estudo de caso" in: Velho, G. e Figueira, S. (orgs) Família, Psicologia e Sociedade, Ed. Campus, RJ.
- 1982 "Parentesco e Identidade Social" in: Anuário Antropológico - 80, Edições Universidade Federal do Ceará e Tempo Brasileiro - Fortaleza e Rio de Janeiro.
- ALMEIDA, Maria Isabel M.  
1985 "A maternidade, nova mas presa ao destino" in: Caderno Especial ("A Nova Família") do Jornal do Brasil, RJ, 14.07.1985.
- ARAGÃO, Luiz Tarlei de  
1983 "Em Nome da Mãe: posição estrutural e disposições sociais que envolvem a categoria mãe na civilização mediterrânea e na sociedade brasileira" in: Perspectivas Antropológicas da Mulher, Vol. 3, Ed. Zahar, RJ.
- ARY, Zaïra  
1983 "Religião, Classe social e Sexualidade". Comunicação apresentada no VII Encontro Anual da ANPOCS - Águas de São Pedro, SP GT "Religião e Sociedade no Brasil Contemporâneo".
- 1984 "Masculinidade - Feminilidade como modelos e mitos sociais: pesquisa dos fundamentos cristãos" Comunicação apresentada no VIII Encontro Anual da ANPOCS GT Família e Sociedade.
- BADINTER, Elisabeth  
1985 Um Amor Conquistado - O mito do amor materno, Ed. Nova Fronteira, RJ.
- 1986 Um é o Outro - relações entre homens e mulheres, Ed. Nova Fronteira, RJ.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de  
1981 "Testemunho de Vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice" in: Perspectivas Antropológicas da Mulher, Vol. 2 Ed. Zahar, RJ.

- 1985 "Avós, autoridade e afeto" in: Caderno Especial ("A Nova Família") do Jornal do Brasil, RJ - 14.07.1985.
- BARROSO, Carmen L. M. et alii  
"Percepção de Controle e Inovação de Papéis Sexuais" in: Cadernos de Pesquisa nº 25 - Fundação Carlos Chagas, SP.
- BELOTTI, Elena G.  
1977 Educar para a Submissão, Ed. Vozes, Petrópolis - RJ.
- BOFF, Leonardo  
1979 O Rosto Materno de Deus - Ensaio interdisciplinar sobre o feminismo e suas formas religiosas, Ed. Vozes, Petrópolis - RJ.
- BOURDIEU, Pierre  
1974 A Economia das Trocas Simbólicas, Ed. Perspectiva, SP.
- BLAY, Eva Alterman  
1975 "Trabalho industrial x trabalho doméstico. A ideologia do trabalho feminino" in: Cadernos de Pesquisa nº 15, Fundação Carlos Chagas, SP.
- BRUSCHINI, Cristina e CAVASIN, Sylvia  
"O Cotidiano em Famílias Urbanas: trabalho doméstico, distribuição de papéis e uso do tempo". Fundação Carlos Chagas, SP., mimeogr.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de (org.)  
1973 "Catolicismo no Brasil" in: Católicos, Protestantes, Espíritas, Ed. Vozes, Petrópolis - RJ - Parte II.
- CANEVACCI, Massimo (org.)  
1981 Dialética da Família, Ed. Brasiliense, SP
- CASTRO, E.B. Viveiros e ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de  
1977 "Romeu e Juleita e a Origem do Estado" in: Velho, Gilberto (org) Arte e Sociedade, Ed. Zahar, RJ.
- COOPER, David  
1980 A morte da Família, Ed. Martins Fontes, SP
- COSTA, Jurandir Freire  
1983 Ordem Médica e Norma Familiar, Ed. Graal, RJ.

- DA MATTA, Roberto  
1986 "Virgindade: o tabu sobrevive em 1984 ?" in: Explorações - Ensaio de Sociologia Interpretativa, Ed. Rocco, RJ.
- DAUSTER, Tania  
1984 "A Experiência "obrigatória": notas sobre o significado do filho em camadas médias urbanas" RJ- PPGAS / MN/UFRJ, datil.  
1984a "A Invenção do Amor: amor, sexo e família em camadas médias urbanas". Trabalho apresentado no IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais e publicado nos Anais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais.  
1985 "Laços e Nós: indivíduo, família e amigos" RJ- PPGAS/ MN/UFRJ, datil.  
1985a "A desafiante mãe solteira" in: Caderno Especial( " A Nova Família") do Jornal do Brasil, RJ - 14.05.1985.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias  
1983 "Três ensaios sobre pessoa e modernidade" in: Boletim Nova Série Antropologia do Museu Nacional, PPGAS/UFRJ nº 41.  
1986 Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas, Ed. Zahar e co-edição CNPq, RJ.
- DUMONT, Louis  
1970 Homo Hierarchicus - Ensayo Sobre el Sistema de Castas, Aguilar, S.A. de Ediciones - Madrid, Espanha.  
1985 O Individualismo - Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna, Ed. Rocco, RJ
- ESTERSON, A. e LAING, R.D.  
1980 Sanidade, Loucura e a Família, Ed. Interlivros, Belo Horizonte, MG.
- FALCONNET, Georges & LEFAUCHEUR, Nadine  
1977 A Fabricação dos Machos, Ed. Zahar, RJ
- FIGUEIRA, Sêrvulo  
1985 "No Reino da Opção". Entrevista concedida ao Caderno

Especial ("A Nova Família") do Jornal do Brasil, RJ  
14.07.1985.

- 1985a "Modernização da Família e Desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil" in: Figueira(org.) Cultura da Psicanálise no Brasil, Ed. Brasiliense, SP.
- FRANCHETTO, Bruna et alii  
1981 "Antropologia e Feminismo" in: Perspectivas Antropológicas da Mulher, Vol. 1, Ed. Zahar, RJ
- GEERTZ, Clifford  
1978 A Interpretação das Culturas, Ed. Zahar, RJ.
- GIDDENS, Anthony  
1975 A Estrutura de Classes das Sociedades Avançadas, Ed. Zahar, RJ.
- GIOBELLINA, Fernando Brumana  
1983 Antropologia dos Sentidos - Introdução às Idéias de Marcel Mauss, Ed. Brasiliense, SP.
- GOLDBERG, M<sup>a</sup> Amélia Azevedo et alii  
1975 "Concepções sobre o papel da mulher no trabalho, na política e na família" in: Cadernos de Pesquisa Nº 15, Fundação Carlos Chagas, SP.
- GOODE, William J.  
1970 A Família, Livraria Pioneira Editora, SP.
- HEILBORN, Maria Luíza  
1984 "Visão de Mundo e Ethos em Camadas Médias Suburbanas no Rio de Janeiro" in: Ciências Sociais Hoje - ANPOCS, Ed. Cortez - SP.
- LAING, R.D.  
1983 A Política da Família, Ed. Martins Fontes, SP.
- LO BIANCO, Anna Carolina  
1985 "A psicologização do feto" in: Figueira (org.) Cultura da Psicanálise no Brasil, Ed. Brasiliense, SP.
- MAUSS, Marcel  
1974 "Ensaio Sobre a Dávida. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas" in: Sociologia e Antropologia, Ed. Pedagógica e Universitária Ltda e Ed. da USP, SP, Vol. II.

- MORAES, David P.
  - 1985 "A opção de ser solteiro" in: Caderno Especial ("A Nova Família") do Jornal do Brasil, RJ - 14.07.1985.
  
- MORAES, Maria Lygia Quartim de
  - 1981 "Família e Feminismo" in: Cadernos de Pesquisa nº 37, Fundação Carlos Chagas, SP.
  
  - 1981a Família e Feminismo: reflexões sobre papéis femininos na imprensa para mulheres. Tese de doutoramento em Ciências Políticas, apresentada ao Dptº de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, SP.
  
- NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria
  - 1985 "Mal-Estar na Família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos" in: Figueira (org.), Cultura da Psicanálise no Brasil, Ed. Brasiliense, SP.
  
- PRADO, Rosane Manhães
  - 1981 "Um Ideal de Mulher: Estudo dos romances de M. Delly" in: Perspectivas Antropológicas da Mulher, Vol.2, Ed. Zahar, RJ.
  
- PRANDI, José Reginaldo
  - 1975 Catolicismo e Família: Transformação de uma Ideologia, Cadernos CEBRAP nº 21, Ed. Brasiliense, SP.
  
  - 1981 "A Família para a Igreja" in: Cadernos de Pesquisa nº 37, Fundação Carlos Chagas, SP.
  
- RIBEIRO, Ivete
  - 1986 "Sobre o amor dos cônjuges: uma análise do discurso católico no século XX". Texto apresentado no X Encontro Anual da ANPOCS - Campos de Jordão, SP, GT Família e Sociedade.
  
- ROSALDO, Michelle Zimbalist e LAMPHERE, Louise
  - 1979 Introdução in: A Mulher, A Cultura, A Sociedade, Ed. Paz e Terra, RJ.
  
- SALEM, Tania
  - 1980 O Velho e o Novo: Um estudo de papéis e conflitos familiares, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ.

- 1980a "Conflito, Poder e Negociação na Família: A Questão Geracional" in: Dados - Revista de Ciências Sociais, Vol. 23, Ed. Campus, RJ.
- 1981 "Mulheres Faveladas: 'com a venda nos olhos'" in: Perspectivas Antropológicas da Mulher, Vol. 1, Ed. Zahar, RJ.
- 1985 "A Trajetória do Casal Grávido: de sua constituição à revisão de seu projeto" in: Cultura da Psicanálise no Brasil. Figueira, Sêrvulo (org.), Ed. Brasiliense, SP.
- 1985a "Gravidez, um projeto a dois" in: Caderno Especial ("A Nova Família") do Jornal do Brasil, RJ-14.07.1985
- 1985b "Família em Camadas Médias: uma revisão da literatura recente" - mimeogr. Texto apresentado no IX Encontro Anual da ANPOCS, Água de São Pedro - SP, GT Família e Sociedade.
- SIMMEL, Georg
- 1973 "A Metrôpole e a Vida Mental" in: Velho, Otávio (org.) O Fenômeno Urbano, Ed. Zahar, RJ.
- VAITSMAN, Jeni
- 1985 "Casal, sim, mas cada um na sua casa" in: Caderno Especial ("A Nova Família") do Jornal do Brasil, RJ - 14.07.1985.
- VELHO, Gilberto
- 1974 "O Estudo do Comportamento Desviante: A Contribuição da Antropologia Social" in: Velho, Gilberto (org.) Desvio e Divergência, Ed. Zahar, RJ.
- 1975 Nobres e Anjos: Um estudo de tóxico e hierarquia, FFLCH/USP, SP - Tese de Doutorado.
- 1981 Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea, Ed. Zahar, RJ.
- 1985 "A Busca de Coerência: coexistência e contradições entre códigos em camadas médias urbanas" in: Cultura da Psicanálise no Brasil. Figueira, Sêrvulo (org.), Ed. Brasiliense, SP.
- 1985a "Dramas e Rotinas da Separação" in: Caderno Especial

("A Nova Família") do Jornal do Brasil RJ, 14.07.1985.

1986 Subjetividade e Sociedade - Uma experiência de geração,  
Ed. Zahar, RJ.

- VELHO, Gilberto e CASTRO, E.B. Viveiros de

1978 "O Conceito de Cultura nas Sociedades Complexas: uma  
perspectiva antropológica" in: Artefato, ano 1, nº 1,  
RJ.

- WANDERLEY, Luis Eduardo

1978 "Igreja e Sociedade no Brasil: 1950-64/1964-75" in: Re-  
ligião e Sociedade nº 3, Ed. Civilização Brasileira,  
RJ.

- Documento Pontifício:

FAMILIARES CONSORTIO ("Sobre a Função da Família Cristã no Mun-  
do de Hoje") João Paulo II, Sínodo de 1980, 22.11.81, Edições Lo-  
yola, SP, 1982.